



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

PAULO ROBERTO FRANCISCO DE LIMA

**EXPERIÊNCIAS, SENSIBILIDADES E PRÁTICAS DOCENTES: ENSINO DE
HISTÓRIA E A MEMÓRIA DAS LIGAS CAMPONESAS EM SAPÉ (2017-2022)**

JOÃO PESSOA-PB

2023

PAULO ROBERTO FRANCISCO DE LIMA

**EXPERIÊNCIAS, SENSIBILIDADES E PRÁTICAS DOCENTES: ENSINO DE
HISTÓRIA E A MEMÓRIA DAS LIGAS CAMPONESAS EM SAPÉ (2017-2022)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração em História e Cultura Histórica.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno

Linha de Pesquisa: Ensino de História e Saberes Históricos.

JOÃO PESSOA-PB

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L732e Lima, Paulo Roberto Francisco de.

Experiências, sensibilidades e práticas docentes :
ensino de história e a memória das Ligas Camponesas em
Sapé (2017-2022) / Paulo Roberto Francisco de Lima. -
João Pessoa, 2023.

179 f. : il.

Orientação: João Batista Gonçalves Bueno.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Ensino de história. 2. História local. 3.
História oral. 4. Ligas Camponesas - Sapé-PB. I. Bueno,
João Batista Gonçalves. II. Título.

UFPB/BC

CDU 94:37(043)



Ata nº 273 de defesa de Dissertação do
Programa de Pós-Graduação em História do
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
da Universidade Federal da Paraíba de autoria
do mestrando PAULO ROBERTO
FRANCISCO DE LIMA, área de concentração
História e Cultura Histórica, linha de pesquisa
em ENSINO DE HISTÓRIA E SABERES

HISTÓRICOS.

Aos dezoito dias do mês de setembro do ano de 2023, às 10 horas, em sessão virtual realizada na Sala <https://>, atendendo aos princípios ordenadores dos Artigos 67 a 72 do Regulamento do Programa de Pós-Graduação em História do CCHLA da UFPB, foi realizada a Sessão de Defesa e Julgamento da Dissertação de autoria do mestrando **PAULO ROBERTO FRANCISCO DE LIMA** matrícula **20211014137**, junto ao PPGH/CCHLA/UFPB, requisito final para obtenção do título de Mestre em História na área de concentração em História e Cultura Histórica, linha de pesquisa ENSINO DE HISTÓRIA E SABERES HISTÓRICOS, conforme encaminhamento da Professora SURYA AARONOVICH POMBO DE BARROS, Coordenadora do PPGH, e cumprimento do exame de qualificação, pré-requisito para esta apresentação, segundo registrado na secretaria do Programa. O trabalho do mestrando foi avaliado pela Banca Examinadora composta pelos(as) professores(as) doutores(as): **JOÃO BATISTA GONÇALVES BUENO** (UFPB – Orientador e Presidente da sessão), **ELISON ANTÔNIO PAIM** (USF - Examinador Externo) e **GUILHERME QUEIROZ DE SOUZA** (UFPB – Examinador Interno). A realização da sessão de Julgamento e Avaliação ocorreu virtualmente na Sala <https://>, divulgado previamente pelo PPGH e com acesso permitido aos interessados em acompanhá-la em tempo real. Iniciada a sessão, o presidente **JOÃO BATISTA GONÇALVES BUENO** apresentou os membros da Comissão e, em seguida, indicou ao mestrando para que fizesse, oralmente e pelo tempo de 20 minutos, a apresentação do Trabalho Final intitulado “*Experiências, Sensibilidades e Práticas Docentes: Ensino de História e a Memória das Ligas Camponesas, Sapé (2017-2022)*”. Concluída a apresentação, procedeu-se à arguição pelos membros da Banca. Ao final da arguição, foi solicitado ao público presente que saísse da sala a fim de que a banca pudesse deliberar sobre a apresentação do mestrando. Após discussão, a Banca emitiu o seguinte parecer:

O texto apresentado para a defesa do título de mestrado, de modo geral, atende satisfatoriamente as exigências de uma dissertação de mestrado, devendo apenas fazer os ajustes sugeridos pela banca. Sugere-se que o texto seja publicado em formato de livro ou de artigos em revistas qualificadas pela

Capes. Assim, decidiu-se pelo conceito **Aprovado**. Deve a secretaria do PPGH, após



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

238

homologação desta ata pelo Colegiado deste Programa, solicitar à Pró-Reitoria de Pós- Graduação da Universidade Federal da Paraíba a emissão, na forma da lei, do
30 respectivo diploma de Mestre em História. Terminada a sessão foi encerrada a reunião, da qual, eu, SURYA AARONOVICH POMBO DE BARROS, Coordenadora do PPGH, lavrei a presente ata que vai assinada pelos membros da banca e pelo mestrando.

35 João Pessoa, 10 de setembro de 2023.

Orientador _____
Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno

40

Documento assinado digitalmente
gov.br ELISON ANTONIO PAIM
Data: 17/11/2023 11:06:53-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Examinador Externo _____ Prof.
Dr. Elison Antônio Paim

45

Documento assinado digitalmente
gov.br GUILHERME QUEIROZ DE SOUZA
Data: 17/11/2023 11:19:02-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Examinador Interno _____ Prof.
Dr. Guilherme Queiroz de Souza

50

Mestrando _____
PAULO ROBERTO FRANCISCO DE LIMA

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pela oportunidade de poder realizar uma pesquisa que me representa e também pela pessoa e profissional que tenho me tornado ao longo da vida. Sem Ele eu não conseguiria expressar todo o amor que eu sinto ao trabalhar na área da educação.

Ao longo da pesquisa passei por muitas dificuldades e, diante delas, muitas pessoas de alguma forma me deram forças e me incentivaram a passar por todas elas.

Então, agradeço a minha mãe Terezinha por estar sempre ao meu lado, me educando e acreditando nos meus sonhos e os tornando reais junto comigo.

Ao querido professor Dr. João Batista Gonçalves Bueno que foi durante esses um pouco mais de dois anos um “parceirão”. Eu fico até sem palavras para descrever o quanto ele contribuiu na minha formação, valorizando minhas experiências, ensinando a corrigir meus erros e superar minhas dificuldades. Sou grato por me ensinar a ser uma pessoa mais sensível, disposta a ajudar outras pessoas. Ele sempre será um grande exemplo de profissional ao qual seguirei.

Sou grato aos meus irmãos Nilda, Nicea, Nielson e Nilson (in memoriam), por ajudarem minha mãe na minha educação para que hoje eu tivesse a oportunidade de cursar uma pós-graduação e por todo amor que sinto vindo de cada um de vocês.

Aos meus sobrinhos(as): Patrícia, Simone, Ludmila, Érica, Dhanrley, Danilo e Nicolas pela parceria, cumplicidade e pelo amor que sempre dedicaram a mim.

Meu muito obrigado a todos os meus amigos em especial a: Mário, Hellen, Everton, Edd, Jairo, Hyasmine, Hyandra, Rennis e Élide pelas palavras de apoio e carinho durante minha jornada na construção desse trabalho.

Aos colegas da turma 2021.1 por terem sido grandes companheiros mesmo distantes por conta da Covid-19 que nos impediu de estarmos juntos de forma presencial por quase toda nossa trajetória no Mestrado. Mas vocês sempre estiveram ali dando força e incentivando. Sou grato a cada um de vocês: Flaviano Ferreira, Lívia Lemos, Aldenize Ladislau, Luan Sanches, Leonília Mendes, Luísa Mendonça, Luiza Paiva, Williams Cabral, Milena Dôso, Dinho Zâmbia, Bruna Lima, Ana Lívia, Júlio Cesar, Ana Paula Estrela, Francisco Diogo, Matheus, José Francisco, Raquel Rocha e Juciene Raquel.

Aos meus companheiros de orientação: Valdinete, Alef, Luana, Raylson Ricardo, Givaldo e Gizelda, obrigado por estarem sempre dispostos a compartilhar suas experiências que contribuíram de forma significativa na minha pesquisa.

Aos professores que ministraram as disciplinas na minha trajetória inicial no Mestrado: Prof. Dr. Ângelo Emílio da Silva Pessoa, Profa. Dra. Cláudia Engler Cury Prof. Dr. Elio Chaves Flores, Profa. Dra. Telma Fernandes, Prof. Dr. Gladson Paulo Milhomens Fonseca e o Prof. Dr. Tiago Luís Gil. Minha gratidão por me proporcionarem momentos tão importantes nos quais adquiri e compartilhei conhecimentos.

Ao Geraldo e todos que fazem parte do programa que sempre me atendeu com paciência e eficiência quando precisei tirar dúvidas ou enviar alguma documentação para PPGH.

Gostaria também de agradecer aos Professores Dr. Elison Paim e Guilherme Queiroz pelas contribuições nas etapas de qualificação e defesa dessa pesquisa que só me fizeram enriquecê-la ainda mais.

Serei sempre grato ao professor Dr. Azemar Júnior por ter me incentivado a participar do processo de seleção do mestrado me dando dicas e mostrando que eu era capaz de alcançar os meus objetivos.

E não poderia deixar de agradecer a todos que fizeram e fazem parte da Escola Luiz José Gonçalo em Inhauá pelo acolhimento que recebi assim que cheguei em 2017 na escola. Posso dizer que encontrei em vocês uma segunda família, pois todos os sentimentos e sensações que tive durante esse tempo os colocaram nessa condição, minha gratidão a todos os estudantes de 2017 a 2022, que fizeram das aulas de História as melhores que eu poderia ter ministrado, ao gestor escolar Edmilson que se tornou um grande amigo ao me apoiar e embarcar em todas as minhas “viagens”, a Jandira por ser essa “mãezona” e amiga que sempre demonstrou carinho e confiança em mim, a todos da equipe escolar em especial aos que contribuíram direta e indiretamente em minha pesquisa: Thiago, Jéssika, Taty, Erkthon, Nildona, Danilo, Sueli, Julie, Selma, Saul, assim como os pais, responsáveis e estudantes que participaram das entrevistas/roda de conversas. Vocês foram uma motivação!

Antecipo meus agradecimentos a todas as pessoas e profissionais que dedicarão um pouco do seu tempo para ler a minha pesquisa, que ela possa motivá-los a darem o melhor de vocês na vida pessoal e profissional, respeitando as experiências e as memórias daqueles que constroem a História junto conosco.

DEDICATÓRIA

À minha mãe Terezinha Francisca de Lima, aos meus irmãos, familiares e amigos por me incentivarem a realizar os meus sonhos!

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar o Ensino de História Local na Escola Municipal Luiz José Gonçalo, localizada na zona rural da cidade de Sapé na Paraíba, a partir dos saberes históricos trazidos pelos estudantes para sala de aula sobre as lutas camponesas vivenciadas historicamente na cidade. A proposta inicial é nos debruçarmos sobre os conteúdos de História Local incorporados ao currículo escolar pela legislação municipal, a saber: as Ligas Camponesas e a história de Sapé. Esses dois conteúdos ganharam visibilidade nas aulas de História do Ensino Fundamental por permitir que os alunos contem em sala de aula as histórias ouvidas em casa e vivida por seus pais e avós. Por se tratar de uma comunidade rural, ainda é muito forte o sentimento de luta e resistência trazido na memória dos trabalhadores do campo que cristalizaram a imagem de seus líderes sindicais como defensores de seus direitos. Esses saberes foram trazidos para sala de aula a partir da História oral, fazendo com que os estudantes participassem ativamente da produção de material didático que foram utilizados em sala de aula para construir a aprendizagem histórica. As aulas de História se tornaram uma oportunidade de juntos compartilharmos e construirmos conhecimentos: as histórias narradas serviam para produzir os materiais que depois eram problematizados em sala, fazendo os estudantes se sentirem ainda mais valorizados e protagonistas da construção de sua própria história. Teoricamente, dialogamos com as categorias de *apropriação* a partir de Roger Chartier, para pensar como essas histórias foram apropriadas pela comunidade escolar, de *experiência* a partir de Jorge Larrosa, para pensar como os sujeitos envolvidos foram afetados e transformados, de *sensibilidades* a partir de Sandra Pesavento, para perceber as emoções contidas nas histórias narradas em sala de aula e de *material didático* a partir de Circe Bittencourt, como sendo aquilo que permite o professor problematizar o conhecimento em sala de aula. Metodologicamente, trabalharemos com as *memórias* a partir das *experiências* narradas pelos estudantes, pais e responsáveis nos apoiando nos escritos de Walter Benjamin, que permite a partir dessas narrativas, refletir e preservar as histórias que foram silenciadas pelas histórias oficiais, reforçando que o estudo da História Local numa escola da zona rural da cidade de Sapé se faz importante para entender como o Ensino de História pode ser capaz de construir uma identidade campesina de resistência.

Palavras-chave: Ensino de História. História Local. História Oral, Ligas Camponesas, Sapé-PB.

ABSTRACT

The related research aims to analyze the Teaching of Local History at the Luiz José Gonçalo Municipal School, located in the rural area of the city of Sapé in Paraíba, based on the historical knowledge brought by students to the classroom about the peasant struggles historically experienced in the city. The initial proposal is to focus on the contents of Local History incorporated into the school curriculum by municipal legislation, namely: the Peasant Leagues and the history of Sapé. These two contents gained visibility in Elementary School History classes by allowing students to tell in the classroom the stories heard at home and experienced by their parents and grandparents. Because it is a rural community, the feeling of struggle and resistance brought in the memory of the rural workers who crystallized the image of their union leaders as defenders of their rights is still strong. This knowledge was brought to the classroom from Oral History, making students actively participate in the production of didactic material that were used in the classroom to build historical learning. History classes became an opportunity for us to share and build knowledge together: the narrated stories served to produce the materials that were later discussed in the classroom, making students feel even more valued and protagonists in the construction of their own history. Theoretically, we dialogue with the categories of appropriation from Roger Chartier, to think about how these stories were appropriated by the school community, from experience from Jorge Larrosa, to think about how the subjects involved were affected and transformed, from sensibilities from Sandra Pesavento, to understand the emotions contained in stories told in the classroom and in didactic material from Circe Bittencourt, as being what allows the teacher to problematize knowledge in the classroom. Methodologically, we will work with the memories from the experiences narrated by the students, parents and guardians, supporting us in the writings of Walter Benjamin, which allows, from these narratives, to reflect and preserve the stories that were silenced by the official stories, reinforcing that the study of History Location in a school in the rural area of the city of Sapé is important to understand how the Teaching of History can be able to build a peasant identity of resistance.

Keywords: Teaching of History. Local History. Oral History, Peasant Leagues, Sapé-PB.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1- Localização do Município de Sapé – PB	27
Imagem 2 - <i>Banner</i> – Exposição de longa duração do Memorial	36
Imagem 3- Encontro presencial curso de História oral por museus – Sapé/PB	37
Imagem 4 - Fachada da escola Luiz José Gonçalves	43
Imagem 5 - Mapa trajeto Sapé/Inhauá - Escola Luiz José Gonçalves, Zona Rural	46
Imagem 6 – Trabalho na agricultura familiar	46
Imagem 7 - Fragmento do instrumento Calendário Socioeducativo 2021- que inclui a semana das Ligas Camponesas	50
Imagem 8 - Fragmento do instrumento Calendário Sociocultural 2022 - que inclui a semana das Ligas Camponesas	52
Imagem 9 - Confecção de cartaz História em Cena – Tema: Cabra Marcado para Morrer	53
Imagem 10 - Capa 1º Edição do Jornal do Gonçalves - Abril de 2019	57
Imagem 11 – Matéria de Capa da 1º Edição do Jornal	60
Imagem 12 – Capa 2º Edição do Jornal do Gonçalves – Agosto de 2019	52
Imagem 13 – Capa 3º Edição do Jornal do Gonçalves – Setembro de 2019	63
Imagem 14 – Capa 4º Edição do Jornal do Gonçalves – Novembro de 2019	64
Imagem 15 – Atividade de leitura na aula de História – Varal da leitura sobre Tiradentes	66
Imagem 16 – Matéria produzida pelos estudantes sobre João Pedro Teixeira	67
Imagem 17 – Representações do homem do campo	69
Imagem 18 – Produção de <i>Podcast</i> : “João Pedro Teixeira um grande homem, um grande líder”	71

Imagem 19 – Capa da apresentação oficina de jogos realizada via Google Meet	73
Imagem 20 – Jogos confeccionados pelos estudantes	73
Imagem 21 – <i>Card</i> do evento Sensibilidades e Memórias do homem do campo.....	75
Imagem 22 – Exposição do evento	78
Imagem 23 – Produção Literária dos estudantes	79
Imagem 24 – Agricultura familiar	82
Imagem 25 – Jogos de tabuleiro	83
Imagem 26 – Contação de histórias/teatro/dança	84
Imagem 27 – <i>Card</i> Concurso Literário (mês da mulher em Sapé)	86
Imagem 28 – Concurso Literário (mês da mulher em Sapé) – Trabalho realizado por um discente - Categoria Biografia	87
Imagem 29 – Prêmio MPT - Ministério Público Do Trabalho na escola 2022, Etapa Municipal	89
Imagem 30 – Prêmio MPT - Ministério Público Do Trabalho na escola 2022, Etapa Municipal, desenho de uma estudante	91
Imagem 31 – FHISTC 2019 – Festival de História e Cultura	93
Imagem 32 – Livro Infanto-juvenil – Recurso didático.....	95
Imagem 33 – Livro Infanto-juvenil – Apresentação dos personagens	96
Imagem 34 – Livro Infanto-juvenil – Contexto Histórico de Sapé	97
Imagem 35 – Capa que inicia o II Capítulo - Livro Infanto-juvenil	98
Imagem 36 – Roda de Conversas	104
Imagem 37 – Quadro sobre a História de Inhauá	116
Imagem 38 – Roda de Conversas – Memórias da infância	118

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Cronograma edições do Jornal e temas abordados	56
Quadro 02 – Participantes da Roda de Conversas em 12/04/2023	113
Quadro 03 – Roteiro Semiestruturado 1º Bloco	114
Quadro 04 – Roteiro Semiestruturado 2º Bloco	114
Quadro 05 – Roteiro Semiestruturado 2º Bloco	115

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

FHISTC - Festival De História e Cultura

EMEIEF - Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental

EMOAP - Escola Monsenhor Odilon Alves Pedrosa¹

MPT - Ministério Público Do Trabalho

IHGP - Instituto Histórico E Geográfico Da Paraíba

PB - Paraíba

PPP - Projeto Político Pedagógico

CGU - Controladoria Geral da União

¹ Atual ECITMOAP – Escola Cidadã Integral Técnica Monsenhor Odilon Alves Pedrosa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO I - SAPÉ: AS HISTÓRIAS QUE SE CONTAM E AS HISTÓRIAS NÃO CONTADAS	26
1.1 Sapé: História Local, Memória e Patrimônio	28
1.2 A presença das Ligas Camponesas e dos trabalhadores na História da cidade: O Memorial das Ligas Camponesas, Elizabeth Teixeira e o documentário “Cabra Marcado para Morrer”	35
CAPÍTULO II - EXPERIÊNCIAS SOBRE ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL NA ESCOLA LUIZ JOSÉ GONÇALO	43
2.1 Experiências, memórias e sensibilidades no projeto escolar	43
2.2 Concebendo o Projeto: Ensino de História, Ligas Camponesas e o diálogo interdisciplinar	49
2.3 O Projeto na Escola e seus resultados	85
CAPÍTULO III - A BUSCA POR OUTRAS HISTÓRIAS EM SAPÉ: POSSIBILIDADES DE CONSTRUÇÕES DE NARRATIVAS	100
3.1 As Possibilidades de uso das memórias para o ensino de História	100
3.2 A memória dos trabalhadores e rememorações das Ligas Camponesas com os pais, responsáveis e estudantes	105
3.2.1 Inhauá: narrativas de memórias	115
3.2.2 O papel fundamental da escola na construção de conhecimentos sobre os povos do campo e o movimento das Ligas Camponesas	129
3.2.3 O movimento camponês: relações com o presente	140
CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
REFERÊNCIAS	148
ANEXOS	152

INTRODUÇÃO

Faz pouco mais de quatro anos que ingressei no quadro permanente de docentes do município de Sapé² e, desde então, fui designado para trabalhar com o Componente Curricular de História na Escola Municipal Luiz José Gonçalo, em Inhauá³. Eu era o estrangeiro, aquele que vinha de fora para intervir na educação de crianças e adolescentes das séries finais do Ensino Fundamental. Era aquele que tinha o objetivo de formar cidadãos comprometidos com a realidade social. O que eu não sabia era que a realidade social dos estudantes era diferente da minha: o campo, a agricultura, o trabalho infantil, o descaso com a população camponesa e as muitas histórias que cada um deles trazia para a sala de aula.

Ao perceber que a realidade dos estudantes estava distante da minha, precisei ouvir com atenção para refletir e encontrar formas de intervir, de fazer com que os conhecimentos trazidos por eles recebessem significados e fossem capazes de construir o saber escolar.

Para isso, precisei como docente abandonar por instantes os saberes cristalizados do livro didático e pensar em formas de me apropriar dos conhecimentos dos discentes e a partir deles aprender coletivamente. Precisei, enquanto professor, aprender com eles sobre suas histórias individuais, sobre a vida e luta no campo, sobre os “heróis” gestados no imaginário local e que estavam em consonância com a vida da comunidade em que a escola está inserida.

Por vezes, precisei me colocar no lugar desses estudantes para aprender com eles sobre a História Local e familiar, incluindo os parentes que morreram lutando por direitos comuns a todos, dos episódios de distanciamento de seus pais que precisavam sair para trabalhar por meses nos trabalhos sazonais e que nem sempre voltavam para suas casas e famílias. Precisei por vezes me recompor, ao ouvir a narrativa sofrida e triste de famílias destruídas pelo desejo de uma vida melhor que os encorajavam a lutar por um mundo mais justo, por direitos que hoje parecem tão comuns a todos os cidadãos.

²O Município de Sapé está localizado na Região Geográfica Imediata de João Pessoa. Situado na Zona da Mata Paraibana, com uma área territorial de 316 km², sua população é de aproximadamente 51 306 habitantes conforme estimativas do IBGE de 2022. Está a aproximadamente 60 km de João Pessoa. É conhecida como a cidade do abacaxi, por ser um exportador do produto na região. Ver mapa na pág. 23.

³ Distrito que faz divisa com as cidades de Cuité de Mamanguape, Capim e Mari. Localizado na Zona Rural de Sapé-PB a aproximadamente 65 Km de João Pessoa.

Apesar dessas adaptações, não posso dizer que minha infância foi tão diferente, trago em minhas memórias uma realidade de lutas vivenciadas em comunidades do Rio de Janeiro, estado que nasci em 08 de dezembro no ano de 1987.

Com o passar dos anos, fui percebendo todas as dificuldades e tive consciência do que significa lutar por melhores condições de vida, contra a violência e contra o esquecimento por parte daqueles que nos governam e os que estão no topo das classes sociais existentes em nosso país. Com isso, me senti capaz de perceber nos estudantes suas experiências e sensibilidades.

Quando pequeno sempre me perguntei por que meus professores não falavam e contavam a história do meu bairro? Eram poucas as vezes que se sentavam com a gente e falavam da nossa realidade, nos perguntando como era a vida dentro da comunidade onde morávamos, e olha que eu teria muita história para contar.

Eu nasci no Rio de Janeiro em Madureira, porém passei por várias cidades e bairros do estado, em que pude presenciar muitas situações de violência, descaso, abuso e cenas de uma infância humilde vivenciadas por mim e por minha família, que, vez ou outra rememoramos contando para nossos sobrinhos mais novos, cenas muitas delas relacionadas a momentos difíceis pelas dificuldades que tínhamos, pois a geração a qual faço parte em minha família, toda ela foi criada por mães solteiras o que para essa época era bem difícil, porém, não diferente da realidade de muitas crianças criadas por mães solteiras nos dias atuais e essas rememorações sempre tiveram a intenção de mostrar aos nossos familiares mais novos que mesmo diante das dificuldades somos capazes de construir uma vida melhor.

Ainda mais para minha mãe que ficou grávida de mim aos 43 anos de idade, mas que foi muito guerreira, “me criando pelas cozinhas dos outros”, como ela mesma diz, enquanto meus irmãos num total de cinco comigo, bem mais velhos que eu, já tinham construído suas famílias e trabalhavam, exceto o encostado a mim, doze anos mais velho que em muitos momentos precisava cuidar de mim enquanto minha mãe trabalhava, por isso sou grato a todos por terem ajudado minha mãe em minha criação.

Em boa parte da minha infância, eu acompanhei minha mãe em suas atividades e ela sempre conta como era sua rotina comigo do lado, inclusive do restaurante japonês que ela trabalhou e que fui criado até meus dois anos de idade, ela sempre fala com muito orgulho do carinho que recebia do seu patrão “Sui-Sã” como ela o chamava.

Hoje somos apenas quatro irmãos dois homens e duas mulheres, pois um dos meus irmãos foi assassinado aqui na Paraíba aos 33 anos, foi a primeira vez que uma morte fez

tanto sentido para mim, não exatamente no sentido da perda, até porque eu era bem pequeno, acredito que na época eu tinha uns cinco anos, contudo pela cena do momento que tudo foi revelado para minha mãe, isso ficou marcado, não sai da minha cabeça e eu percebi ali que uma pessoa que morre não volta e faz falta para outras.

Por volta dos meus sete anos de idade, minha mãe resolveu voltar para a Paraíba onde ela havia se casado pela primeira vez e que veio morar quando saiu do Rio Grande do Norte, estado em que nasceu.

Mesmo não tendo boas lembranças daqui, pois seu primeiro casamento não foi bom a não ser o fato de ter lhe dado meus três irmãos mais velhos, foi aqui que ela escolheu morar.

Ainda voltamos para o Rio de Janeiro algumas vezes e teve um ano que eu troquei de escola cinco vezes, e ainda assim consegui passar de ano e em outro momento passei quase dois anos longe dela na casa das minhas irmãs que moravam no Rio de Janeiro e de uma amiga da família que trabalhou junto com minha mãe no restaurante japonês. No entanto, foi em 2003 que passamos a morar definitivamente na Paraíba e eu consegui concluir o ensino fundamental II.

Um pouco antes disso ao chegar à Paraíba, ainda pequeno, moramos na cidade de Bayeux, na qual tive uma infância difícil diante da questão financeira, pois meu pai nunca foi presente e ajudou com muito pouco, chegando um período em que deixou de nos ajudar, não me recordo quando isso aconteceu, mas foi bem antes do momento em que passei a ter o sobrenome dele em minha certidão, que foi por volta dos meus 12 anos de idade.

Contudo, tive uma infância divertida, minha mãe passou a trabalhar com comidas e bebidas, ela abriu um bar para atender aos mecânicos de uma rua bem conhecida chamada Epitácio Pessoa (rua dos cabarés) em Bayeux mesmo, rua essa em que certa noite, mesmo diante de uma calmaria com algumas vizinhas sentadas conosco na porta de casa assistindo novela, um assassinato motivado por herança acontece em nossa frente a poucos metros de nós.

No mesmo momento em que a vítima, uma mulher que cai ao chão, senti que algo atingira a minha perna direita, algo semelhante a uma pedrada sem ter me provocado grande dor, em contrapartida seria a bala que passou de raspão após ceifar a vida daquela mulher. Balas perdidas eram bem comuns nos lugares que morei no Rio, todavia foi aqui que fui atingido por uma e por sorte não fiquei com nenhuma sequela.

Depois fomos morar em um bairro chamado Mutirão, atual Mário Andreazza, um local mais afastado do centro de Bayeux cheio de árvores: pés de caju, mangueiras e oliveiras onde eu brincava livre, lugar onde ela com muito sacrifício comprou um terreno e construiu uma casa de apenas um vão, nada tão diferente do que um dia tivemos no Rio, embora não era feita com tábuas e nem abrigava tantas pessoas, era apenas eu, ela e minha avó que passou a morar com a gente. A ladeira que subíamos agora não era a do morro que um dia moramos e sim de um lugar que estava começando a ser habitado, ela construiu um poço e eu lembro que ajudei a carregar o barro, porém o mérito foi todo dela, uma mulher que mesmo depois de ter sido atropelada por uma moto a menos de dois anos tinha tanta força e coragem para tamanho trabalho. Ela vendeu essa casa e ficamos sabendo que o novo proprietário fez do poço uma fossa céptica, o que nos deixou bem tristes.

E nessas idas e vindas do Rio de Janeiro para a Paraíba, fui crescendo e quando nos estabelecemos aqui em 2003, por volta dos meus 16 anos fui tendo meus primeiros contatos com a área da educação por meio de uma escola particular na qual comecei a trabalhar como ajudante de sala para ganhar na época 30,00 reais. Não dá nem para comparar como seria receber esse valor na época com a atualidade, mas dava para comprar algumas coisas que eu necessitava na condição de adolescente, todavia era com uma alegria imensa que eu recebia, fui tomando gosto e percebendo que eu estava crescendo e que tudo estava sendo um grande aprendizado.

Concluí o ensino médio, tentei dois vestibulares, o primeiro para Rádio Tv e o segundo para Jornalismo cheguei bem perto, no entanto foi no terceiro que consegui passar, só que para História, pois acredito que por forças maiores esse já havia sido escolhido para mim. Apesar de já cursar pedagogia em uma faculdade particular, deixei-a de lado logo após ter passado no curso de História. Nessa época eu já trabalhava em lojas do comércio em João Pessoa e tudo era muito corrido: oito horas de trabalho todos os dias, coletivos lotados até a Universidade e na volta à espera cansativa pelo ônibus oferecido pela prefeitura me deixaram exausto. E toda essa correria impediu-me de me aproximar mais de amigos e professores, além de não conseguir me encaixar nos grupos eu não tinha condições e nem oportunidade de participar dos congressos e poucos foram os mini cursos que participei.

Mas eu não desisti e segui em frente, afinal eu tinha propósitos, um deles era de um dia poder chegar a uma sala de aula e poder falar com estudantes sobre o dia a dia deles e de como era o local onde vivem, como eles se veem hoje e como se imaginam

daqui alguns anos, algo que faltou na época que fui estudante no ensino fundamental e médio.

Ao longo da minha trajetória na UFPB, lugar que até hoje tenho aprendido, vivido e compartilhado experiências importantíssimas para o que é fazer educação e durante o curso de especialização em Orientação e Supervisão escolar concluído em 2019, recebi orientações para sempre discutir a História Local, de ouvir as narrativas dos estudantes e sempre partir do conhecimento que cada um deles traz consigo. Na escola que trabalho a luta camponesa, as Ligas Camponesas⁴ são temas presentes no cotidiano dos discentes e ao longo dos anos, fomos realizando atividades que exigiam deles reflexão e crítica. E as respostas que tínhamos eram em forma de discursos escritos e/ou imagéticos sobre as afetividades e percepções desse acontecimento histórico, o que me fez perceber o forte sentimento de como essas histórias foram apropriadas pela comunidade escolar e em especial pelos estudantes.

Eu sentia que precisava fortalecer ainda mais tudo isso que tenho vivido durante esses anos na escola diante dessas experiências. Foi quando em 2021, motivado por alguns amigos e pessoas próximas, consegui entrar para o Programa de Pós-graduação em História (PPGH), da Universidade Federal da Paraíba. Assim que vi meu nome na lista dos aprovados fui tomado por uma forte emoção, pois era a oportunidade que eu tinha de trazer meu dia a dia como professor, de compartilhar o trabalho que realizo com a parceria dos estudantes e comunidade escolar.

Sempre busquei e me espelhei em outros profissionais para ser um bom professor e a cada dia tenho aprendido e evoluído. As experiências que tenho vivido depois que passei a fazer parte do programa me fazem perceber que posso ir além, me tornando um bom pesquisador. Pois foi no Mestrado que conheci pessoas incríveis que sempre me ajudaram a seguir em frente, que sempre dialogaram comigo sobre suas pesquisas com o objetivo de colaborar com a minha e posso dizer que eu também os ajudei.

Aqui estou aprendendo o que é bom e como diz meu Orientador, o professor João Bueno, “o que é ruim também”. Ele tem sido fundamental no meu crescimento como

⁴ As Ligas Camponesas construíram-se em um dos maiores movimentos de luta pela Reforma Agrária no Brasil. Podemos considerar que meados da década de 1940 foi um período significativo para a base que fortaleceu as estruturas do movimento no país entre as décadas de 1950 e 1960. Inicialmente trabalhadores rurais organizaram-se em associações no estado de Pernambuco por volta de 1955, a primeira delas foi no Engenho Galileia, em Vitória de Santo Antão. Essas associações foram se expandindo para outras regiões do país chegando aos estados do Rio de Janeiro, Goiás, Paraná e no final da década de 1950 na Paraíba, que passou a se destacar pelo quantitativo de associados na Liga Camponesa de Sapé, com aproximadamente sete mil associados e pela morte de seu principal líder João Pedro Teixeira. As Ligas Camponesas foram altamente reprimidas pelo Regime Militar e pelos latifundiários.

pesquisador, pois em nossas conversas ele está sendo o responsável por me fazer enxergar que não posso romantizar tudo, mas que preciso ir além das minhas percepções. E buscar conhecer mais é uma forma de não me sentir limitado.

Nos últimos dois anos tenho me aproximado de conceitos e categorias já vistos em algum momento da minha trajetória acadêmica, porém ao serem retomados no mestrado eles me fizeram ver a importância dessa pesquisa para mim, para os estudantes, para a comunidade e os profissionais que chegarão a lê-la, pois assim como eu tenho me espelhado em algumas pessoas eu quero poder de alguma forma contribuir para os atuais e futuros historiadores que viverão as alegrias, assim como as tristezas que as paredes de uma sala de aula nos proporcionam.

Com tudo sinto imensa felicidade em dizer que essa pesquisa busca analisar o ensino de História Local na Escola Municipal Luiz José Gonçalves, localizada na zona rural da cidade de Sapé a partir dos saberes históricos trazidos pelos estudantes para sala de aula sobre as lutas camponesas vivenciadas historicamente na cidade. A proposta inicial é no primeiro capítulo nos debruçarmos sobre os conteúdos de História Local incorporado ao currículo escolar, a saber: as Ligas Camponesas e a História de Sapé.

Esses dois conteúdos ganharam visibilidade nas aulas de História do Ensino Fundamental por permitir que os estudantes contem em sala de aula as histórias ouvidas em casa e vividas por seus pais e avós. Por se tratar de uma comunidade rural, ainda é muito forte o sentimento de luta e resistência trazido à memória dos trabalhadores do campo que cristalizaram a imagem de seus líderes sindicais como defensores de seus direitos.

Neste sentido vemos a participação do Memorial das Ligas Camponesas, de grupos de estudos que trabalham em promover ações que possibilitem o acesso para aqueles que desejam obter conhecimento a respeito das lutas campesinas, além de todo um trabalho que é feito para preservar a memória e figura de Augusto dos Anjos⁵, escritor e poeta da cidade por meio do Memorial Augusto dos Anjos. Contamos com a participação dos órgãos da prefeitura, canais de rádio/tv, blogs pessoais e páginas em redes sociais que nos atendem diante de suas publicações e coberturas de eventos. Nesse

⁵ Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos, poeta brasileiro nasceu no Engenho Pau D'Arco município de Sapé, Estado da Paraíba. Patrono da cadeira número 1 da Academia Paraibana de Letras (APL). Em suas obras encontramos características do Simbolismo e Parnasianismo, porém é visto por alguns críticos como Pré-modernista.

primeiro capítulo buscamos entender um pouco sobre quais concepções de História local, Memória e Patrimônio embasam essas iniciativas.

Posso dizer que sou uma pessoa que faz parte desse grupo que busca preservar essas memórias e tudo começou em 2017 quando precisei me aproximar cada vez mais dos conhecimentos sobre os povos do campo. Foi quando passei a fazer leituras de pesquisas que tratavam do tema, a exemplo das Ligas Camponesas e como eles poderiam me ajudar em sala de aula. No Mestrado fui conhecendo ainda mais, percebi em muitos desses trabalhos a presença das Ligas Camponesas, seus líderes e a figura dos trabalhadores do campo, por isso os consideramos importantíssimos, dessa maneira, busco aproximar essas discussões historiográficas e acadêmicas do âmbito do ensino de História, se conectando ao escopo da linha de pesquisa “Ensino de História e Saberes Históricos”, em que podemos somá-las aos saberes contidos na memória da população local, a partir do que sabem sobre as lutas e resistências vivenciadas em Sapé e municípios vizinhos, assim como as histórias escritas e não escritas que circulam entre as comunidades diante de seus costumes e crenças.

Mesmo havendo um olhar especial para preservar a História Local, ainda há muito o que se fazer, existe uma necessidade em realizar mais formações para que os professores possam aprender, compartilhar e aprimorar o que viram na graduação, formações que envolvam professores e a escola de um modo geral.

As escolas do município diante de suas dificuldades têm feito sua parte, ao longo de todo o ano letivo, a partir do calendário Sociocultural que exige que se trabalhe a História Local, assim como a fundação da escola. A equipe se reúne para promover ações, mas suas pesquisas ficam muito dentro do que a internet oferece, havendo assim uma necessidade em compartilhar conhecimentos e experiências, que uma formação continuada poderia proporcionar. Isso nos leva a investigar neste capítulo a Proposta Curricular da Paraíba e os documentos produzidos pela Rede Municipal de Sapé.

É necessário que se tenha um olhar cada vez mais representativo para com as escolas do campo, perceber suas especificidades e relações internas e externas, pensar uma proposta que possa trazer para o cotidiano dos estudantes questões do passado que provoquem e problematizem o seu presente. Instigá-los a conhecer as histórias sobre as

Ligas, por meio da história de vida de Elizabeth Teixeira⁶ por exemplo, as fontes e as iniciativas que são possíveis a partir do Memorial das Ligas situado em Sapé, e o documentário que conta a história de João Pedro Teixeira⁷ “Cabra marcado para morrer” também serão propostas possíveis para esse primeiro capítulo.

Os conhecimentos dos estudantes são trazidos para sala de aula, e ao serem incorporados, fizeram com que os discentes participassem ativamente da produção de materiais didáticos que foram utilizados para construir a aprendizagem histórica na escola. No ano 2017, ao ingressar na escola, me deparei com uma realidade bastante desafiadora, para a qual fui buscar certos parâmetros de atuação, até no sentido de, como professor, estabelecer um diálogo mais enriquecedor com a população, capaz de lidar com a História Local sem cair num “especifismo”⁸ que os faça perder o contato com realidades mais distantes e abrangentes.

Com isso o segundo capítulo buscará trazer as percepções diante do meu projeto de Ensino de História como professor, a partir das experiências, memórias e as sensibilidades, quando nos colocamos diante das ações realizadas e dos materiais produzidos pelos estudantes em diálogo com o tema das Ligas Camponesas e a interdisciplinaridade entre a História e as demais disciplinas, visando alcançar resultados possíveis capazes de contribuir na formação dos discentes, alcançando resultados que possam levá-los à condição de protagonistas no processo de ensino aprendizagem, nos quais eles possam se enxergar como sujeitos históricos que contribuem na construção da história da sua comunidade, da sua escola e de seu povo.

Ao pensarmos na construção do terceiro capítulo, partimos na busca por outras histórias, em que temos como objetivo perceber as possibilidades de construções de narrativas por meio das memórias dos trabalhadores do campo, rememoração com os pais

⁶ Elizabeth Altino Teixeira nasceu no dia 13 de fevereiro de 1925 na fazenda Anta do Sono, no município de Sapé. Filha mais velha de nove filhos do casal Altina da Costa e Manoel Justino, donos de terra e comerciantes da área rural. Casou-se com João Pedro Teixeira, tornando-se uma das figuras mais importante da luta campesina na história da cidade até os dias atuais.

⁷ João Pedro Teixeira foi líder da Liga Camponesa de Sapé, nascido no dia 04 de março de 1918 em Pilõezinhos na época pertencente a Guarabira/PB e filho de Maria Francisca da Conceição e João Teixeira, um pequeno produtor rural. João Pedro morreu em uma emboscada aos 44 anos de idade, durante a volta de uma viagem a João Pessoa, em uma estrada entre as cidades de Café do vento e Sapé, no dia 2 de abril de 1962.

⁸ Ao utilizar a palavra “especifismo” pretendo entender o homem do campo como aquele capaz de dialogar com outras realidades, que ao mesmo tempo em que se reconhece como parte da sociedade que fora excluída, também é capaz de enxergar possibilidades de mudanças, não ficando preso ao campo na condição de inferioridade, mas como indivíduo que possui um sentimento igualitário que o move na busca por melhores condições de vida.

ou responsáveis dos estudantes em que faremos uso da História Oral ao permitir que narrativas possam surgir, capazes de provocar uma relação dialógica entre entrevistados e entrevistador e o uso dessas memórias no Ensino de História. Pois, mesmo que as perdas de sua história oral sejam percebidas, ainda é um costume entre as pessoas que moram no campo contar sobre as lutas de resistência vivenciadas pelas Ligas Camponesas.

Entre uma conversa e outra as pessoas rememoram um passado ainda presente em suas vidas, não de lutas efetivas, travadas entre latifundiários e trabalhadores, contadas por meio dos livros e jornais, mas de uma vida que acontece no agora e que a cada dia precisa passar por obstáculos, quando temos pessoas que vivem do corte da cana nos trabalhos sazonais, da agricultura familiar e do pequeno comércio, empreendimentos que estão ocupando seu espaço no campo e que as pessoas ao longo do tempo veem como uma conquista que só foi possível diante das lutas travadas no passado.

Neste capítulo pretendemos discutir a História Oficial em contrapelo a História Oral, fazer uma leitura na qual devemos levar em consideração tudo o que as pessoas do campo dizem e sabem de sua própria história, sem desprezar o que para a História Oficial não faz sentido.

Por meio de roda de conversas com pais e responsáveis, almejamos oferecer a essa pesquisa a possibilidade de aproximação com os estudantes ao ouvirem e discutirem sobre a temática diante do que sabem e contam os mais velhos.

Trazer a partir das memórias desses, em que alguns ainda são trabalhadores do campo, histórias que ficaram apagadas ao longo do tempo, e que podemos encontrar pela frente inquietações, falhas, repetições, até mesmo esquecimentos e questões inconclusivas o que pode ser presente quando trabalharmos com a História Oral. Iremos nos apoiar nos conceitos de experiência e rememoração levando em consideração os escritos de Walter Benjamin e E. P Thompson, dialogando com outros autores que se preocuparam e abordaram esses conceitos.

Portanto, o estudo da História Local, em uma escola da zona rural da cidade de Sapé é relevante para entender como o Ensino de História pode ser capaz de construir uma identidade campesina de resistência e transformação. E eu enquanto professor do ensino básico da disciplina de História tenho por desejo escrever sobre essa história de lutas, contada pelos estudantes em sala de aula, a escrita de uma história que busque valorizar os saberes locais e que seja capaz de dialogar com outras realidades, ampliando nossa compreensão sobre o mundo atual e possibilitando uma aproximação como o pesquisador/historiador. O Objetivo é trabalhar a partir dos conceitos de apropriação,

experiência, representação, sensibilidades, memórias e análise de material didático produzido pelos discentes.

CAPÍTULO I - SAPÉ: AS HISTÓRIAS QUE SE CONTAM E AS HISTÓRIAS NÃO CONTADAS

Percebemos que alguns autores dedicaram-se em contar as histórias sobre Sapé e as Ligas Camponesas, alguns influenciados pelo IHGP⁹ partem da perspectiva de descrever aspectos físicos e grandes acontecimentos ocorridos na cidade. Alguns trabalhos como o do autor Sabiniano Maia “Sapé suas histórias e suas memórias” (1985), o livro do autor José Cláudio Pereira Elias “Eça-Pé Sapé Homenagem à Minha Terra” (2006), o do autor Juraci Marques Ferreira “O processo histórico de Sapé” (2012), incumbiram-se dessa tarefa, embora algumas dessas obras abordem também sobre outros temas relevantes a exemplo das Ligas Camponesas, tratadas nas obras de Sabiniano Maia e José Cláudio, os dois autores vão além das características corográficas presentes em obras que mantinham um padrão mais regionalista ao contar a história de uma cidade.

Há uma vasta literatura sobre as Ligas Camponesas na Paraíba, dos quais cito alguns exemplos como: o produzido pela professora Monique Cittadino, intitulado “Populismo e golpe de estado na Paraíba” (1998), a dissertação de mestrado de Roberto Muniz, intitulada “A fabricação de João Pedro Teixeira: Como o Herói Camponês” (2010), a dissertação de Janicleide Martins de Moraes Alves “Memorial das Ligas Camponesas: preservação da memória e promoção dos direitos humanos” (2014), a dissertação de Wilson Xavier, intitulada “As práticas educativas da Liga Camponesa de Sapé: Memórias de Luta no interior da Paraíba (1958-1964)” (2010), a dissertação de mestrado de Maria Selma Santana “A relação entre educação escolar e ação cultural e política em Sapé/PB através de um olhar para a história do líder camponês João Pedro Teixeira” (2020), a dissertação de mestrado de Juliana Ferreira Alves “Violências entre (des)iguais: Memórias silenciadas nas lutas da Liga Camponesa de Sapé/PB (1962-1964)” (2019), a dissertação de mestrado de Victor Gadelha “As Ligas camponesas da Paraíba: História e Memória” (2015), o trabalho de conclusão de graduação de Cristina Lima Souza Silva “Memorial das Ligas Camponesas: a fundação como forma de resgate e valorização da história de luta dos trabalhadores do campo na região de Sapé/PB” (2017), o trabalho de conclusão de Curso de Anna Paula Balbino de Araújo “Ligas Camponesas: importância das Ligas Camponesas no Currículo Escolar na Escola Estadual de Ensino Fundamental Boa Vista (Sapé/PB)” (2016), o trabalho de conclusão

⁹ Instituto Histórico e Geográfico Paraibano.

de especialização de Gizelda Ferreira do Nascimento Lima “O discurso político sob a perspectiva da análises do discurso em “Eu marcharei na tua luta: A vida de Elizabeth Teixeira”, dentre tantos outros.

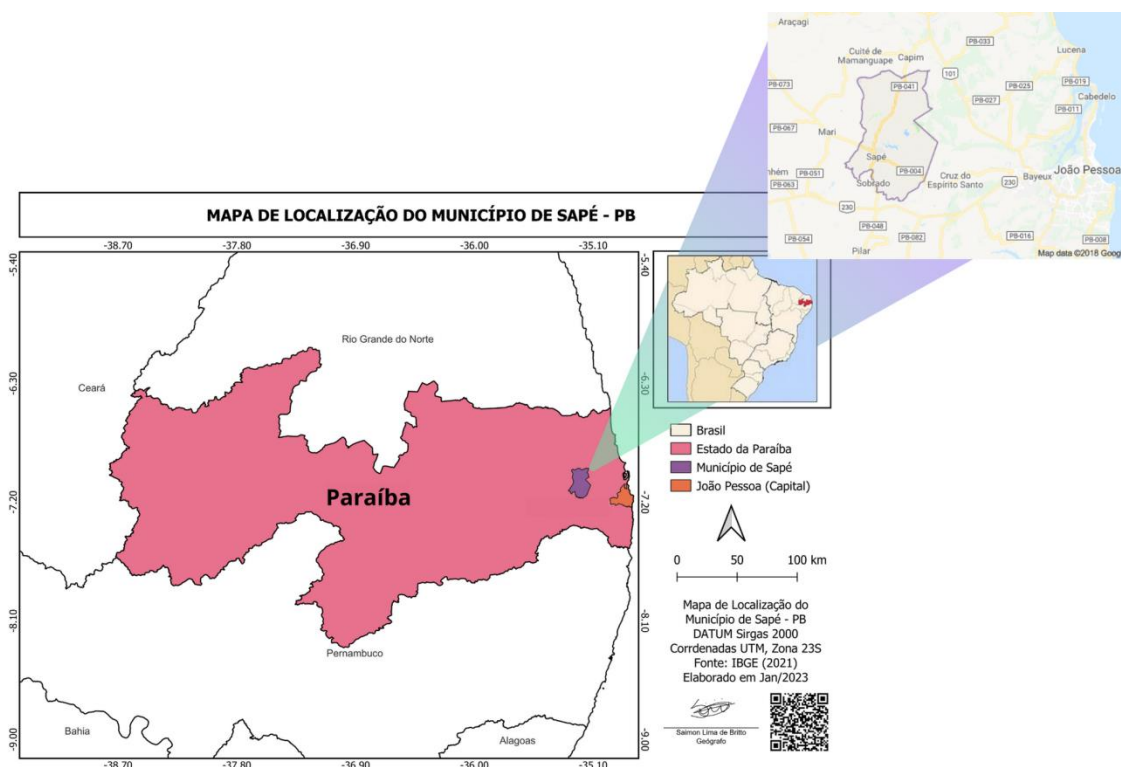


Imagem 1- Localização do Município de Sapé - PB

Nos primórdios de sua História, o município de Sapé foi habitado pelos povos originários, potiguaras, que diante do processo de colonização e fundação dos engenhos primitivos da região conhecida como Zona da Mata paraibana, esses povos foram expulsos. O mapa nos mostra a sua localização geográfica e os limites com outras cidades: Cuité de Mamanguape (N), Capim (N), Santa Rita (L), Cruz do Espírito Santo (SE), Sobrado (S), Riachão do Poço (SO), Mari (O). Sua denominação se deu a partir da existência de um capim comum nessa região onde a cidade está situada, chamado de içape.

Fonte: Google¹⁰ (adaptado)

É importante ressaltar que embora esses trabalhos estejam trazendo a temática das Ligas Camponesas, nenhum desses buscaram perceber como o tema pode ser trabalhado em sala de aula do Ensino Fundamental em âmbito municipal a partir da realidade das pessoas que vivem no campo. Portanto neste capítulo buscarei trazer o contexto sobre a História de Sapé dialogando por meio dos conceitos de História Local, Patrimônio e

¹⁰ Imagem adaptada a partir do material disponível em:
<https://dobicodopapagaio.blogspot.com/2023/01/mapa-de-localizacao-de-sape-pb.html> e
<http://aabbssape.blogspot.com/p/mapas.html>

Memória, trazendo algumas percepções e considerações sobre os documentos normativos que nos auxiliam na elaboração dos nossos planejamentos.

1.1 Sapé: História Local, Memória e Patrimônio.

Existe uma preocupação em preservar a História Local em Sapé que advém tanto da Secretária de Educação enquanto representante do poder público, criando ações para tratar dos temas a partir de concursos literários, eventos em homenagem a fundação da cidade e as escolas quando trabalham temáticas que envolvem estudantes e comunidade escolar, quanto em grupos de estudos que desenvolvem trabalhos, discussões e pesquisas.

Alguns temas como a fundação da cidade marcada pela construção da ferrovia que é símbolo da formação do município, as festas de caráter religioso, os desfiles cívicos que marcam as comemorações em homenagem ao aniversário da cidade, eventos de representações culturais como o desfile de ala ursa¹¹, a corrida do abacaxi, apontam uma preocupação em contar a história de Sapé e que nos fazem pensar como a cidade é rica em Patrimônio e Memória.

Mas será que o ensino de História Local por meio dessas iniciativas proporciona aos estudantes problematizar a partir de sua realidade? De certo que sim, mas precisamos estar atentos e executá-las de forma que possam fazer sentido aos estudantes. Para Circe Bittencourt:

A História Local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência – escola, casa, comunidade, trabalho e lazer -, e igualmente por situar os problemas significativos da História do presente. (Bittencourt, 2008, p. 168).

¹¹ Ala Ursa é uma manifestação cultural carnavalesca em que o principal personagem é um urso ou outro animal, suas vestimentas são feitas geralmente com sacos de estopa desfiado, trapos, linhas ou tecidos formando o seu corpo e uma máscara. Geralmente o personagem dança ao som de uma bateria composta por instrumentos produzidos por meio de latas e tambores.

Destarte, quando nos propomos a trabalhar a História Local com os estudantes não podemos nos distanciar das realidades existentes e muito menos desprezá-las, pelo contrário, é necessário entender a importância de se dar valor as relações entre os grupos que acontecem tanto no presente quanto no passado.

O trabalho com a História Local não pode estar pautado ao conhecimento de figuras de pessoas consideradas importantes, a exemplo de líderes políticos ou demais autoridades, pois como afirma Bittencourt (2008, p.169) “podemos reproduzir a história do poder local e das classes dominantes”. A História Local precisa ser trabalhada de forma que possa criar vínculos dos estudantes com a memória de seus familiares e comunidade, com as relações cotidianas a pensarmos nas temáticas sobre trabalho, cultura e o ambiente em que vivem e atuam.

A partir daí o ensino de História Local ganha sentido para os estudantes, já que eles passam a construir uma identidade que contempla o ser na esfera individual, mas também nas relações coletivas e suas realidades mais próximas. Com isso, eles vão compreendendo o que está ao seu redor partindo das percepções sobre passado e presente.

É a partir do Ensino de História que vejo a possibilidade dos estudantes conhecerem as distintas realidades diante das dimensões temporais e espaciais. Construindo valores passados de geração a geração, que lhes dê sentido e os façam pensar nas suas contribuições com o futuro.

Ao pensar sobre isso sempre busquei dar sentido às aulas para que os estudantes conseguissem perceber que por meio delas eles poderiam adquirir uma consciência social. Foi quando vi no trabalho com as Memórias uma forma de tornar as aulas uma experiência agradável para eles e para mim. E é nessa relação entre memória e experiência que passei a desenvolver minhas metodologias respeitando as experiências vividas pelos estudantes e proporcionando novas experiências que os fizessem sair dos seus lugares de segurança, em que eles pudessem adquirir conhecimentos e fossem capazes de utilizá-los nas diversas situações existentes em suas vidas.

Para tanto, tive que perceber que a memória pode nos proporcionar múltiplas definições e perspectivas, quando nos permite trabalhá-la de maneira transdisciplinar, nos ajudando a perceber que somos capazes de passar por diferentes campos do saber, assim como nos ajuda a fazer escolhas a partir do momento em que assumimos uma

posição seja na esfera ética ou política, e é diante dessas escolhas que precisamos ficar atentos, porque a memória implica sobre aquilo que lembramos ou esquecemos muitas vezes relacionados também a traumas, fato esse que nos faz selecionar o que deve ser lembrado ou esquecido.

Ela também nos faz reconhecer e construir nossa identidade a partir de nossos interesses políticos e subjetivos, assim como por meio das representações, mas é preciso perceber que a memória nem sempre pode ser representada. Foi o que passei a entender melhor quando me coloquei a refletir sobre as experiências que os estudantes narraram através de suas memórias durante as aulas.

Foi a partir da memória que meu interesse sobre a História Local de Sapé surgiu, ao menos essa foi a forma que encontrei de conhecê-la sem que estivesse reproduzindo a história dos vencedores. Muitas vezes uma História linear, que sempre buscou silenciar os vencidos. Algo que sempre me provocou incômodos, mas que somos capazes de mudar quando trazemos o que foi silenciado no passado para o nosso presente, através da criação de uma articulação que nos possibilite analisá-lo, questioná-lo e reescrevê-lo, para Benjamin:

“Articular historicamente o passado não significa reconhecê-lo “tal como ele foi”. Significa apoderarmo-nos de má recordação (Erinnerung) quando ela surge como um clarão num momento de perigo. Ao materialismo histórico interessa-lhe fixar uma imagem do passado tal como ela surge. O perigo ameaça tanto o corpo da tradição como aqueles que recebem. Para ambos, esse perigo é um e apenas um: o de nos transformarmos em instrumentos das classes dominantes. Cada época deve tentar sempre arrancar a tradição da esfera do conformismo que se prepara para dominá-la. Pois o Messias não vem apenas como redentor, mas como aquele que superará o Anticristo, Só terá o dom de atizar no passado a centelha da esperança aquele historiador que tiver aprendido isto: nem os mortos estarão seguros se o inimigo vencer. E esse inimigo nunca deixa de vencer.” (Benjamin. 2013, p. 11).

Através da mônada VI escrita por Benjamin sobre o conceito de História, a presente dissertação busca refletir sobre tal articulação entre passado e presente, quando dialogamos com a memória. Entende-se que a memória precisa passar por um processo

de análise e questionamentos, visto que os sujeitos trazem suas verdades a partir de suas experiências e quando compartilhadas precisam ser questionadas, pois a memória passa por seleções, eliminações e omissões. Não devemos correr o risco de cometer erros assim como acontece com as histórias oficiais quando procuram introduzir um conhecimento que não leva em consideração os sujeitos, as temporalidades, as diferentes visões e as relações que uma comunidade estabelece com o passado.

É nesse sentido que, por meio da memória, conseguimos chegar à História Local, a partir das pessoas, daquilo que escrito e reescrito a partir da oralidade. Temos que pensar que as memórias também se refletem em lugares de memórias, elas são percebidas diante de monumentos, em edificações, em paisagens. É quando percebemos a importância do Patrimônio Histórico e por trás deles a existência de memórias particulares e coletivas aos indivíduos, no qual eles atribuem sentimentos e significados. Esse é o ponto, perceber de que forma os estudantes se relacionam ao Patrimônio existente na cidade.

Por Patrimônio entendemos ser tudo aquilo que identifica, por exemplo, uma comunidade: seus bens materiais, imateriais, naturais e o que por eles foram construídos. Em virtude disso, vemos a importância de preservá-los, mas precisamos ter atenção ao trabalhar com os estudantes, dado que devemos conscientizá-los do compromisso que precisamos ter ao construirmos nossa identidade cultural. Em razão de que a ideia de Patrimônio é bastante ampla e não podemos limitá-los a estudar e conhecer a partir de abordagens sedimentadas por meio de construções ou monumentos que nos trazem a História baseada nas relações de poder.

Para Bittencourt (2008, p.279) “normalmente os monumentos históricos são marcos de pessoas poderosas ou do poder oficial e, portanto, poderiam ser vistos como os construtores exclusivos da memória histórica”. Então, precisamos ter critérios quando queremos oferecer aos estudantes uma educação capaz de reconhecer em outros espaços de memórias, uma História em que eles se identifiquem e aprendam a respeitar e preservar a memórias de outras pessoas, independente da classe social e em diferentes momentos.

Assim, quando passei a trabalhar em uma escola de zona rural pude perceber que essa preocupação em preservar a História Local era presente entre os docentes e discentes. E que as relações estavam ligadas principalmente ao movimento camponês. Com isso passei a buscar conhecimento sobre as Ligas Camponesas em Sapé e entender como esse tema era abordado nas salas de aula, para que assim eu pudesse ampliar ainda mais o

conhecimento dos estudantes levando em consideração a bagagem que eles traziam consigo.

A partir disso busquei em documentos normativos orientações que me ajudassem na construção dos meus planejamentos. E entender como eles poderiam me ajudar a trabalhar o ensino sobre História local e o movimento das Ligas Camponesas. Inicialmente tive como documentos norteadores a Proposta Curricular da Paraíba e a da rede Municipal de Sapé e mais adiante as Diretrizes Pedagógicas para a Organização do Currículo das Escolas do Campo de Município de Sapé.

A Proposta Curricular da Paraíba tem como documento norteador a BNCC – Base Nacional Comum Curricular e, ao nos atentarmos para o caráter normativo dado ao documento, percebemos que por definição trata-se de um conjunto de regras, normas, preceitos e resultados esperados na educação, ou seja, destina-se a reger o funcionamento dos processos de aprendizagem por meio da escolarização.

O que nos leva a vê-lo e percebê-lo como impositivo, um padrão a ser seguido, nos faz pensar apenas em um currículo prescrito e intencional, quando define o que os estudantes devem aprender e como aprender, não levando em consideração a bagagem sócio cultural e histórica do discente a partir do currículo real¹² e do oculto¹³, tendo em vista que por essência o currículo exerce poder considerável, ao ser capaz de não só decidir o que vai ser e como vai ser ensinado nas salas de aula, mas também o que vai ser silenciado e deixado de fora dos debates no ambiente escolar.

É preocupante que a Proposta Curricular da Paraíba nos apresenta um currículo prescrito, imposto pelo sistema educacional, norteado pela BNCC que tem a intenção não apenas de homogeneizar os currículos escolares, mas pensá-lo como um documento que não considera as diferenças, a diversidade e as desigualdades existentes, que dão sentido às diversas possibilidades para o significado de currículo que:

¹² Entendo como Currículo real, as práticas e as ações que realmente acontecem dentro da sala de aula. É nesse momento que passamos a contextualizar os conteúdos e assim seja possível agregá-los a realidade dos estudantes é nesse momento que busco colocar em prática o que planejo para as aulas de História.

¹³ O Currículo Oculto não é prescrito nem planejado, ele parte das ações que ocorrem naturalmente e que tem influência significativa na aprendizagem dos estudantes e dos professores por meio das trocas de experiências. Os estudantes trazem consigo conhecimentos, costumes, comportamentos e atitudes capazes de gerar essas trocas a partir da convivência.

“Pode significar uma filosofia, um programa, uma abordagem ou um conjunto de materiais e atividades específicos que são comprados como um currículo ‘em caixa’, ou seja, algo que as prefeituras tendem a adquirir e implantar em suas redes de forma impositiva (...)” (Cury, Reis e Zanardi, 2018, p. 104).

Os currículos das escolas no geral apresentam uma cópia integral da BNCC, os documentos construídos pelos docentes como: PDT (Planos de Trabalho Docente), planos de curso, planos aula) viram réplicas.

Não encontramos na Proposta orientações para trabalharmos as memórias das Ligas Camponesas. O currículo apresentado não contextualiza os saberes existentes nas localidades e as memórias sobre as lutas camponesas. Não instiga a problematizar e refletir sobre os processos de aprendizagem possíveis diante da cultura e da história dos povos do campo.

Ao tratarmos da Proposta Curricular do município, partiremos da análise do documento com data de 2017, porém tratando-se de uma reimpressão da versão construída em 2007 para os anos iniciais do ensino fundamental de 1º ao 5º ano. O primeiro ponto que percebi é que não há uma proposta específica para os anos finais do ensino fundamental, 6º ao 9º ano. E a orientação de currículo que é trabalhada nos anos finais se resume a Proposta Curricular do Estado da Paraíba e esse documento propõe sobre o ensino de História:

“Conteúdos e situações de aprendizagens que possibilitem aos alunos que possibilitem discutir criticamente sobre a convivência e as obras humanas... Propõe-se, assim, que os alunos conheçam e debatam as contradições, os conflitos, as mudanças, as permanências, as diferenças e as semelhanças existentes do interior das coletividades e entre elas. É importante que os professores criem situações de aprendizagem escolares para instigá-los a estabelecer relações entre o presente e o passado, o específico; e o geral, as ações individuais e coletivas, os interesses específicos de grupos e os acordos coletivos, as particularidades e os contextos etc.” (Sapé, 2017).

No que concerne às Ligas Camponesas, a Proposta Curricular de Sapé faz uma relação fundamental como os documentos históricos e sua importância para o estudo sobre a temática da vida e luta no campo, pois os documentos trazem possibilidades dos estudantes interpretarem, analisarem e compararem as relações coletivas, em contextos e épocas específicas, por meio de cartas, imagens, jornais, trabalhos escolares, utensílios, filmes, fontes orais e outros. A Proposta do Município cita o documentário “Cabra marcado para morrer” que conta a história de João Pedro Teixeira, sua trajetória e o contexto do movimento das Ligas. O que considero como um ponto positivo, uma vez que oferece possibilidades de trabalharmos com documentos (fontes), criando relações entre as Ligas Camponesas e o mais importante, reflexões sobre a vida no campo.

Em 2020 teve início a construção da Matriz Curricular para o ensino Fundamental anos finais, em que professores da rede estiveram reunidos inclusive eu, para discussão e elaboração da escrita do documento. Mas devido ao contexto Pandêmico não houve mais reuniões e conseqüentemente, esse fato implicou na sua finalização que não aconteceu.

Em 2021 com o início de uma nova gestão municipal, foi iniciado o processo de construção das “Diretrizes para Organização do Currículo das Escolas do Campo do Município de Sapé”, pelos coordenadores da Educação do Campo da Secretaria de Educação em parceria com a Universidade Federal da Paraíba.

Os professores da rede participaram de formações continuadas durante o ano de 2021 a início de 2022, com encontros via *Google Meet* e atividades pelo *Google Classroom*. Nesses encontros realizamos discussões teórico-metodológicas e compartilhamos nossas experiências como professores, em especial os que atuam nas escolas do campo em que muitas já apresentam em seus Projetos Políticos Pedagógicos uma visão de valorização sobre a educação camponesa e que precisa ser vista com tal valor pelas escolas urbanas, que ainda apresentam desigualdades e contradições em seus projetos.

O documento já é utilizado pela rede municipal, pois foi deliberado de forma coletiva, porém ainda não é um documento oficial, pois estamos sem Conselho Municipal de Educação e a resolução que o legitimaria ainda não saiu. Considero-o como o documento mais importante ao qual tive acesso no município que orienta as escolas nas construções de seus currículos, que olhe para os sujeitos do campo.

Ainda em 2021 passamos a contar com duas leis que considero importantes, a primeira Lei nº1.401/2021¹⁴ que declara utilidade pública o “Memorial das Ligas Camponesas do município de Sapé e a lei nº 1.402/2021¹⁵ que dispõe da inclusão na grade curricular das escolas municipais de ensino fundamental I a disciplina de História e Cultura de Sapé, ambas de autoria do vereador Davyd Matias, assinada pelo então prefeito Sidnei Paiva.

No próximo item trarei algumas possibilidades para conhecermos um pouco do contexto das Ligas Camponesas a partir das Histórias que nos contam: O Memorial, o livro “Elizabeth Teixeira Mulher da Terra¹⁶” e o documentário Cabra marcado para morrer.

1.2 A presença das Ligas Camponesas e dos trabalhadores na História da cidade: O Memorial das Ligas Camponesas, Elizabeth Teixeira e o documentário “Cabra Marcado para Morrer”.

Sapé se destaca pelos movimentos de luta pela terra, pela Reforma Agrária mais especificamente nos anos compreendidos entre 1950 e 1960, e pela melhoria na condição de vida dos trabalhadores rurais. Tendo o movimento das Ligas Camponesas como sua principal via de lutas e resistências. Posso dizer que junto às memórias trazidas pelos estudantes, o movimento foi um dos motivos que me levaram a pensar essa pesquisa, a partir do contato mais direto com o Memorial das Ligas Camponesas, a história de vida de Elizabeth Teixeira que sempre me fez pensar sobre a histórias das mulheres diante de suas lutas para alcançar seus espaços e o documentário Cabra Marcado para morrer, primeira fonte audiovisual utilizada por mim em sala de aula com os estudantes, em que pude trabalhar com eles a História de vida e morte de João Pedro Teixeira.

Portanto, trarei um pouco do que faz e dos objetivos do Memorial diante de suas ações e o trabalho com as memórias dos trabalhadores e pessoas da comunidade no qual

¹⁴ Ver anexo 04.

¹⁵ Ver anexo 05

¹⁶ Elizabeth Teixeira: Mulher da Terra / Ayala A. Rocha – João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009. 234p.il.: UFPB/BC. Esse foi o primeiro livro que li sobre a História de Elizabeth Teixeira, por esse motivo trouxe trechos que me ajudam a contá-la.

o mesmo está inserido, em seguida trechos sobre a história de Elizabeth e para finalizar esse item o processo de construção do documentário.

A ONG Memorial das Ligas Camponesas fundada em 2006 está localizada no Povoado de Barra de Antas¹⁷ município de Sapé/PB, foi fundado a partir da colaboração do trabalho coletivo entre trabalhadores do campo, militantes de movimentos sociais populares do campo, de professores, estudantes extensionistas ligados à Universidade Federal da Paraíba e outros profissionais comprometidos com a causa camponesa e sua trajetória de lutas e resistências.



Imagem 2 - Banner – Exposição de longa duração do Memorial

Arquivo pessoal: LIMA, Paulo Roberto Francisco - (2023)

Diante de suas ações, a ONG procura preservar as memórias históricas das Ligas Camponesas, contar a história de seus fundadores e daqueles que se tornaram protagonistas na luta em favor dos povos do campo, rememorando seu legado de combatividade e da esperança de que os motivavam a lutar por melhores condições de vida, buscando sensibilizar os trabalhadores do campo, tendo um olhar especial para as novas gerações de acampamentos e assentamentos sobre as lutas e conquistas coletivas,

¹⁷ Assentamento Barra de Antas, está localizado na Zona Rural de Sapé-PB a aproximadamente 45 Km de João Pessoa.

na região. Um trabalho realizado a partir de pesquisas, registros e debates por meio da socialização entre os grupos solidários à causa camponesa.

O que me motivou a fotografar o *Banner* foi a frase “Cuidando da nossa História” e essa foi sensação que tive ao estar no Memorial, o cuidado que estão tendo em preservar as memórias das pessoas que vivem ali próximas a ele, naquela localidade de Barra de Antas.

O Memorial das Ligas Camponesas tem se empenhado no processo de formação contínua dos trabalhadores e trabalhadoras rurais, com o objetivo de construir uma consciência social diante dos valores a partir do respeito, assim como os direitos e a dignidade dos povos do campo. Além de formar parcerias com pessoas engajadas em pesquisas que priorizem os saberes e práticas camponesas diante de sua convivência, promover e apoiar lutas existentes atualmente dos trabalhadores e trabalhadoras do campo no espaço que vivem e também fora dele.

No início de 2023 participei de uma dessas iniciativas do Memorial, em que tive a oportunidade participar do curso intitulado Entrevistas de História Oral por Museus, que foi fundamental no processo final das entrevistas que realizei para concluir essa pesquisa.



Imagem 3 - Encontro presencial curso de História Oral por Museus – Sapé/PB

Durante o curso tivemos encontros que foram virtuais e presenciais, a imagem retrata o nosso encontro que aconteceu em março de 2023 no Memorial em Barra de Antas - Sapé. Foi um momento de trocas no qual discutimos os textos que foram utilizados no curso, trocamos experiências diante da História Oral e na prática exercitamos a partir de uma oficina de preparação para uma entrevista.

Fonte: Instagram do Memorial¹⁸

¹⁸ <https://instagram.com/memorial.ligascamponesas?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>

Nos últimos anos a ONG Memorial das Ligas tem executado atividades em que realizam gravações de entrevistas com trabalhadores e trabalhadoras rurais que estiveram perto, participando ou conheceram a trajetória de João Pedro Teixeira, trabalho já feito anteriormente que resultou na publicação do livro *Memórias do Povo: João Pedro Teixeira e as Ligas Camponesas da Paraíba – deixem o povo falar*. João Pessoa: Ideia, 2005.

A ONG tem realizado comemorações anuais para homenagear João Pedro Teixeira e outras figuras emblemáticas como: João Alfredo (Nego Fuba), Elisabeth Teixeira, Pedro Fazendeiro, assim como tantos outros que lutaram pelo povo do campo, além de seguir firme na luta diante de questões jurídicas relacionadas à desapropriação de terras onde encontra-se a casa em que moravam João Pedro Teixeira e sua família, o tombamento da referida casa e a construção da “Escola Família Agrícola” (EFA), diante da participação dos trabalhadores da região em especial o apoio da comunidade Barra de Antas.

O papel exercido pela ONG Memorial das Ligas Camponesas nos faz pensar a sua importância, diante do seu debate contínuo que tem estimulado a coleta dessas memórias de lutas e resistências, vividas por João Pedro Teixeira e Elisabeth Teixeira que se faz presente.

“Mainha me contava sempre que, assim que eu dei o meu primeiro choro, o sino começou a badalar e ressonou por doze vezes. Ao invés dos foguetões, eu tive o sino da igreja.” (ROCHA, 2009, p.07).

Em 13 de fevereiro de 1925 nascia no sítio Antas do Sono no município de Sapé/PB Elisabeth Altina Teixeira, filha de Manoel Justino da Costa e Altina Joaquina de Jesus Costa. Os foguetões não fizeram barulho com o seu nascimento, mas em um total de nove irmãos, ela se destacou por protagonizar ao lado de João Pedro Teixeira a luta pela causa dos povos do campo, indo muito além do que uma mulher na sociedade nessa época tinha oportunidade de fazer.

Desde cedo passou a trabalhar na mercearia de seu pai, onde eram vendidos cereais e também havia uma banca de jogo do bicho, além de cigarros e bebidas que eram

comercializados complementando a renda da família. Mesmo seu pai sendo possuidor de mais de 125 hectares de terra a ambição era uma de suas características, segundo Elizabeth:

“Sábado era um dia especial, com brincadeiras para animar a freguesia, fazendo com que ela sempre crescesse e ficasse mais tempo. Assim, o consumo de bebida, de cigarro e de fumo de corda aumentava bastante. O lucro ia aumentando, no entanto, a fazenda e a bodega não satisfaziam a ambição de painho, que, estava sempre buscando outros servicinhos.” (Rocha, 2009, p.07).

Ao completar um ano de idade Elizabeth teve um problema de saúde que a impedia de andar, dando seus primeiros passos aos três anos de idade, contudo sua infância foi ao lado de seus irmãos e irmãs, com muitas brincadeiras no terreiro de sua casa, em meio às árvores, sempre com muita alegria típico de criança.

Elisabeth Teixeira foi crescendo e instruída na ideia de que se casar com alguém sem posses tornaria sua vida mais difícil, nesta época eram comuns os casamentos arranjados e até mesmo com pessoas da mesma família. Mas para ela a forma como os homens tratavam as mulheres a partir do machismo, traições, bebedeiras constantes que ela presenciava na figura de muitos e inclusive na de seu pai, era ainda pior do que não ter dinheiro.

Elizabeth Teixeira sempre demonstrou muita sensibilidade ao perceber que muitos que trabalham nas terras de seu pai não viviam da mesma forma que ela, muitos até não tinham o que comer, e observando isso ainda com pouca idade ajudava-os, com um prato de comida, com feira (alimentos arrecadados) e roupas. Sempre com a colaboração de sua mãe, que a ensinou a ajudar e a respeitar as pessoas. Próximo de completar seus oito anos de idade Elizabeth foi para a escola, nesta época era comum a divisão entre meninos e meninas e estes não estudavam juntos e eram escolas muito rígidas, o que era bem comum nessa época.

Alguns meses após completar quinze anos, Elisabeth encontra pela primeira vez João Pedro Teixeira:

“Desde o primeiro momento em que vi João Pedro, senti uma grande simpatia, e logo quis saber quem ele era, de onde vinha, o que fazia e se era casado. Lugar pequeno é bom por isso, todo mundo conhece todo mundo, e não foi difícil matar a minha curiosidade.” (Rocha, 2009, p.19).

João Pedro Teixeira veio para trabalhar na Pedreira em Sapé e os trabalhadores iam à bodega do pai de Elizabeth Teixeira todas as segundas feiras, diante de um contrato feito entre seu pai e os Ribeiros Coutinho¹⁹, para que fornecessem os alimentos aos trabalhadores da pedreira. No dia em que se encontraram Elizabeth ficou encantada pela forma como João Pedro Teixeira a encarou, um olhar fixo e a forma educada como ele a tratou.

O interesse entre eles foi recíproco, mas João Pedro era tudo o que seu pai não imaginava para ela e a proibiu de falar com os trabalhadores da pedreira por já ter escutado rumores do interesse de João Pedro por ela. Sempre foi contra ao seu envolvimento com João Pedro.

Com o passar do tempo os encontros passaram a ser constantes, mesmo que às escondidas eles não deixaram que o sentimento que estavam construindo acabasse diante da proibição do pai de Elizabeth e em uma das cartas que trocaram João Pedro propôs que fugissem para que pudessem se casar, pois, essa era única forma de ficarem juntos.

Eles se casaram em julho de 1942, e foram morar em Massangana no município de Cruz do Espírito Santo, bem próximo de Sapé. Juntos passaram a defender os trabalhadores do campo da exploração dos grandes latifundiários. Viveram juntos por aproximadamente vinte e cinco anos até o dia em que João Pedro Teixeira foi assassinado. Após um mês da morte do seu marido, Elizabeth assumiu o comando das Ligas Camponesas por dois anos, de 1962 até 1964, quando ocorreu o golpe Militar fechando a Liga.

“A luta não era fácil. Era preciso que o homem do campo estivesse bem-preparado para enfrentá-la. João Pedro sempre dizia da importância de manter

¹⁹ Família descendente das aristocracias rurais da Paraíba e de Pernambuco ligadas à agricultura da cana-de-açúcar.

o homem do campo muito bem-informado e participando de todas as atividades.” (Rocha, 2009, p.110).

Elizabeth passou a ser ainda mais respeitada pelos camponeses e, com o passar do tempo, ganhou a admiração de todos por sua seriedade e compromisso com a causa campestre, além de sua coragem ao enfrentar os grandes latifundiários e o seu trabalho com a alfabetização dos trabalhadores. Em maio de 1964 diante da Ditadura Militar, Elizabeth Teixeira foi presa, pouco tempo depois saiu da prisão, mas foi perseguida pela polícia, fugiu para o Rio Grande do Norte e precisou mudar de identidade para não ser pega novamente.

Nesta mesma época o documentário *Cabra Marcado para Morrer* estava sendo gravado e teve suas filmagens proibidas no mês de abril pelo Regime. Passou um tempo como Marta Maria da Costa, teve que se separar dos filhos para não morrer. Em 1981 volta a ter sua identidade novamente e o documentário é retomado com suas gravações.

Na época o Documentário era muito importante, porquanto a partir dele seria possível contar a História do movimento, o interessante é que os próprios camponeses participaram das gravações, o que traz toda uma representação diante das lutas de resistências dos trabalhadores do campo nas cenas, assim como a trajetória de Elizabeth Teixeira, mostrando que a luta continua e que o sentimento de resistência permanecesse nas comunidades do campo, seja dentro das escolas como também nas narrativas contadas pelos pais, avós e nas ruas aos estudantes.

A ideia inicial do documentário em 1962 era entender sobre a vida de João Pedro Teixeira, o porquê dele ter sido marcado para morrer. Mas com o Golpe de 1964 isso não foi possível naquele momento. As retomadas das gravações aconteceram em 1984, vinte anos depois. Um fato interessante para nós é do Cineasta Eduardo Coutinho ter pensado em não deixar que esses vinte anos ficassem fora do documentário, ele incorporou a ideia inicial de 1962, quando aconteciam as primeiras filmagens.

A ideia a meu ver passa a ser a reconstrução do documentário, que falasse sobre o filme que ele estava fazendo em 1962, mas não apagasse o que acontecia durante os anos em que as filmagens ficaram paradas. Então, não se contaria apenas a História do

João Pedro Teixeira e a forma como ele foi morto e o porquê disso ter acontecido e sim o processo após sua morte.

Por isso o considero uma fonte áudio visual muito importante para se trabalhar em sala de aula com os estudantes, uma vez que nos possibilita discutir sobre o movimento camponês e contribui no conhecimento de alguns conteúdos da História, seus desdobramentos e da identidade campesina que foi sendo construída. Em sala de aula buscamos fortalecer uma consciência que leve os estudantes a pensarem sobre si e sobre o outro, ao perceberem que cada um exerce um papel importante na preservação das memórias e o quanto elas são importantes na construção e reconstrução de sua(s) história(s).

No próximo capítulo narrarei as minhas experiências com os estudantes e como o trabalho junto a eles pôde nos proporcionar a construção de conhecimentos e uma relação de respeito, colaboração e em muitos casos amizade.

CAPÍTULO 2 - EXPERIÊNCIAS SOBRE ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL NA ESCOLA LUIZ JOSÉ GONÇALO

Como aluno egresso do curso de História da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), aprendi com as aulas de Estágio Supervisionado em História sob a orientação da Professora Vilma de Lourdes²⁰ a importância do debate de História Local. Nas aulas que ministramos nas escolas sob a tutela de um professor supervisor, sempre recebíamos a orientação de discutir a História Local, de ouvir os estudantes e sempre partir do conhecimento que cada um deles trazia consigo. Aprendi nessas aulas de história que todo professor é um eterno aprendiz, mas é preciso que ele se coloque nesse lugar.

2.1 - Experiências, memórias e sensibilidades no projeto escolar.

As imagens abaixo representam a fachada da escola em dois momentos distintos 2008 e 2022, em uma das aulas de história trabalhamos o aniversário de sua fundação, fiz um exercício com os estudantes do 6º ano sobre mudanças e permanências, no qual discutimos um pouco sobre a estrutura física da escola diante do que viam fazendo uma comparação entre as duas imagens.



Imagem 4 - Fachada da escola Luiz José Gonçalves

Fonte: Arquivo pessoal: LIMA, Paulo Roberto Francisco - (2021). Fachada da escola ano 2021.

²⁰ Possui graduação em Licenciatura Plena em História (UFPB), Especialização em História Econômica e Social do Nordeste Contemporâneo (UFPB), Mestrado em Educação - Ensino de História (UFPB) e Doutorado em Educação - Ensino de História (UFRN). É referência nos estudos sobre História Local e Ensino de História. Informações coletadas do Lattes em 01/07/2022.

Lembro-me bem desse dia, era uma de nossas aulas online e trazer imagens era uma forma de estar sempre chamando a atenção deles durante as aulas remotas. E no decorrer do exercício eles demonstraram muita curiosidade e foram bastante participativos, falando sobre os diferentes detalhes, existentes quando comparadas as imagens.

As cores, a quantidade de janelas, o formato das rampas de acessibilidade, a árvore que não existe mais hoje em dia, existindo apenas um pequeno exemplar de Pau Brasil que não conseguiu se desenvolver muito e mais parece um arbusto. Essas foram algumas observações que eles fizeram das quais consigo me lembrar, além de algumas permanências como a rua na frente da escola que ainda permanece de areia e barro.

Suas observações não ficaram apenas nas mudanças que a estrutura da escola sofreu ao longo desses aproximados 13 anos que difere uma fotografia da outra, muitos observaram as bicicletas na frente da escola e perguntaram se poderiam ser dos estudantes, pois atualmente os estudantes que vão para a escola de bicicleta as deixam nesse mesmo espaço, mas protegidas pelos muros da escola, e um dos estudantes até questionou em tom de brincadeira, se nessa época não existia ladrão porque ele mesmo não ia deixar a bicicleta dele do lado de fora.

A partir disso, muitas perguntas foram sendo feitas, algumas que eu nem tive respostas, como a de um estudante que perguntou se na época não existia alguém para cuidar da escola porque parecia abandonada na primeira imagem. Posso dizer que foi uma atividade muito proveitosa, porque pude provocar a curiosidade dos estudantes a partir de duas imagens, imagens simples, mas que foi possível conferir significados que vão além dos que poderiam enxergar a partir de sua observação.

O uso das imagens nas aulas de História sempre foi visto por mim como uma possibilidade de usá-las com documentos visuais, capazes de provocar nos estudantes sentimentos, sensações, curiosidades e vontade de conhecer ainda mais sobre aquilo que está sendo visualizado. Não pretendo fazer um estudo sobre imagens, mas busco trazê-las nessa pesquisa com o intuito de provocar sensações nos futuros leitores, pois elas representam um pouco do meu trabalho junto aos meus colegas de profissão, os estudantes e a comunidade.

Muitas imagens foram fotografias feitas por mim, pelos estudantes quando solicitei para alguma atividade, por meus colegas de trabalho e outras que tive acesso a

partir do acervo da escola através de arquivos e redes sociais. Por mais que as fotografias nos pareçam imagens congeladas, produzidas a partir de intencionalidades. O objetivo com elas não é esse, pretendo que por meio delas o leitor possa transpor as imagens contidas nas fotografias, possam interpretá-las e também criticá-las assim como os estudantes fizeram no exercício que propus.

Mas também não posso negar a mim o direito de mostrar minhas interpretações, minhas sensibilidades ao descrevê-las, pois cada uma delas possuem representações e significados que tentarei expressar sobre os momentos que tenho vivido na escola durante esses anos aos quais faço parte dela. E posso lhes dizer que fazer parte dessa escola tem sido algo grandioso para mim e que me faz ser ainda mais feliz.

A escola E.M.E.I.E.F. Luiz José Gonçalo, está localizada em Inhaúá, na zona rural da cidade de Sapé. Teve sua fundação no ano de 1990 e recebeu o nome do pai do doador da terra em que foram edificadas as suas paredes. Nas histórias das instituições escolares, é bastante comum nos depararmos com os nomes de escolas que foram batizadas em decorrência de homenagens políticas ou mesmo dos donos das terras em que elas foram edificadas.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola, desde sua fundação, a referida instituição funcionou com recursos públicos do município ofertando à comunidade educação infantil, às séries iniciais e finais do Ensino Fundamental. Sua intenção, desde a fundação foi levar as primeiras letras aos “[...] filhos de trabalhadores autônomos, funcionários públicos e agricultores” (PPP, 2020, p. 7), em sua maioria composta de homens e mulheres que realizam pequenos serviços para sobreviver, a exemplo das empregadas domésticas, lavadeiras, faxineiras e bóias-frias.

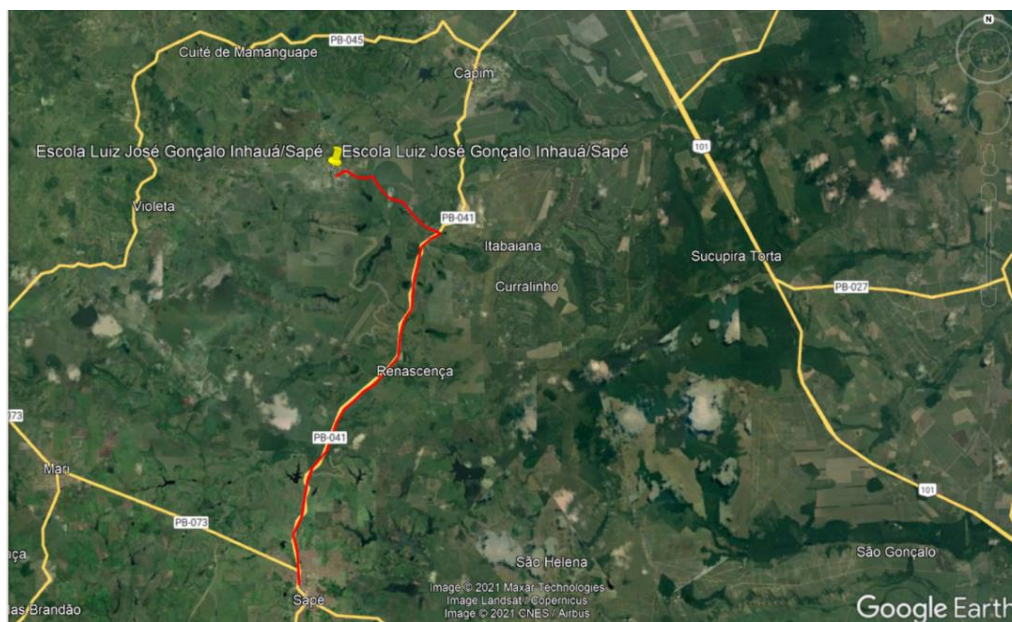


Imagem 5 - Mapa trajeto Sapé/Inhaú - Escola Luiz José Gonçalves, Zona Rural

A distância aproximada do centro da cidade de Sapé para o Distrito de Inhaú onde a escola está localizada, seguindo essa rota pela PB-041, é de aproximadamente 19 km, cerca de 25 minutos de automóvel.

Fonte: Arquivo pessoal: LIMA, Paulo Roberto Francisco - (2021). Google Earth.



Imagem 6 – Trabalho na agricultura familiar

Imagem feita por um estudante ao cumprimento de uma atividade de História, nela o estudante precisava representar um momento referente ao cotidiano de um dia de trabalho na comunidade que estivesse ligado

ao campo especificamente. Ele buscou representar o trabalho no roçado onde os trabalhadores estavam em um momento de descanso (horário de almoço).

Fonte: Arquivo pessoal: LIMA, Paulo Roberto Francisco - (2021).

Autor: Davi 7º ano

Os estudantes são de origem humilde, sendo a maioria deles criados por “[...] parentes (avós, tios, padrinhos) e outros que vivem apenas com a mãe” (PPP, 2020, p. 8). Porém, aprenderam com os mais velhos a ouvir as histórias contadas por aqueles que também cresceram ressentidos com o descaso relegado ao homem do campo. São crianças e adolescentes que trazem consigo narrativas de indignação frente a forma como o homem do campo na cidade de Sapé foi silenciado, violentado, posto na ilegalidade e muitas vezes, assassinado.

Ao vivenciar a experiência de ouvir e sentir as histórias trazidas pelos estudantes em sala de aula, me senti afetado, como propõe Jorge Larrosa (2016). Paramos para refletir de que forma os sujeitos da experiência poderiam contribuir para a formação deles. Foi assim que cheguei à conclusão de que precisava uma intermediação para que os discentes pudessem e a partir daquilo que era contado em sala de aula, problematizar as vivências, construir uma história viva, dinâmica e responsável por fazê-los aprender a partir daquilo que traziam consigo: as narrativas de luta e o desejo de um mundo campesino melhor.

Nesse sentido, as experiências de vida contadas contribuíram para aguçar uma sensibilidade que promovia a alteridade, por *experiência*, entendo ser aquilo que nos toca, que nos afeta, que requer atenção para olhar, para escutar, para refletir, requer um gesto de interrupção, de atenção, como sugeriu Jorge Larrosa (2016). Nesse sentido precisamos estar atentos para que a História Local não caia num “especifismo” que perca o contato com realidades mais distantes e abrangentes, mas que nos possibilite realizar o diálogo, que possamos ouvir as vozes dos sujeitos, que sejamos capazes de criar conexões por exemplo entre o urbano e o rural, até mesmo entre as técnicas mais primitivas de plantio e o uso de tecnologias.

Ao longo da pesquisa fui entendendo melhor o conceito de experiência ao me apoiar nas concepções do autor inglês Edward P. Thompson que a partir das lutas de classes dos operários ingleses viu a possibilidade de entender a formação das

experiências, que por sua vez exercem pressões sobre a consciência social, fazendo com que os sujeitos passem a perceber o seu papel na sociedade. Foi a partir daí que fui ganhando ainda mais confiança para trabalhar com as experiências trazidas pelos estudantes, que sempre estavam pautadas nas histórias que ouviam de seus familiares, em sua maioria trabalhadores do campo.

O meu encanto por esse conceito foi crescendo ainda mais quando passei a conhecer o autor alemão Walter Benjamin, no qual o conceito de experiência se aproximou ainda mais da forma como eu o enxergava para essa pesquisa, em que a tradição de narrar às memórias a partir das experiências vividas se fazia presente na cultura escolar e da comunidade, mesmo sendo possível perceber que o ato de narrá-las tenha se perdido um pouco ao longo do tempo, sempre ficou claro para mim a existência de relações entre passado e presente na fala dos estudantes e nas atividades que juntos realizamos.

As histórias narradas fazem os estudantes pararem para imaginar as situações de perda, de dor e de luta, e assim realizarem o exercício de se colocar no lugar do outro e serem afetados. Era exatamente nesse momento que eles recorriam às emoções, tão comum aos seres humanos. Para tanto, buscamos nas *sensibilidades*, como indicam os escritos de Sandra Pesavento (2007) as formas de percepção e compreensão do mundo a partir de cada indivíduo. Partimos sempre do princípio de que as sensibilidades “escavam destinos, exuma afetos, mas sempre para reinseri-los em conjuntos significativos mais vastos” (Gruzinski, 2007, p. 07-08).

Para Soares Júnior (2019, p. 176-177) permitir que as emoções aflorem nas aulas de História é possível através da capacidade de se colocar no lugar do outro, da diferença, sair da zona de conforto. É respeitar a diferença, defendida por Tomaz Tadeu da Silva (2000) como “aquilo que o outro é”, ou seja, em oposição à sua identidade. Esse outro pode ocupar lugares e temporalidades mais distantes ou mesmo mais próximas.

Dessa forma, aprender História na diferença torna-se “exigência da aprendizagem histórico-temporal [...] exigência para a construção de uma sociedade democrática, marcada por relações de alteridade” (Siman, 2015, p. 208). As experiências históricas contadas em sala de aula passam pelo processo de subjetivação dos estudantes. Ao ser imaginada, uma dada situação passa a fazer sentido humano, portanto, apreendida, apropriada.

Por *apropriação*, entendemos ser a realização de interpretações remetidas pelas determinações sociais, institucionais e culturais inscritas nas práticas específicas que as produzem, “práticas que, pluralmente, contraditoriamente dão significado ao mundo” (Chartier, 1988, p. 27). Assim, ao permitirmos que nossos estudantes tragam as vivências familiares de luta em defesa do homem do campo, percebemos a realização da apropriação das emoções que giram em torno do direito, da luta e da resistência. Possibilitando fazer dessas vivências uma oportunidade de se conectar a histórias mais abrangentes, que podem ser colocadas em diálogos com outras temporalidades e lugares, como o ensino de História pode suscitar dentro e fora da escola.

No próximo item buscarei mostrar a forma como o Ensino de História tem possibilitado a produção de conhecimento no qual valorizamos os estudantes como sujeitos ativos no processo de aprendizagem e construção do conhecimento, tal que auxiliamos os estudantes a construir noções de semelhanças, diferenças, permanências e transformações. Além disso, mostrarei como o desenvolvimento das relações em grupo pautadas em valores e nas práticas cotidianas.

2.2 - Concebendo o Projeto: Ensino de História, Ligas Camponesas e o diálogo interdisciplinar.

Era um dia de semana, daqueles que o sol faz escorrer em nosso rosto o suor das altas temperaturas. Poderia ser mais um dia de aula de história se não fosse a alteração curricular que nos fazia parar para discutir a história local. Indo mais além, para nos fazer debater com os nossos jovens discentes do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Luiz José Gonçalo a história de João Pedro Teixeira e sua luta em defesa das ligas camponesas.

A indicação das aulas de história local, faz parte do currículo escolar municipal, que foi apropriado por algumas das escolas do município da cidade de Sapé por meio do Calendário Socioeducativo²¹, das ações planejadas pelos docentes, assim como, das

²¹ Trata-se de um instrumento criado pela Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Turismo do Município de Sapé, para ser desenvolvido por meio de ações planejadas pelos docentes na escola, que possibilite o desenvolvimento dos estudantes a partir da História local, temas interdisciplinares, transdisciplinares, acontecimentos importantes e datas comemorativas, dentro da realidade e condições da escola, em que cada unidade pode se adequar. A nomenclatura “socioeducativo” foi utilizada até 2021, em 2022 passa a ser chamado de Sócio Cultural (farei referência sempre escrevendo dessa forma), pois socioeducativo nos

atividades realizadas em cada área de conhecimento a exemplo de Ciências Humanas. Nesse sentido, quando se aproxima a preparação para o início do ano letivo, os professores se reúnem no PDP²² para pensar como construir o projeto pedagógico.

A construção do projeto pedagógico deve estar em consonância com o Projeto Político Pedagógico da escola, e elaborar formas de construir o conhecimento histórico a partir das experiências vividas pelos estudantes, das histórias que eles cresceram ouvindo seus pais contarem e que se tornaram parte de suas histórias individuais, constituídas a partir das memórias de um grupo.



CALENDÁRIO SÓCIO EDUCATIVO – 2021

Objetivo Geral: Proporcionar a socialização dos educandos na construção de suas habilidades e competências, resgatando valores familiares por meio de homenagens e apresentações na prática de atividades lúdicas e históricas como forma de ampliar o conhecimento e aprendizagem de forma remota.

MÊS	PERÍODO	AÇÃO	DESENVOLVIMENTO
Fevereiro	De 08 a 12 De 18 a 19 Dia 18	✓ PDP – Planejamento Didático Pedagógico / Conselho Escolar; ✓ Acolhida aos alunos (as) de forma remota; ✓ Encontro com a família Encontro com a família de forma presencial seguindo o protocolo de segurança sobre o COVID 19.	➤ Dinâmica reflexiva, exposição e construção de atividades. ➤ Recepção com dinâmica de apresentação, leitura de regras de convivência e brincadeiras; ➤ Acolhida com mensagem, apresentação dos professores, leitura das regras de convivência e regimento interno. (Facultação da palavra e ouvir opiniões) (Apresentação dos calendários letivos e socioeducativo).
Março	De 08 a 12	✓ Semana comemorativa as mulheres.	➤ Entrevistas com mulheres da comunidade e reflexões a partir de textos e documentários exibidos nas video aulas.
Março/Abril	De 29/03 a 01/04	✓ Semana comemorativa a páscoa.	➤ Valorização da páscoa, textos para reflexão, leitura, cartazes, vídeos e peça teatral.
Julho	De 20 a 23 De 23	✓ Semana temática: ligas camponesas; ✓ Encontro com a família de forma presencial seguindo o protocolo de segurança sobre o COVID 19.	➤ Pesquisas, relatos, textos informativos, debates, exposições de trabalhos, cartazes, fotografia e etc; ➤ Acolhida com mensagem e vídeos, breve reflexão, apresentação dos resultados do 2º bimestre, dinâmicas e brincadeiras, explanação sobre os conteúdos diversos do dia adia da escola, mensagem final.

remete a programas voltados a adolescentes/jovens que cometem algum ato infracional, em que o cultural nos possibilita pensar de forma mais ampla a educação integral do estudante. Vale salientar que as atividades da semana temática das Ligas Camponesas ocorrem no calendário sempre nos meses de julho. Tema trabalhado de forma transversal, que busca contribuir com os estudantes na compreensão de sua realidade dentro da sociedade, no tocante às suas responsabilidades, direitos e respeito mútuo.

²² Planejamento Didático Pedagógico

Imagem 7 - Fragmento do instrumento Calendário Socioeducativo 2021- que inclui a semana das Ligas Camponesas

Fonte: Arquivo pessoal: LIMA, Paulo Roberto Francisco - (2021).

Uma espécie de força que os motiva a seguir adiante em busca de melhoria de vida para aqueles cidadãos que vivem no campo, “Desse modo, a Educação do Campo se constitui como parte de um projeto de sociedade que tem como horizonte a emancipação dos sujeitos e a transformação das relações sociais desiguais, injustas e excludentes” (Sapé, 2022, p.8).

Quando observamos o material apresentado acima, podemos perceber a existência de quatro colunas que servem de orientação para a equipe pedagógica (gestor, supervisor, coordenador, orientador e professores) planejarem as ações para o ano letivo a partir do Calendário Sociocultural.

Na primeira coluna: a equipe deve acompanhar o mês de referência, na segunda coluna: a semana (período), pois as atividades em sua maioria têm duração de uma semana ou a equipe pode optar a fazer a escolha de um ou mais dias, não necessariamente de segunda a sexta, a terceira coluna: estão às ações, o que é indicado para se trabalhar naquela determinada semana, percebam que não são todas as semanas que há existência de uma temática a ser trabalhada, porque a carga horária deve ser preenchida com os conteúdos do currículo referente aos componentes curriculares, planejados a partir da BNCC, mas que a escola deve adequar essas ações para que elas possam ser inseridas dentro dos conteúdos quando isso for possível, por fim a terceira coluna: nela a equipe deve planejar de que forma irão desenvolver determinada temática. Exemplo: Julho de 20 a 23, deve ser trabalhada a temática das Ligas Camponesas, a equipe decidiu que trabalharão por meio de pesquisas, relatos, textos, informativos, debates e exposições. Assim como observamos também no fragmento abaixo.

As ações são planejadas de forma coletiva e trabalhadas de forma conjunta, mas também podem ser trabalhadas de forma individual, quando os professores em algum momento precisam mudar as suas dinâmicas em sala de aula, pois seus planejamentos são flexíveis e podem ocorrer mudanças, visto que é uma orientação agregar essas temáticas aos conteúdos do currículo como já dito anteriormente.

Comungamos com a máxima de que “tudo é história”, pois nos autoriza a pensar que todos os registros produzidos por homens e mulheres num dado tempo, pode servir de fonte histórica. Nesse sentido, as fontes históricas indicadas para análise ao longo dessa pesquisa foram produzidas no campo da educação: a legislação curricular em vigor no município de Sapé e os materiais didáticos produzidos para discutir o tema da história local em sala de aula. Dessa forma, precisamos nos apoiar na definição de *material didático* elaborado pela professora Circe Bittencourt (2009): “são instrumentos de trabalho do professor e dos alunos, suportes fundamentais na mediação entre ensino e a aprendizagem”.



PREFEITURA MUNICIPAL DE SAPÉ
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, CULTURA, ESPORTE E TURISMO
SECRETARIA EXECUTIVA DE GESTÃO EDUCACIONAL

CALENDÁRIO SOCIOCULTURAL – 2022

UNIDADE DE ENSINO: ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL LUIZ JOSÉ GONÇALO

ENDEREÇO: Inhaúá – Sapé/PB

Semanas temáticas a serem contempladas no planejamento das unidades de Ensino da Rede Municipal de Sapé

Calendário Sociocultural - 2022

MES	PERÍODO	TEMAS	AÇÕES-DESENVOLVIMENTO(S)
FEVEREIRO	24/02 e 25/02	• Acolhimento do subgrupo 1 das turmas, dia 24/02; • Acolhimento do subgrupo 2 das turmas, dia 25/02.	Não Iniciado nesta Data.
JULHO	01/07 à 29/07	• Semana Comemorativa do Aniversário do Estatuto da Criança e Adolescente de 11 a 15/07; • Semana Temática das Ligas Camponesas de 18 a 22/07; • Término do 2º Bimestre dia • Início do 3º Bimestre dia • Semana de Avaliação. • Revisão para avaliação: • Aplicação da avaliação: • Recuperação e reposição: • RF/ Conselho de classe do 2º Bimestre dia	○ Contextualização dos ideais de direitos e deveres a cerca da vivência das crianças e adolescentes em tempos de lutas e conflitos agrários. ○ Construção de cartazes, produção textual, levantamento de dados, oficinas de jogos, elaboração de gráficos e tabelas. Obs: Os temas serão trabalhados em conjunto.

Imagem 8 - Fragmento do instrumento Calendário Sociocultural 2022 - que inclui a semana das Ligas Camponesas

Fonte: Arquivo pessoal: LIMA, Paulo Roberto Francisco - (2022).

Ainda Bittencourt (2009), esses instrumentos se dividem em dois grupos: a) os suportes informativos que pertencem ao setor da indústria cultural e são produzidos especialmente para a escola, caracterizando-se por uma linguagem própria, por um tipo

de construção técnica que obedece a critérios de idade, como vocabulários, extensão e formatação de acordo com os princípios pedagógicos; e b) os documentos como sendo todo o conjunto de signos, visuais ou textuais, que são produzidos em uma perspectiva diferente dos saberes das disciplinas escolares e posteriormente passam a ser utilizados com finalidade didática.

Os materiais produzidos em sala de aula pelos estudantes passam a ter uma intenção didática, almejando atingir um público mais amplo ultrapassando os muros da escola. Essas produções tornam-se fontes históricas para essa pesquisa, pois em algum momento funcionaram como material didático escolar e foram utilizados para produzir conhecimento histórico em sala de aula. Embora eles sejam “material escolar”, estamos utilizando-os enquanto “fontes históricas”, ou seja, documentos que passam pelo crivo do historiador, e que sobre eles se opera um método, uma crítica. Esses materiais serão apresentados a partir de “registros fotográficos”²³ e descrições das ações que foram realizadas.



Imagem 9 - Confecção de cartaz: História em Cena – Tema: Cabra Marcado para Morrer

Na imagem observamos a estudante fazendo a colagem das imagens no cartaz que em seguida foi exposto no corredor principal entre as salas de aulas, para a divulgação da sessão.

Fonte: Arquivo pessoal: LIMA, Paulo Roberto Francisco - (2018).

A partir das ações planejadas para as aulas de História, em 2018 foram realizadas sessões de cinema em sala de aula com os estudantes, momento no qual foi apresentado

²³ No ato da matrícula escolar os pais e responsáveis assinam um termo de uso de imagem para que a escola possa utilizá-las em eventos, documentos oficiais, trabalhos acadêmicos ligados a Rede Municipal de Sapé e redes sociais (Instagram e Facebook).

o documentário *Cabra marcado para morrer*²⁴. Na ocasião, sob minha orientação, os estudantes fizeram pesquisas, em que foram feitas impressões de imagens e notícias, e em uma atividade de recorte e colagem os estudantes produziram um mural para chamar a atenção dos demais sobre as sessões que iriam acontecer.

Essa atividade proporcionou aos discentes a oportunidade de assistir pela primeira vez ao documentário, nas conversas iniciais eles relataram que já tinham ouvido falar, mas que nunca tinham assistido.

Após a apresentação do documentário, sempre abrimos espaço para que os estudantes possam falar sobre suas impressões, é um momento em que as curiosidades fazem parte do diálogo e muitas perguntas surgem, das quais podemos dar como exemplo: “Por que as pessoas matam as outras que lutam por seus direitos?”, “Elizabeth Teixeira ainda é viva? Onde ela mora? Como ela fez para cuidar dos filhos...?” ou “Hoje em dia a gente precisa ter medo de lutar por nossos direitos?”. Essas e tantas outras perguntas foram colocadas por eles nos debates e em rodas de conversas realizadas.

Sem dúvidas, para essas e outras possíveis perguntas no decorrer dos debates e na forma com as atividades são propostas aos discentes, as respostas vão surgindo, o que nos parece mais interessante é perceber que os estudantes começam a ter uma consciência sobre os movimentos sociais, as lutas e resistências através de exemplos como o de João Pedro Teixeira e Elizabeth, é possível notar que eles se sentem provocados e inquietos a querer saber mais. Por isso, quando me proponho a utilizar fontes audiovisuais com os estudantes procuro perceber o que eles gostam de assistir, assim como basear minhas escolhas no que possa ter de alguma forma ligação com eles, parto da ideia de que “o primeiro passo é o professor conhecer as preferências dos alunos e identificar as experiências deles como espectadores” (Circe Bittencourt, 2008).

Todos os anos a Secretaria de Educação Cultura Esporte e Turismo (SEDCET) nos convida a desenvolver projetos de leitura com os estudantes. Em 2019 a escola optou por criar e produzir um Jornal impresso no qual demos o nome de Jornal do Gonçalves em

²⁴ O filme é uma narrativa semidocumental da vida de João Pedro Teixeira, dirigido por Eduardo Coutinho em 1984. Originariamente era uma produção do início da década de 60, com mesma direção, mas que foi interrompida pelo Golpe Militar nesse mesmo ano. A escolha para a exibição do documentário se deu pela curiosidade dos estudantes em conhecer mais sobre a história de vida do líder camponês e mesmo sendo conhecido muitos estudantes, alguns ainda não tinham assistido e a partir dele foi possível organizar uma roda de conversa para debater pontos que chamaram a atenção deles.

referência ao nome da unidade escolar. Nele os professores junto aos estudantes desenvolviam leituras, pesquisas e trabalhos que eram organizados, editados e publicados a cada bimestre. O jornal tornou-se a oportunidade de mostrar o trabalho que a escola vinha desenvolvendo em todos os anos/séries e modalidades que a unidade possui.

Assim, podemos perceber que esse material produzido pode ser usado como fonte, nos dando possibilidades em utilizá-lo de múltiplas formas e vê-lo como instrumentos de trabalho do professor e do estudante, sendo suportes fundamentais na mediação entre ensino e a aprendizagem, assim como afirma, Circe Bittencourt (2008), nos permitindo também problematizar o conhecimento em sala de aula.

É importante ressaltar o protagonismo dos estudantes na produção do jornal, pois orientados por seus professores eles desenvolviam e produziam as matérias desde a coleta de dados até a edição de suas páginas. Os estudantes do 9º ano de 2019 tiveram um destaque especial e também foram os redatores e editores do Jornal, uma escolha que não se deu por acaso. Ao longo dos anos foi uma turma que sempre se empenhou em participar dos eventos na escola, e assim foi ocupando um espaço importante de liderança e exemplo às demais turmas, e por ser o último ano deles na escola, buscaram reafirmar ainda mais suas contribuições, deixando para a memória da escola o seu legado e assim desempenharam um papel essencial no jornal.

As edições do Jornal foram impressas pelo gestor (Edmilson) e secretário escolar (Thiago) em impressora L395 da Epson, em papel sulfite A4, 75 de gramatura reciclada, para dar aquela sensação de estarmos folheando um jornal.

A proposta era que as Edições seguissem um cronograma bimestral baseado no calendário Sociocultural, pois ao final de cada bimestre faríamos um acompanhamento de como estava sendo desenvolvido o projeto de leitura e seus resultados. O quadro abaixo nos mostra como ficou essa organização e os temas abordados:

Quadro 1 – Cronograma edições do Jornal e temas abordados

Jornal do Gonçalves	Temas Abordados
1º Edição – abril de 2019.	Fundação da Escola, Semana Santa, Augusto dos Anjos, Tiradentes, Figura Materna e História do Futsal em Inhauá, Povos Indígenas.
2º Edição – agosto de 2019.	Aniversário do ECA ²⁵ , Concurso CGU ²⁶ , Semana do Estudante, Folclore, Ligas Camponesas, Meio Ambiente, Figura Paterna, Centenário de Jackson do Pandeiro.
3º Edição – setembro de 2019.	Semana da Pátria, Dia do Professor, Estatuto do Idoso, Semana de Educação para vida (Inclusão, Educação no trânsito).
4º Edição – novembro de 2019.	Proclamação da República, Consciência Negra, um olhar diferente para o Lixo, Feira do Conhecimento (Matemática e Ciências).

²⁵ Estatuto da Criança e do Adolescente.

²⁶ Controladoria Geral da União.



Imagem 10 - Capa 1ª Edição do Jornal do Gonçalves - abril de 2019

Fonte: Arquivo pessoal: LIMA, Paulo Roberto Francisco - (2019). 1ª Edição do Jornal.

O trecho que destaquei em vermelho na primeira página do Jornal me fez remeter a uma questão levantada pelos estudantes na atividade que realizei sobre a fundação da escola relatada no início deste capítulo. Os recursos ou falta deles na época em que a

primeira imagem está inserida, poderiam ser uma justificativa para a forma como os estudantes perceberam a falta de estrutura da escola. Mas, quando propus aos estudantes a comparação entre as duas imagens, inicialmente busquei provocar a curiosidade de perceberem que as imagens podem nos mostrar tempos diferentes e por consequência nos faz perceber as mudanças e permanências existentes, embora essa fosse uma das propostas da atividade, eu tinha conhecimento de que eles iriam bem além diante de suas percepções.

É importante salientar que mesmo havendo a falta de recursos o ensino e a aprendizagem dos estudantes eram de qualidade, segundo o que foi escrito pelos envolvidos nessa matéria de capa. Eles também fazem a meu ver uma crítica, quando comparam os estudantes de alguns anos atrás aos estudantes atuais, quando dizem que os atuais não se mostram tão interessados como aqueles que passaram pela escola na época em que os recursos eram mais escassos.

Bem, isso pode ocorrer por diversos fatores, que não pretendo debater a fundo, mas preciso dizer diante da experiência que tenho de sala de aula que questões como: a estrutura familiar, o meio em que os estudantes vivem e a forma como os meios de comunicação quando utilizados de maneira errada, aparecem como fatores que podem provocar o desinteresse de muitos estudantes. E diariamente temos de conviver com esses desafios. Não que os estudantes de anos anteriores não tivessem dificuldades, mas precisamos ter em mente que as mudanças estão acontecendo de maneira ainda mais acelerada e em um curto espaço de tempo como no caso das duas imagens.

Indo um pouco mais além, essa crítica me parece está inserida a um contexto ainda mais distante da época apresentada na primeira foto, refiro-me ao tempo em que a escola era o centro e os professores eram aqueles que detinham o conhecimento de tudo e o discente sequer se posicionava. Isso vai ao desencontro do conceito de educação que construí como profissional.

O que vejo é que as escolas na atualidade nem sempre atendem as necessidades desses estudantes, em que muitas vezes suas crenças, percepções e conhecimentos não recebem o seu devido valor, a escola tenta moldar o estudante, esse por sua vez não vai aceitar ser moldado com base em um perfil que a sociedade impõe sobre eles. Com isso nós passamos a presenciar inúmeras reações, como a indisciplina, a falta de atenção, aí o estudante começa a querer chamar a atenção, jogando peteca de papel no colega,

cutucando. Também não pretendo aqui generalizar, pois diante da experiência que tenho em sala vejo que os estudantes gostam da escola, mas são realidades existentes e cada escola tem a sua.

Ainda sobre a matéria de capa da primeira Edição do Jornal, os estudantes tiveram a oportunidade de conhecer por meio de imagens fotográficas pessoas que direta e indiretamente fizeram parte da História de fundação da Escola. Na imagem abaixo fiz alguns destaques que considero importantes.

No destaque número 1, podemos ver na imagem da esquerda a figura do senhor Luiz José Gonçalo uma forma que os estudantes encontraram de prestarem uma homenagem ao dono das terras doadas por seu filho o senhor José Luiz da Silva conhecido com Zé Paulo, que aparece na imagem da direita acompanhado de uma criança (Cleiton Duarte da Silva – bisneto do Senhor Luiz José Gonçalo), e duas mulheres: (de vestido preto e branco, Benedita Luzia da Silva – Dona Teté, nora do senhor Luiz José Gonçalo e de vestido branco Claudina José da Silva, neta do senhor Luiz José Gonçalo).

29 ANOS DA FUNDAÇÃO



(Luiz José Gonçalves-homenageado)

No ano de 2019 a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Luiz José Gonçalves, situada no Carrasco-Inhauá, município de Sapé está completando 29 anos de existência levando educação de qualidade para a comunidade.

*Na época de sua fundação não havia energia na comunidade e certo dia um dos filhos do proprietário do terreno onde está situada a escola hoje voltava da escola que ficava longe de sua residência juntamente com outras crianças, já escurecendo. Um garoto o empurrou, ele caiu e machucou-se. Foi então que seu pai mais conhecido como Zé Paulo decidiu doar parte de suas terras para a construção de uma escola perto de sua casa. A prefeitura construiu a escola e deu o nome do pai do senhor que doou "Luiz José Gonçalves". Portanto, o nome dado à escola foi uma homenagem ao pai



(Família doadora do terreno para construção da escola)

do proprietário das terras onde a escola foi construída, o pai do senhor Zé Paulo que reside próximo a escola.

Fundada em 24 de abril de 1990 na gestão do Prefeito Roberto Feliciano, iniciando as aulas no dia 25 de abril de 1990, contendo duas salas, tendo Rita como diretora e professora e Severino Valentim como professor, com turmas da Alfabetização a 2ª série do Ensino Fundamental I, Zé Paulo como vigia e Lúzia e Benedita (dona Teté) nos serviços gerais.

A escola juntamente com a comunidade vem crescendo e contribuindo com o desenvolvimento e aprendizagem de centenas de crianças e jovens.

*Informações coletadas através de entrevista com familiares e comunidade.

Professor responsável: Luana Joice – Inglês
Turma: 8º Ano (A)

Paulo Lima História

3

Imagem 11 – Matéria de Capa da 1ª Edição do Jornal

Fonte: Arquivo pessoal: LIMA, Paulo Roberto Francisco – (2019). Pág. 3 do Jornal.

Além das imagens, o texto trazido na matéria nos provoca quando traz o contexto ao qual a fundação da escola está inserida. O destaque número 2 que faço está no texto na segunda coluna, em que percebemos o corpo docente da escola formado por Dona Rita

que exercia a função de gestora escolar e professora, Severino Valentim atual vice- gestor, mas que na época exercia a função de professor dos anos iniciais, além do senhor Zé Paulo como vigilante, Dona Teté e Dona Luzia como apoio nos serviços gerais da escola.

Percebemos que o Jornal oferece aos estudantes informações importantes no que se refere a História de Inhauá, a Fundação da escola é um tema sugerido pelo calendário Sociocultural e nós professores fazemos questão de trabalhar com os estudantes, pois eles reconhecem que a escola exerce um papel significativo na educação das crianças e dos jovens em uma comunidade que segundo eles vem crescendo e se desenvolvendo.

O jornal produzido por estudantes e docentes está inserido na categoria documentos escritos, fontes históricas que nos auxiliam em nossa prática escolar na sala de aula.

Os documentos escritos são os mais comuns e os que tradicionalmente têm sido usados por historiadores e professores em suas aulas de História. Não raro encontramos documentos usados como fins pedagógicos em muitos livros didáticos ou em coletâneas que selecionam textos escritos de diferente natureza, tais como textos legislativos, artigos de jornais, e revistas de diferentes épocas, trechos literários e mais recentemente poemas e letras de músicas. (Bittencourt, 2008, pág. 335).

Os documentos escritos fazem parte da rotina nas aulas de História e, poder contar com uma produção proveniente do trabalho realizado pelos estudantes e professores, torna-se ainda mais prazeroso quando é possível perceber o empenho de cada um deles, o que torna esse material ainda mais enriquecido de sentimentos, desejos e imaginação.

Encontramos uma diversidade de textos inseridos no Jornal: poemas, notícias, entrevistas que fazem com que esses estudantes tenham contato não só com as formas e técnicas de pesquisas, mas com a literatura e conhecimento em diversas áreas e em diferentes épocas.

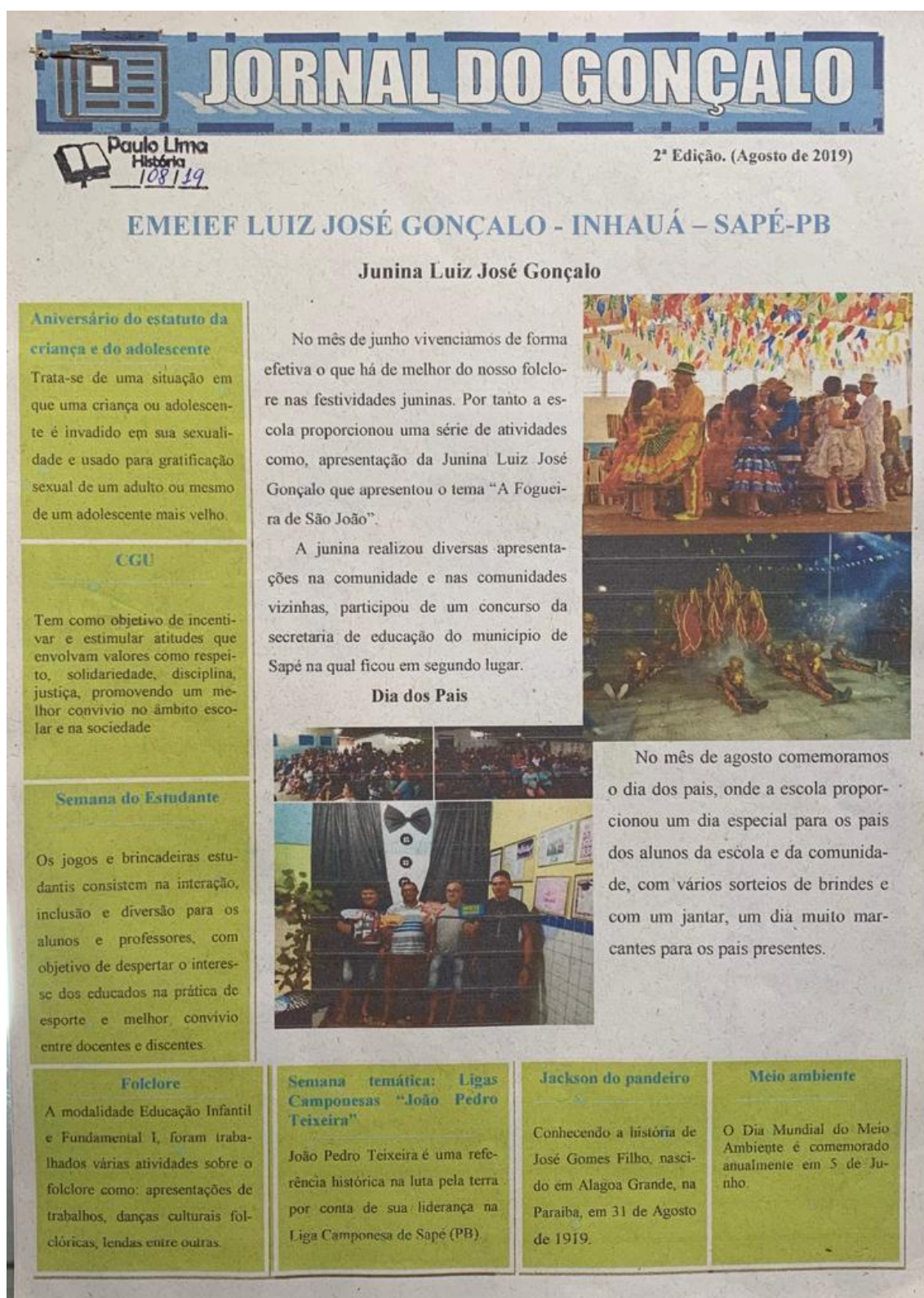


Imagem 12 – Capa 2ª Edição do Jornal do Gonçalves – agosto de 2019

A partir da Cultura proporcionamos aos estudantes um ambiente capaz de ensinar sobre respeito às pessoas (seus costumes e crenças), ao meio ambiente, para o compartilhamento de experiências.

Fonte: Arquivo pessoal: LIMA, Paulo Roberto Francisco – (2019). 2ª Edição do Jornal.



Imagem 13 – Capa 3ª Edição do Jornal do Gonçalves – setembro de 2019

Uma temática bastante abrangente e que os estudantes gostam é a Semana de educação para Vida que foi trazida na terceira edição do Jornal, os estudantes gostam porque ela trabalha diversas temáticas de interesse deles como, por exemplo: cuidados com a mente, depressão, suicídio, valorização do ser humano.

Fonte: Arquivo pessoal: LIMA, Paulo Roberto Francisco – (2019). 3ª Edição do Jornal.



Imagem 14 – Capa 4ª Edição do Jornal do Gonçalo – novembro de 2019

Na última edição do Jornal duas matérias nos chamam bastante atenção: a feira do conhecimento de matemática e ciências na qual os estudantes se dedicaram a construir seus experimentos e expor para a comunidade e o projeto “Um olhar diferente para o lixo” em que os estudantes observaram a forma como o lixo estava sendo descartado pela comunidade, e em caminhadas fizeram visitas de conscientização para o descarte correto e a não queima de lixo nos quintais e o cuidado com o espaço onde está localizada a praça.

Fonte: Arquivo pessoal: LIMA, Paulo Roberto Francisco – (2019). 4ª Edição do Jornal.

Além de material didático, o jornal foi pensado para alcançar um público mais amplo, que ultrapassasse os muros da escola, porém, para isso vejo a necessidade da participação da comunidade no jornal, não apenas como entrevistados ou tendo suas histórias contadas, mas participando da produção a partir da escrita, pesquisas e edição junto aos discentes e docentes. Buscaremos dar continuidade ao projeto e abrir este espaço aos que fazem parte da comunidade escolar que queiram contribuir com as matérias publicadas.

Embora nosso interesse seja por aquilo que é vivido e produzido em sala de aula, é preciso ressaltar que a mesma é atravessada pelo vivido em comunidade, bem como, pela normalização municipal. Trata-se de uma geografia que sofre influências na mesma medida que gesta saberes e sensibilidades para além da sala de aula. Uma cultura escolar que rompe os muros da unidade e ganha às ruas, as casas, as mentes e as identidades das pessoas.

Na disciplina de História além de trabalhar a leitura de uma maneira mais lúdica a exemplo do “varal da leitura²⁷”, envolvendo temas do cotidiano local e da vida no campo, também eram abordados os objetos de conhecimentos propostos pela BNCC²⁸ e o próprio jornal traz leituras sobre o esporte na comunidade, questões ambientais que os discentes poderiam ler e rever posteriormente, o que faz dele um meio de incentivo e prática da leitura, aproximando-os de algumas questões e situações vividas pela comunidade.

²⁷ Atividade proposta nas aulas de história que procura estimular a leitura nos discentes por meio de temas propostos no calendário socioeducativo e nos objetos de conhecimento contidos na BNCC. Uma observação importante é que os estudantes confeccionaram o varal com a orientação do docente, utilizando canos de PVC, cabides, pregadores, cartolinas, imagens e pequenos textos produzidos por eles a partir de leituras propostas.

²⁸ Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

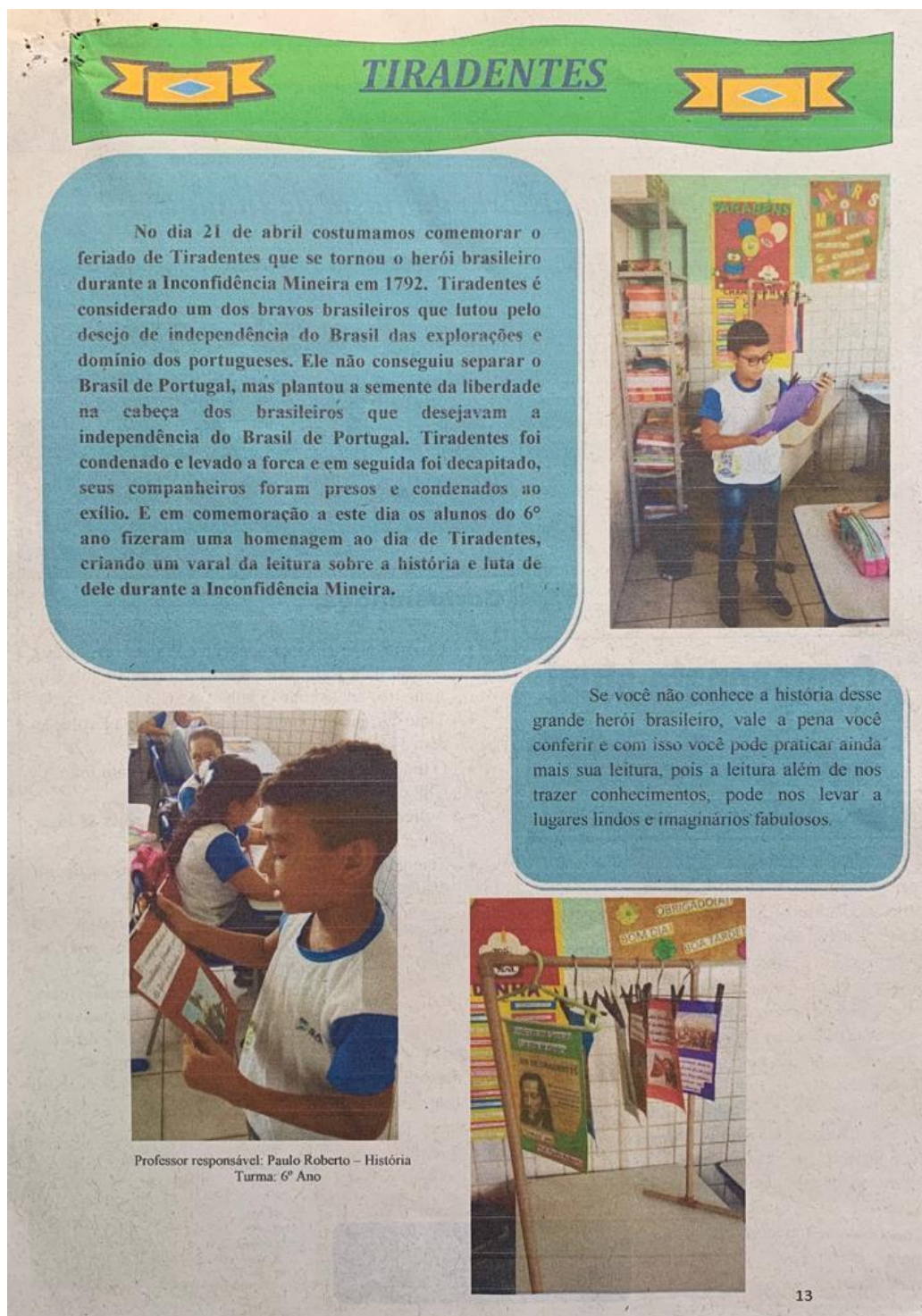


Imagem 15 – Atividade de leitura na aula de História – Varal da leitura sobre Tiradentes

Na imagem observamos estudantes realizando a leitura sobre Tiradentes que parte do tema proposto pelo Calendário Sociocultural, criando uma relação com os conteúdos do componente curricular a partir do Varal da Leitura produzido por eles na aula de História. Matéria publicada na I edição do Jornal, abril de 2019.

Fonte: Arquivo pessoal: LIMA, Paulo Roberto Francisco – (2019) pág. 13 do Jornal.

Na II edição do Jornal em agosto de 2019, os estudantes produziram uma matéria sobre João Pedro Teixeira na semana proposta pelo calendário Sociocultural, trazendo uma pequena biografia do líder camponês que se complementava com as produções didáticas e representações por meio de teatro e vestimentas produzidas pelos estudantes com a orientação de seus professores.



Imagem 16 – Matéria produzida pelos estudantes sobre João Pedro Teixeira

Fonte: Arquivo pessoal: LIMA, Paulo Roberto Francisco – (2019) pág. 08 do Jornal.

Na imagem página 08 do Jornal do Gonçalo, podemos observar atividades como produção de cartazes, apresentação de documentário, teatro, além da matéria sobre João Pedro Teixeira. De acordo com a proposta das Diretrizes curriculares do Campo de Sapé:

“Educar os sujeitos do campo inclui, necessariamente, socializar com eles todo o legado das lutas e resistências populares como conteúdo da “nossa história, do nosso lugar”. A escola forma *sujeitos* articulada a um projeto de emancipação humana.” (Sapé, 2022, p.7).

Articular os sujeitos com os movimentos sociais é uma forma de fazer com que eles estejam mais próximos, conhecendo as diversas culturas e valorizando o conhecimento e as experiências do outro. Quando pensamos e adentrarmos no mundo dos impressos a partir do jornal, temos a oportunidade de perceber e nos apoiar na História Cultural, nas formas de pensar e subjetivar o mundo a partir das representações, das experiências sensíveis, dos discursos produzidos, dos lugares plurais de pensar a História. Como afirmou Sandra Pesavento (2007), a História Cultural hoje é responsável por grande parte da produção historiográfica e muitos historiadores têm se reunido para pensá-la. Ainda sobre a influência da História Cultural, para Pesavento:

“[...] pode-se dizer que a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo.” (Pesavento. 2012, p. 22).

Como se pode perceber ao longo dos anos, fomos realizando atividades que exigiam dos estudantes reflexão e crítica. E os resultados vieram em forma de discursos escritos e/ou imagéticos sobre as afetividades e percepções acerca de um dado acontecimento histórico. Nessas tarefas estão descritas de alguma forma o entendimento deles, a forma como imaginam e subjetivam um dado conteúdo.

Essas atividades são, em nosso entendimento, a principal forma de perceber a subjetivação dos discentes, de como eles se percebem diante das histórias contadas por meio de um texto produzido, um desenho, uma encenação teatral, das sensibilidades de indignação, de medo, de luta, de resistência, dentre outros.



Imagem 17 – Representações do homem do campo

As imagens apresentadas foram feitas durante as gincanas de 2018 (imagem da esquerda) e 2019 (imagem da direita), em que os estudantes precisaram cumprir uma prova em que deveriam representar o cotidiano do homem do campo. Os critérios eram: originalidade das vestimentas, criatividade e trabalho em grupo.

Fonte: Arquivo: Escola Luiz José Gonçalo – (2018/2019).

Por meio dessas atividades buscamos tornar presente, a partir do entendimento que os estudantes tiveram diante de suas pesquisas, leituras e reflexões, de como poderia ter sido a vida do homem no campo em outras épocas. É pensar a partir do que disse Roger Chartier em sua obra sobre História Cultural, que tem como objetivo “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (Chartier, 1990: p.17).

Com isso, é possível que esses estudantes pensem de forma coletiva, em que cada um possa dar sugestões, respeitando o que foi percebido no individual, tendo em vista que eles poderão ter percepções distintas, mas que há essa possibilidade do coletivo, de pensar o social, de dar ideias de como poderia ter sido ou até mesmo de como gostariam que fosse. Como propõe Chartier o conceito de representação nos sugere:

“[...] a representação como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção ao radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado; por outro, a representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém.” (Chartier, 1990: p.20).

O que precisa ser entendido pelos estudantes é que essas representações não irão retratar tal como foi o fato acontecido, embora possa haver semelhanças. Eles precisarão entender que diante dos materiais que utilizaram nas pesquisas, foi possível pensar e construir uma memória, assim como, ao ouvir uma história essa memória também poderá ser representada.

Na atividade proposta os estudantes trouxeram também para essa representação uma visão alegre para o homem do campo, percebemos isso nas cores das vestimentas, na maquiagem feita, nos objetos utilizados, assim como na forma em que os personagens foram apresentados. Nesse momento eles nos proporcionaram muitas risadas, mas não ridicularizando a figura das pessoas do campo, mas preciso ressaltar que estávamos em um momento fora da sala de aula, participando de uma atividade diferenciada, na qual todas as turmas estavam juntas com seus professores torcendo, ganhando, perdendo, respeitando e aprendendo com o outro.

Assim, entendemos que para esses discentes a vida no campo além das lutas e resistências que muitas das vezes significaram momentos de violência e a não garantia de direitos, também traz consigo momentos alegres. Percebemos isso também nas falas deles ao apresentarem um cartaz, uma poesia, um seminário e até mesmo em uma simples roda de conversa, essas atividades abrem espaços para outras possibilidades em que os estudantes possam transmitir informações e aprendizados adquiridos no decorrer das ações desenvolvidas tanto de forma presencial como remota, que passaria a fazer parte de nossa rotina mais adiante.

Em 2020 durante a pandemia da Covid19, impossibilitados de trabalhar com materiais físicos, tendo em vista que as aulas estavam acontecendo apenas de forma remota na escola, era necessário buscar uma forma de trabalhar o tema na semana das Ligas Camponesas, que diferenciasse do que vínhamos fazendo, foi aí que pensamos juntos com a ajuda da professora de matemática Tatiane Santos, produzimos um material que pudesse ser compartilhado por meio de WhatsApp, Facebook, Instagram.

. Então a primeira etapa foi decidir o que faríamos, dentre as opções pensamos em realizar *Challenges*²⁹, mas o nosso objetivo não era desafiar as pessoas a produzirem outros vídeos ou esquetes assim como propõe os *Challenges*, queríamos que as pessoas tivessem acesso ao que foi pesquisado pelos estudantes e pelo que foi possível produzir. Então, pensamos na possibilidade de criar áudios em que todos os estudantes da turma do 8º ano A e B pudessem contribuir, e assim foi feito.

Passamos para a segunda etapa, decidir sobre qual assunto específico poderíamos abordar diante do tema Ligas Camponesas, ao qual decidimos contar sobre: a vida, as lutas e a morte de João Pedro Teixeira. Definido isso, foi necessário buscar informações sobre ele, utilizamos a internet na busca por textos, imagens e também utilizamos o Jornal do Gonçalves, com isso já vimos uma possibilidade dos estudantes utilizarem o jornal como material didático capaz de ajudá-los em suas pesquisas escolares. Produzimos o texto e os estudantes definiram qual parte deles iriam gravar os áudios que seriam editados e unidos com as falas dos outros colegas.

Ao terminar todas essas etapas, produzimos quatro episódios sobre a História de João Pedro Teixeira. A esse trabalho demos o nome de *PODCAST*³⁰ e intitulamos de “João Pedro Teixeira: um grande homem, um grande líder”, mas que só seria disponibilizado através das mídias já citadas acima.

”



Imagem 18 – Produção de Podcast: “João Pedro Teixeira um grande homem, um grande líder”

²⁹ Palavra em inglês que significa "desafios" consiste em realizar vídeos inusitados e postá-los em redes sociais, principalmente no *TikTok* e *Instagram*. Na maioria das vezes são coreografias simples e engraçadas no ritmo de músicas específicas. Podem ser também simples esquetes mostrando uma parte da vida das pessoas. Durante o período da quarentena, a prática se popularizou.

³⁰ Trata-se de um programa de áudio que fica disponível em dispositivos com acesso à internet. A palavra é uma junção de *iPod* (aparelho de áudio da *Apple*), e *broadcast* (que é a distribuição de conteúdo de rádio ou Televisão).

As imagens são *prints* feitos por mim dos episódios I e II, a figura utilizada para a capa do *Podcast* foi escolhida pelos estudantes durante a produção e edição. Quando era visto em forma de vídeo os estudantes podiam observar a mudança dos nomes de acordo com a mudança de falas a partir do que era narrado por eles.

Fonte: Arquivo pessoal: LIMA, Paulo Roberto Francisco – (2020)

Ao realizarmos essa atividade, percebemos um empenho vindo dos estudantes na busca por informações, na edição dos áudios, na apresentação de ideias e sem dúvidas na vontade de poder produzir um material que mostrasse o trabalho deles para outros estudantes e pessoas fora da escola. O que nos afirma ainda mais que é possível trabalhar a partir de uma educação em que os estudantes exercem seu protagonismo.

Assim foi feito em 2021 e 2022. O material foi utilizado em sala para que os discentes pudessem ouvir. Muitos deles ficaram curiosos em saber quais vozes são aquelas que estão sendo ouvidas, algumas até reconhecem e falam “essa é a voz de Maria Eduarda”, além do fato de quererem mais episódios, sugerindo assim a produção de mais conteúdos, o que torna gratificante pensar e construir um material capaz de provocar sensações e curiosidades nos discentes.

Ainda durante a pandemia, em 2021, as atividades ligadas ao calendário Sociocultural na semana das Ligas Camponesas tiveram que permanecer de forma remota, nos impossibilitando de realizar culminâncias presenciais em que era possível manusear os materiais confeccionados pelos estudantes.

Era comum designar turmas para que os professores pudessem trabalhar a temática e ficava a critério do docente a forma como seria abordado e que tipo de atividade seria realizada. Na ocasião, nas aulas de História a temática foi trabalhada a partir de oficinas de jogos.

Na oficina realizada os estudantes foram orientados a confeccionar um jogo educativo, que tivesse além do objetivo de levar informações sobre a temática das Ligas Camponesas, contribuísse também com as questões cotidianas do homem do campo atualmente, a pensar sobre as lutas por direitos daqueles que ainda vivem em zonas rurais como: a melhoria nas estradas, o direito ao transporte, serviço essencial para os estudantes que dependem de locomoção para chegar às escolas, questões sobre a agricultura familiar, alimentação e outras que eles julguem ser pertinentes e queiram abordar.



Imagem 19 – Capa da apresentação oficina de jogos realizada via Google Meet

Fonte: Arquivo pessoal: LIMA, Paulo Roberto Francisco – (2021)

Os jogos poderiam ser confeccionados a partir de materiais físicos como: jogos de tabuleiros, jogo da memória, quebra-cabeça, jogos de montar, como também poderiam utilizar a informatização construindo jogos por meio do próprio celular para aqueles que possuíam o aparelho a exemplo da criação de Quiz com perguntas e respostas.

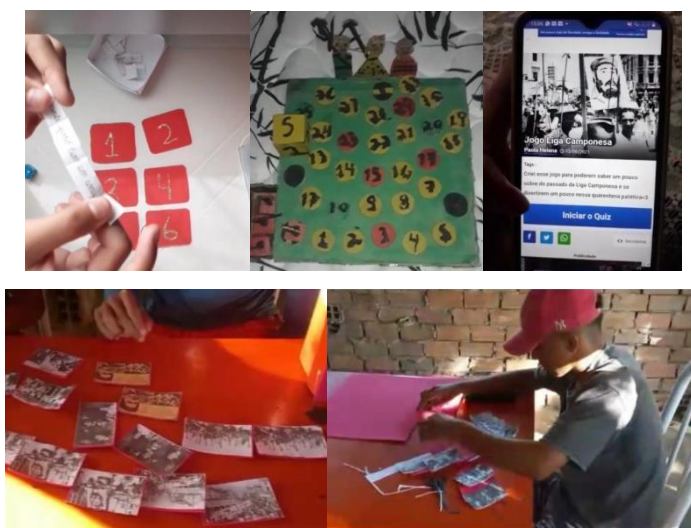


Imagem 20 – Jogos confeccionados pelos estudantes

Um dos objetivos das oficinas foi tratar da importância do brincar, já que estávamos passando por um período em que muitos estudantes continuavam ociosos em casa e com isso eles estariam usando a imaginação e criatividade na confecção dos jogos.

Fonte: Arquivo pessoal: LIMA, Paulo Roberto Francisco – (2021)

Buscamos pensar como o ensino de História nos possibilita dialogar com diferentes realidades, a pensar a proposta interdisciplinar. Em 2022 ao trabalharmos a temática das Ligas Camponesas de Sapé, procuramos integrar em um evento todos os componentes curriculares para que os discentes e docentes tivessem a oportunidade de expor trabalhos e ações, a este evento demos os nomes de “Sensibilidades e Memórias do homem do campo”. Para Lüke (2010, p.47, apud Neffa e Robledo, 2015, p.2) a interdisciplinaridade no espaço escolar;

[...] é o processo que envolve a integração e o engajamento de educadores, num trabalho conjunto, de interação das disciplinas do currículo escolar entre si e com a realidade, de modo a superar a fragmentação do ensino, objetivando a formação integral dos alunos, a fim de que possam exercer criticamente a cidadania, mediante uma visão global de mundo, e serem capazes de enfrentar os problemas complexos, amplos e globais da realidade atual (apud Neffa e Robledo, 2015, p.2)

A forma como trabalhamos em regime de colaboração entre os docentes é um ponto forte em nossa escola, juntos alcançamos objetivos, tentando sempre manter parcerias que nos ajudem a dialogar e construir meios que possam oferecer aos discentes uma formação integral em que sejam capazes de se reconhecerem por meio de suas experiências, valorizar sua História Local, possam cultivar o respeito ao outro e assim passem a constituir uma consciência social reafirmando seu lugar na sociedade como ser social.

Vejo no espaço escolar uma oportunidade de construir relações, já que é nesses espaços que ocorrem as conversas, as discussões, o compartilhamento de ideias, os aprendizados. É na escola que professores e estudantes convivem a maior parte do tempo, e aprendem de forma mútua valores que são trazidos de casa, mas que muitas vezes são construídos dentro desse ambiente por meio dessas relações, apesar de termos de cumprir um currículo prescrito, como já dito no capítulo I, é essencial que exista sensibilidades, que esse lugar de troca de experiências não se perca.

De 11 a 20 de julho de 2022 os docentes realizaram junto aos estudantes, trabalhos em suas áreas de conhecimento envolvendo a temática sobre o homem do campo dialogando com o ensino de História.

As ciências humanas estiveram representadas através da dança, a contação de histórias, a produção de vídeos e o teatro encenado por eles contando sobre a vida do homem do campo, as relações de lutas, resistência, poder e o cotidiano da comunidade, o que significou para eles um momento de aprendizado e trocas de experiências. Muitos fizeram comentários positivos sobre a tarde que tivemos para a culminância do projeto, falam que acham legal o contato com alguns objetos que os faziam lembrar seus avós como o cachimbo e fumo de rolo.

E o nosso objetivo era levar os estudantes a refletirem sobre o homem do campo a partir dos sentidos ao tocar os objetos, ao sentir os sabores dos alimentos, nos cheiros e na proximidade com os seus colegas e professores que produziram algumas apresentações que os fizeram rir, se emocionar e se sentirem representados de alguma maneira.

Alguns estudantes nos ajudaram a produzir um *card* para que pudéssemos divulgar o evento. Eles escolheram as cores, as formas e os desenhos que poderiam ser utilizados e o resultado foi o apresentado na imagem abaixo.



Imagem 21 – Card do evento Sensibilidades e Memórias do homem do campo

Fonte: Arquivo pessoal: LIMA, Paulo Roberto Francisco – (2022)

Na área de linguagens o diálogo foi com a literatura por meio da poesia, “[...] as fontes literárias são consideradas importantes documentos a serem trabalhados pelo professor, já que contribuem para uma análise histórica sobre diferentes sociedades, seus costumes e suas culturas” (Almeida e Amador, 2019, p.102),

Na matemática os jogos de tabuleiro, que nos sugerem construir aprendizagens significativas, “[...] o jogo deixa de ser meramente um entretenimento e passa a ser utilizado como ferramenta na busca do desenvolvimento de habilidades e da capacidade de construir conceitos (Juchem e Pereira, 2018, p.3),

Nas ciências da natureza o diálogo a partir da agricultura familiar foi um ponto bem significativo, pois “O projeto educativo da Escola do Campo se alinha ao projeto da Agricultura Familiar Camponesa de base agroecológica, tornando-o conhecido e o fortalecendo” (Sapé, 2022, p.13),

Para esse evento, foram construídas diversas narrativas a partir de pesquisas realizadas pelos discentes sob orientação de seus professores, nas Diretrizes Pedagógicas a pesquisa se apresenta como um princípio educativo, pois é uma “forma de interação com a comunidade e como estratégia pedagógica para o conhecimento da realidade, auxiliando diretamente no processo de transformação social” (Sapé, 2022, p.8).

Com isso as Histórias apresentadas foram baseadas em Histórias de pessoas que eles conheciam, ou pesquisaram. Sujeitos que passaram pelas dificuldades e processos que envolveram as lutas pela terra e a melhoria de vida e melhores condições de trabalho no campo, situações que eles podem encontrar em seu cotidiano, já que muitos pais e familiares são agricultores ou trabalham no corte da cana.

Trabalhar essas realidades com os estudantes é um compromisso que tenho, no qual passamos a construir concepções sobre a vida e a nos percebemos como sujeitos atuantes na sociedade, pessoas capazes de enfrentar as diversas situações cotidianas pautadas nos processos de exclusão e assim poder transformá-las.

Foi montada uma pequena exposição com alguns trabalhos confeccionados pelos estudantes, objetos que fazem parte do cotidiano das pessoas que vivem no campo e alguns que não são tão utilizados atualmente, além de símbolos que representam os movimentos sociais pela terra.

As apresentações foram assistidas pelos discentes e docentes que estavam presentes no dia e foi um momento de interação entre eles, inicialmente foi necessário

intervir chamando a atenção de alguns estudantes que não estavam conseguindo se concentrar nas apresentações, mas para professores que trabalham com educação básica é constante essas intervenções, chamar os alunos para a importância do tema, o esforço dos demais estudantes e professores para que o evento pudesse estar acontecendo.

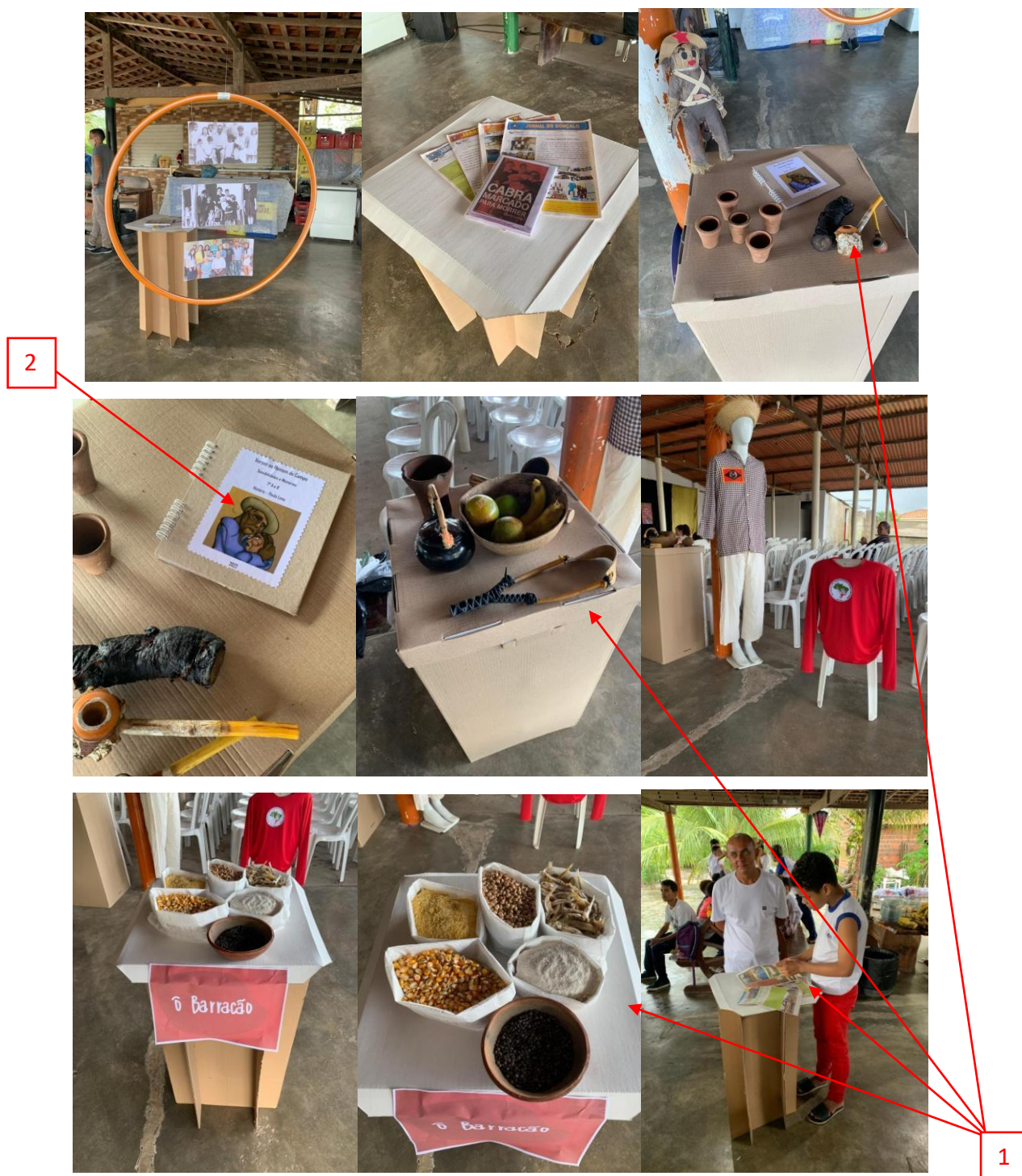
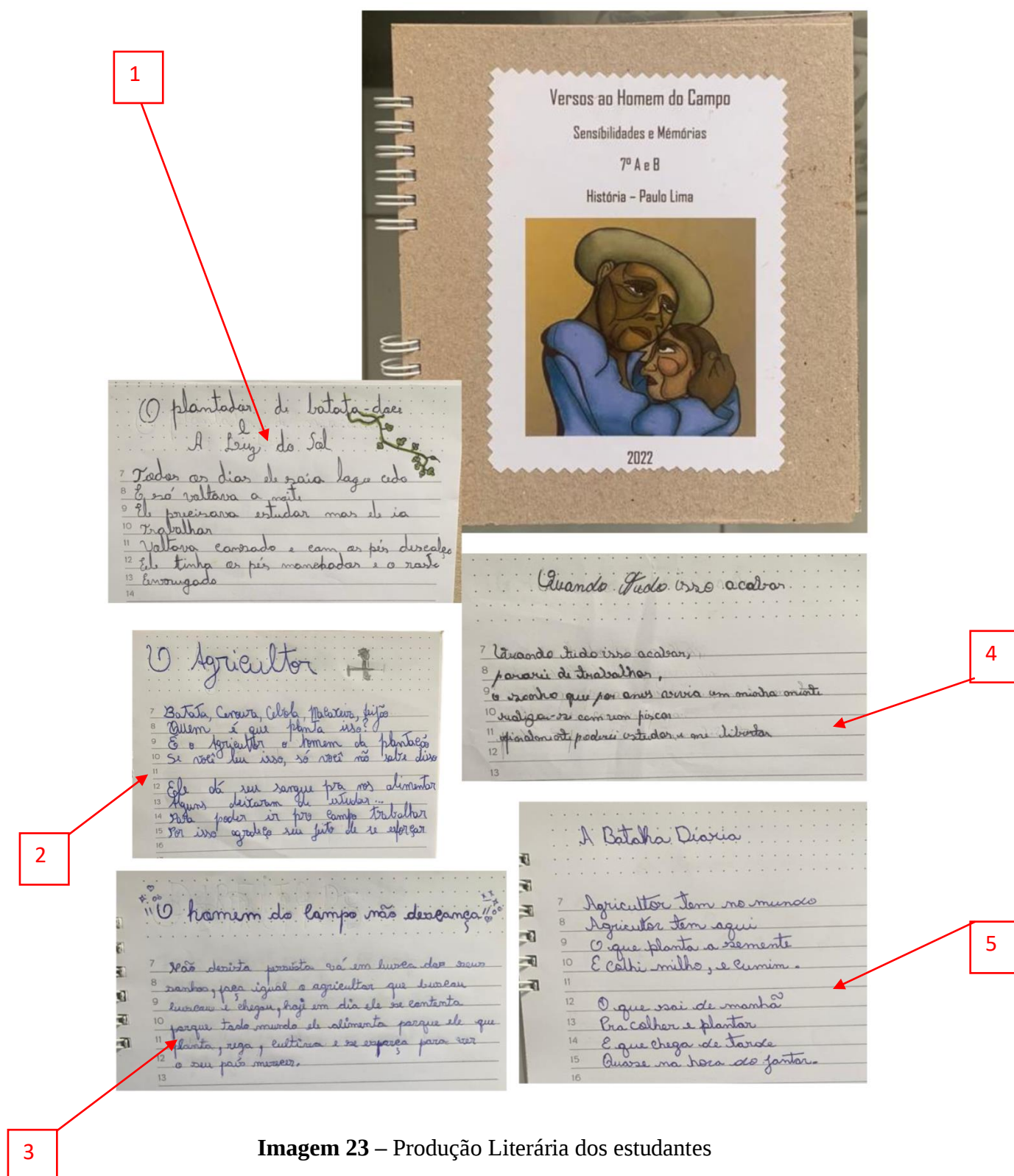


Imagem 22 – Exposição do evento

Nos registros feitos da exposição, busquei destacar algumas imagens: de objetos, dos alimentos e das produções dos estudantes. Destaque 1 – Os estudantes podiam manusear esses objetos, sentir alguns sabores e cheiros que foi uma das propostas da exposição. Destaque 2 – Produção literária dos estudantes dos 7º anos A e B, “Versos ao homem do campo – Sensibilidades e Memórias”, que eles poderiam ler e conhecer o que outros estudantes escreveram.

Fonte: Arquivo pessoal: LIMA, Paulo Roberto Francisco – (2022)



Ao trazer alguns versos que compõem o livro produzido pelos estudantes, busquei entender um pouco das percepções que eles possuem sobre a vida das pessoas no campo

especificamente aqueles que trabalham com a agricultura. Devo dizer que essas percepções fazem parte da forma como interpretei a partir do diálogo que tivemos durante o processo de criação do material em sala e a leitura que fiz dos versos.

Imagem 1 – Estudante (Aline Santos, 7ºA).

Ao fazer a leitura do texto escrito por ela, podemos perceber que a estudante pretende abordar a rotina diária do homem do campo que trabalha no plantio de batata-doce. Ao acordar muito cedo e o seu retorno para casa à noite, em que ele chegava cansado, com os pés descalços pelo fato de usar sapatos ou botas durante todo o dia e as manchas em seus pés seria o resultado desse uso contínuo e diário, que ao mesmo tempo que protege, provoca dores e marcas. Marcas que também podem ser vistas em seu rosto através das rugas provocadas pela passagem do tempo e a exposição ao sol. Ela também expõe a ideia de que o homem do campo tem o desejo de estudar, mas o trabalho o impossibilita.

Imagem 2 - Estudante (Kauã José, 7ºA).

No texto escrito pelo estudante percebemos que ele já nos traz a figura do agricultor que se dedica ao manuseio de mais de um alimento, aquele que por meio da agricultura nos alimenta. Alguns até tiveram oportunidade de estudar, outros ficaram pelo caminho para trabalhar no campo e ao final o estudante se mostra agradecido pela dedicação dessas pessoas que muitas vezes tiveram que abdicar dos seus estudos, por exemplo.

Imagem 3 – Estudante (Vitor Luan, 7ºB).

Em seu texto o estudante começa a partir do título dizendo que o homem do campo não descansa e que assim deve ser quando desejamos algo em nossa vida, devemos insistir e persistir, pois em algum momento iremos alcançar esses objetivos, assim como o agricultor que mesmo vivendo uma vida árdua e cansativa diante do trabalho do campo não se cansa, não fica parado e vai buscar do que almeja.

Imagem 4 – Estudante (Maria Eduarda, 7ºA).

Nesse texto percebemos que estudar é sinônimo de liberdade. O personagem criado pela estudante tem o sonho de deixar o trabalho no campo e que esse sonho se realizou quando menos esperou e que a partir de agora estudar seria se libertar-se daquilo que passou anos exercendo. Isso nos faz pensar que o trabalho no campo para alguns é

não ter a oportunidade de conhecer lugares novos, pessoas e aprender com outras experiências, o que é a realidade alguns mesmos estar preso a terra.

Imagem 5 – Estudante (Maria Clara, 7ºB).

Para finalizar um texto que nos traz a ideia de que os agricultores, mesmo estando em lugares diferentes seguem rotinas parecidas, acordam cedo e retornam ao final da tarde já anoitecendo. Ao escrever a estudante estruturou seu texto criando uma harmonia entre os versos 2 e 4 de cada estrofe por meio de rimas, optou por versos curtos que dão uma boa dinâmica na leitura.

Essa proposta foi um exercício bastante interessante, porque conseguimos perceber algumas realidades a partir do que os estudantes escreveram que estão inseridas nas experiências que eles vivenciam. No campo temos pessoas que trabalham usando utensílios e ferramentas mais primitivas ao cultivarem suas lavouras e encontramos pessoas que fazem uso das tecnologias mais avançadas para suprir uma necessidade maior e os estudantes conseguem distinguir essas diferentes realidades.

Eles enxergam que o trabalho no campo pode proporcionar para alguns um aprisionamento quando impede que as pessoas desenvolvam outras habilidades que os ajudariam a ter uma visão mais ampliada do mundo. Reconhecem que é a partir do campo que a comida chega à mesa das pessoas, demonstram gratidão e percebem a importância do campo na vida de todos nós.

É importante dizer que esses estudantes estão no 7º ano e a média de idade é entre 11 e 13 anos, e pelo que sei esses não tiveram contato direto com o trabalho no sentido de lidar com a terra, então ao escrever eles relatam sobre o que presenciam e as leituras que fazem quando trazemos algum texto sobre o trabalho na terra e os próprios livros didáticos abordam por meio de textos e imagens, assim com os meios de comunicação e internet. Então eles passam a construir imagens de como o trabalho no campo pode acontecer e as realidades que se configuram.



Imagem 24 – Agricultura familiar

A Imagem traz a proposta da professora de Ciências (Jéssika), para nossa exposição, em que a mesma trabalhou com os estudantes a Agricultura Familiar, apesar do nosso objetivo seja tratar da importância do cultivo dos alimentos a partir do campo e sua valorização em outros setores, ela nos trouxe os valores e benefícios nutricionais dos alimentos e os estudantes participantes fizeram as pesquisas em busca dessas informações e dados.

Fonte: Arquivo pessoal: LIMA, Paulo Roberto Francisco - (2022)



Imagem 25 – Jogos de tabuleiro

A proposta de matemática (Professor Erkthon) traz um jogo de tabuleiro com perguntas e situações do cotidiano no campo que os estudantes precisariam refletir e tomar decisões para avançar e chegar ao objetivo final, uma proposta simples e que eles gostaram bastante de jogar.

Fonte: Arquivo pessoal: LIMA, Paulo Roberto Francisco - (2022)



Imagem 26 – Contação de histórias/teatro/dança

Fonte: Arquivo pessoal: LIMA, Paulo Roberto Francisco - (2022)

Ao observarmos as imagens percebemos a interação entre os estudantes, em que passam a ser inseridos em um protagonismo, no qual são respeitados diante de seus interesses e necessidades. Parte-se do objetivo de dar espaço para demonstrarem suas habilidades, lideranças voltadas para o trabalho coletivo e não para o unitário e sozinho, para que possam pensar juntos, trocando experiências na prática ao desenvolver as atividades de forma coletiva, dando assim significados às suas memórias individuais.

Por meio dessas ações, buscamos estimular e envolver os discentes e convidá-los a demonstrarem suas posturas e participação, possibilitando assim diante das situações discutidas e vistas, que eles tenham autonomia para pensar e saber lidar com as questões do cotidiano, buscando nos resultados que vamos obtendo a possibilidade de melhorar a cada dia o aprendizado deles.

Para nós docentes também foi uma forma de perceber e reafirmar que as disciplinas podem e devem dialogar. A temática sobre o homem do campo não deve ser concentrada em um componente curricular, ela deve perpassar diante dos aspectos históricos, sociais, ambientais havendo assim a possibilidade do trabalho colaborativo entre as diversas áreas.

No próximo tópico veremos como os estudantes buscaram se destacar ao longo de suas trajetórias na escola, resultados provenientes de um trabalho coletivo entre escola e comunidade, a partir da contribuição de cada componente curricular, em que para mim o Ensino de História se destaca por pensar na formação integral do indivíduo e a capacidade que possui por meio dos seus conhecimentos, de fazer o estudante se perceber como indivíduo social.

2.3 - O Projeto na Escola e seus resultados.

Na escola buscamos dar significado aos fatos que estão ligados às memórias, as lutas e resistências vivenciadas pelo homem do campo, que podem de alguma maneira não encontrar espaço dentro das salas de aula perdendo seu valor diante da sociedade.

As ações propostas tentam trazer nessas memórias constituídas de emoções e vivências, uma forma de levar aos estudantes a curiosidade, a inquietação, incentivando a pesquisa, as discussões e o senso crítico, para que eles se sintam parte da História, sujeitos capazes de percebê-la e construí-la. Os estudantes precisam sentir que seus conhecimentos estão sendo valorizados e esse é um dos princípios de uma educação mais humanizada, capaz de transformar vidas.

A escola Luiz José Gonçalo tem se tornado uma referência no Município de Sapé quando falamos sobre a vida do homem no campo, uma vez que as propostas e ações realizadas envolvem toda a equipe escolar, os discentes, alcançam a comunidade e vão além. A experiência e o protagonismo dos estudantes os tornam participativos e proativos ao desenvolverem ações, que ao longo dos anos vem fazendo com que eles se destaquem no envolvimento com a comunidade, nos eventos e em concursos promovidos pela

secretaria de Educação do município, como MPT³¹ e o CGU³², em que muitos estudantes da escola já foram premiados.

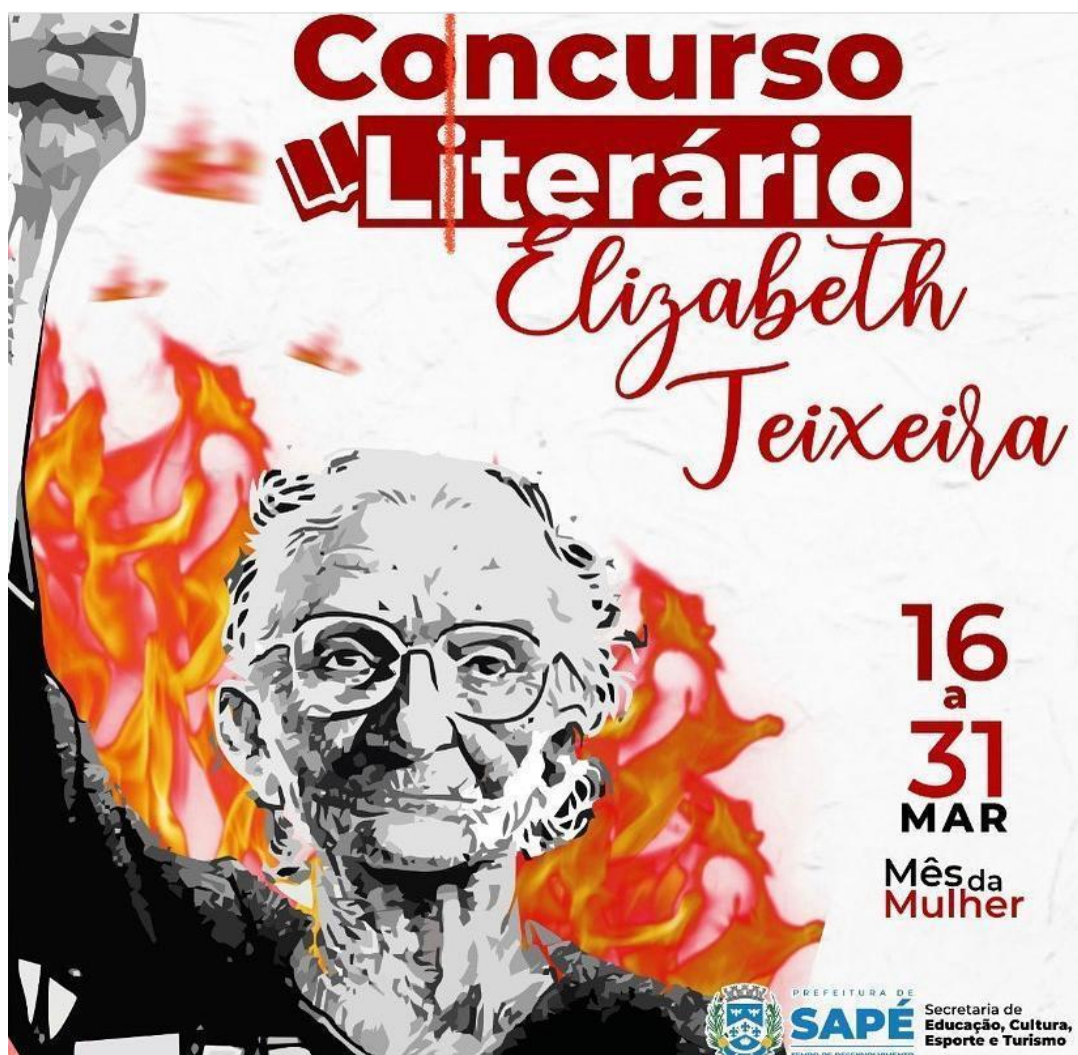


Imagem 27 – Card Concurso Literário (mês da mulher em Sapé)³³

Fonte: Arquivo pessoal: LIMA, Paulo Roberto Francisco - (2021)

³¹ Ministério Público do Trabalho

³² Controladoria-Geral da União

³³ **1º Concurso Literário em Comemoração ao Dia Nacional e Internacional da Mulher 2021** composto pelos seguintes temas: Tema 01- “O FOGO DE MUNTURO E A RESISTÊNCIA CAMPONESA DE ELIZABETH TEIXEIRA”; Tema 02 - AS MULHERES MARAVILHOSAS DA MINHA VIDA. O principal objetivo do concurso é reconhecer as mulheres invisibilizadas histórica e socialmente, buscando homenagear as mulheres que cotidianamente ecoam vozes em defesa dos direitos, lutam e são exemplos de resistência, amor e esperança.

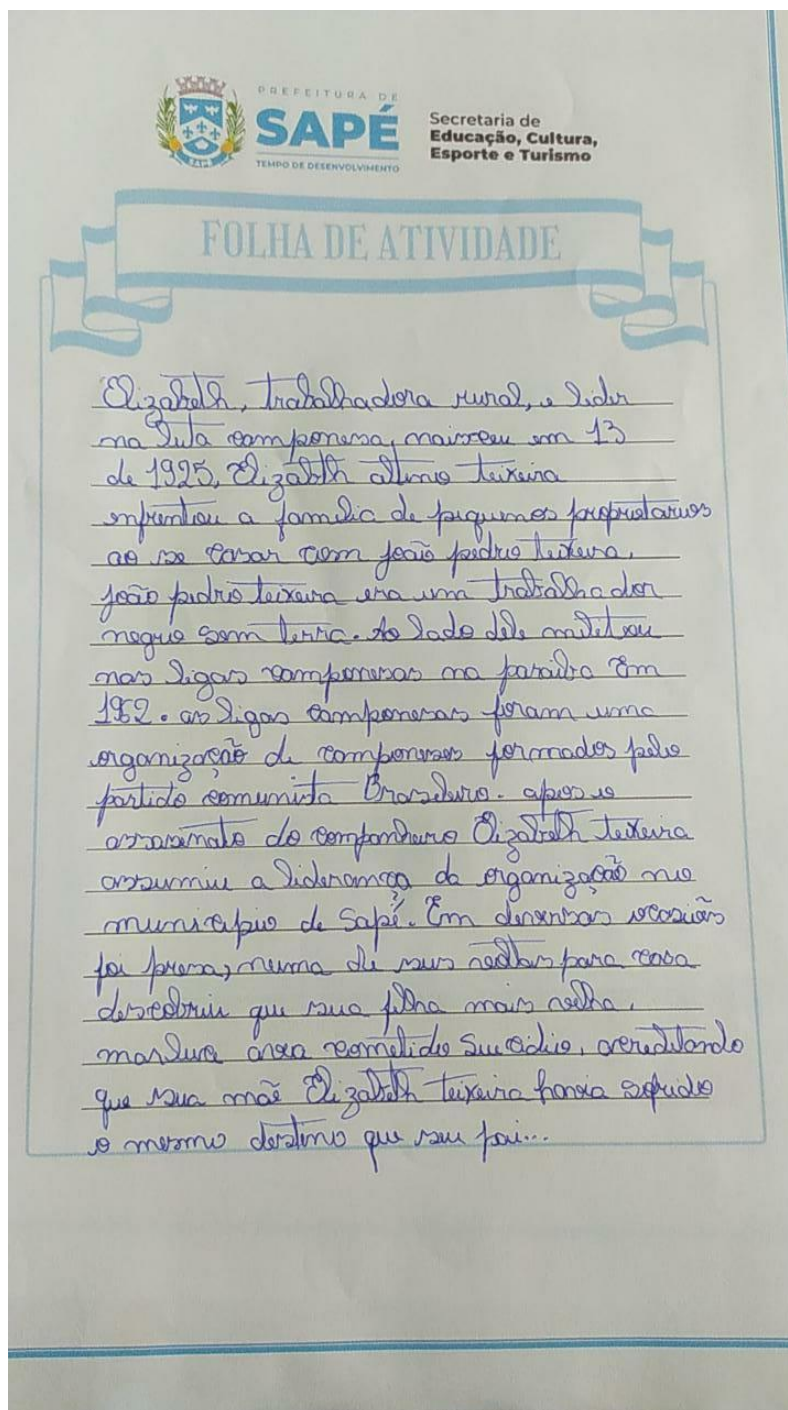


Imagem 28 – Concurso Literário (mês da mulher em Sapé) – Trabalho realizado por um discente - Categoria Biografia

O texto produzido participou concorrendo na categoria Biografia de Elizabeth Teixeira, o participante precisava escrever o texto em papel timbrado e não poderia assinar, mantendo o sigilo na autoria para que assim pudesse concorrer. É importante dizer que esses textos também são usados em sala para ajudar os professores a trabalharem erros de ortografia e gramática principalmente nas aulas de Língua Portuguesa.

Fonte: Arquivo: Escola Municipal Luiz José Gonçalo - (2021)

Nessas participações os discentes colocam em prática o que aprendem na escola sobre os diversos temas trabalhados, desenvolvendo ainda mais a capacidade de entender e interagir na sociedade a partir das percepções e preocupações com as desigualdades, processos de exclusão e explorações existentes.

Eles desenvolvem suas habilidades por meio da leitura, escrita e das artes, vale salientar que apresentações de dança e teatro são pontos fortes dos estudantes, assim como a capacidade de perceber os problemas sociais e demonstrarem isso a partir dos textos e desenhos que produzem, muitas das vezes as categorias em que são premiados são as de poemas literários, quadrinhos e desenhos, nos quais expressam suas opiniões sobre o combate ao trabalho infantil, a exploração de crianças e adolescentes, a luta por direitos sempre tentando fazer pontes com o que é vivido no campo em dialogo com outras realidades, tendo consciência de seus deveres na condição de crianças e adolescentes estudantes.



Imagem 29 – Prêmio MPT na escola 2022³⁴, Etapa Municipal

Estudantes premiados em diversas categorias do Concurso MPT na escola 2022, na ocasião estavam estudantes, professores, gestores e autoridades. Os estudantes foram bastante elogiados pela peça teatral apresentada por eles durante o evento sobre o combate ao trabalho infantil.

Fonte: Instagram da Secretária de Educação, Cultura, Esporte e Turismo – Sapé, (2022)³⁵

Em eventos como do Ministério Público do Trabalho, o ensino de História exerce um papel fundamental, ao conscientizar os estudantes sobre temas, a exemplo do combate ao trabalho infantil, mostrando que essa é a realidade de muitos brasileiros e que rouba também os sonhos e as oportunidades de muitos que vivem no campo. Esse é um trabalho coletivo em que a escola é o viés e o meio pelo qual a educação pode ser exercida junto à família e a comunidade na formação desses estudantes, assim como o engajamento dos profissionais da rede Municipal de Sapé em construir documentos norteadores para a elaboração do Currículo da escola do campo.

³⁴ O Prêmio MPT na Escola consiste na seleção e premiação dos melhores trabalhos literários, artísticos e culturais produzidos pelos(as) alunos(as) das escolas públicas que participam do Projeto MPT na Escola em todo o território nacional. O Prêmio MPT na Escola tem por objetivo levar a temática do trabalho infantil para a sociedade, por intermédio da comunidade escolar, transformando os(as) profissionais da educação em multiplicadores(as) do conhecimento sobre o tema, bem como acerca da necessidade da prevenção e da erradicação da exploração do trabalho de crianças e adolescentes; fomentar a participação de crianças e adolescentes nas ações de mobilização, conscientização e prevenção do trabalho infantil e de proteção do(a) adolescente trabalhador(a); reconhecer e divulgar os melhores trabalhos literários, artísticos e culturais produzidos pelos(as) alunos(as), bem como a dedicação dos(as) educadores(as) envolvidos(as) nas ações de prevenção à violação dos direitos de crianças e adolescentes.

³⁵ <https://www.instagram.com/p/ChHo-DzOdHE/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>.

Há, nessa perspectiva, vastos desafios a percorrer, entre os quais, o trabalho coletivo nas escolas que pode se definir na junção de muitas mãos por pessoas que estejam comprometidas com a construção de novos horizontes na educação do campo. Entre as estratégias adotadas para construção de trabalhos coletivos é possível salientar a elaboração de diretrizes curriculares que atendam à realidade dos sujeitos camponeses. (Sapé, 2022, p.8).

Ao observarmos a imagem a seguir percebemos que a estudante teve a sensibilidade de pensar as duas realidades que conhece, ao fazer relações do urbano e do rural no que diz respeito à exploração do trabalho infantil, já que o fato pode ocorrer nessas duas esferas. O mais interessante além dessa relação é que a estudante poderia produzir um desenho imaginando apenas o urbano, pois muitas informações e a própria mídia nos levam a pensar em crianças que vendem produtos, ou limpam pára-brisas no sinal de trânsito como é a realidade de muitas cidades, mas houve nesse momento talvez um olhar sensível sobre a vida de crianças e adolescentes do campo que possivelmente estariam inseridos nesse contexto da exploração do trabalho. Faço, então, uma observação sobre o material enviado para provocar os estudantes a participarem do concurso, em quase sua totalidade retrata a exploração do trabalho entre crianças e adolescentes a partir de uma perspectiva urbana.



MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO
COORDENADORIA REGIONAL E NACIONAL DE COMBATE À EXPLORAÇÃO DO TRABALHO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE -
COORDINFÂNCIA
RESGATE À INFÂNCIA - PROJETO MPT NA ESCOLA

ANEXO V
PRÊMIO MPT NA ESCOLA 2022
FORMULÁRIO: CATEGORIA DESENHO³

Aluno(a): **Maria Laura da Silva Virgulino**

Escola: **EMEIEF Luiz José Gonçalo**

Série/ano: 6º ano

Título: Trabalho Infantil

Link do YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=z8dODOIkcz8>

*COLAR UMA IMAGEM DO DESENHO NO ESPAÇO ABAIXO:



³ Conforme Item 7.6 do Regulamento Nacional: desenho original e inédito, em papel CARTOLINA, (dimensão de 50cm por 65/66 cm), sem moldura, com a filmagem dos principais momentos da sua elaboração para posterior postagem no YouTube.

documento assinado eletronicamente por Maria Edlene Lima Follmann em 14/02/2022, às 08:11min24s (Protocolo de Brasília).

Imagem 30 – Prêmio MPT na escola 2022, Etapa Municipal, desenho de uma estudante

Fonte: Arquivo pessoal: LIMA, Paulo Roberto Francisco - (2022)

A comunidade reconhece nossos esforços e dos estudantes, por isso possuem uma participação fundamental ao apoiar a escola e corpo docente nas ações que são realizadas, ajudam e colaboram para que sejam colocadas em práticas as ideias propostas, pois entendem que os esforços feitos são para elevar o nível e a educação de seus filhos.

Estão sempre presentes, prestigiando os estudantes e professores, visto que reconhecer o que se faz é uma forma de incentivar os estudantes para que continuem sua formação, tendo de seus responsáveis e familiares o apoio que precisam para continuar.

Os estudantes receberam muitos elogios em suas apresentações no FHISTC³⁶ – Festival de História e Cultura da Escola, realizado em praça pública nos anos de 2018 e 2019. Nesse evento recebemos a presença de pessoas da comunidade que ficaram encantadas com as apresentações, muitos chegaram a dizer que “ano que vem estarei aqui novamente”, reconhecendo a dedicação dos estudantes.

Em suas apresentações os discentes trazem além dos objetos de conhecimento que propõe a BNCC, buscam trazer nelas a essência do que o festival tem por objetivo, que são as questões do cotidiano, diante das percepções de quem vive no campo. Em 2020 e 2021, não tivemos edições do festival, pois entendemos que ele representa o contato, o sentir das emoções que só o momento presencial nos proporciona, sentir as vibrações do público e os aplausos é muito significativo para todos os envolvidos, principalmente para os estudantes que se veem na posição de protagonistas e se dedicam para que tudo aconteça.

Vemos nisso uma resposta ao que nos propomos a fazer na condição de educadores, a vontade dos estudantes em participar criando coreografias, pesquisando, ajudando outras turmas, trabalhando em equipe, buscando relacionar aos conhecimentos históricos adquiridos durante suas formações. O que nos faz perceber que o fazer não está relacionado ao objetivo de receber uma nota e sim porque o fazer traz resultados positivos para o aprendizado deles e os mesmos passam a adquirir essa consciência, pois, estar junto dos colegas e realizar uma atividade em conjunto passam a fazer parte do seu cotidiano e o torna mais agradável e prazeroso.

³⁶ O festival faz parte do projeto interdisciplinar da disciplina de História, criado em 2018, por Paulo Roberto Francisco de Lima, nele os discentes apresentam diversas temáticas por meio da dança e do teatro, é uma resposta ao que aprendem nos conteúdos de História a partir da BNCC e no que se refere à História Local da Cidade de Sapé e de Inhauá.



Imagem 31 – Fhistc 2019

Fonte: Arquivo pessoal: LIMA, Paulo Roberto Francisco - (2019)

Com essas atividades somos inseridos em um constante processo de ensinar e aprender, que nos torna capazes de conhecer e reconhecer, possível quando existem relações coletivas entre docentes e discentes junto a uma comunidade participativa e humanizada, preocupada e engajada na educação de seus filhos, “a educação acontece na relação cognoscente entre educadores e educandos, sempre mediatizados pela realidade a ser conhecida e transformada” (Freire, 1987, p. 25, apud Sapé, 2022, p.8).

É nessa relação que me sinto inserido, quando estou com os estudantes não me sinto uma pessoa que transfere algo ou algum tipo específico de conhecimento, sinto que aquele ambiente nos proporciona trocas. Em muitos momentos me sinto incentivado a buscar conhecimento e assim oferecer a eles uma educação com ainda qualidade, percebo que os resultados não chegam só para eles e para a escola, eu como profissional me desafiou todos os dias. Então para mim, manter um bom relacionamento com os

estudantes, com a escola, com a comunidade, aprendendo com eles, já me faz alcançar resultados.

Um desses resultados é o incentivo que recebo deles para escrever e com a participação deles passei a produzir um material de trabalho que utilizo como recurso didático, quando trabalho História Local. Trata-se de um livro infanto-juvenil que traz a História de Sapé com uma linguagem mais apropriada para os estudantes da Educação Infantil e Ensino Fundamental.

A ideia parte da dificuldade de encontrarmos material acessível e de uma linguagem mais fácil ao entendimento desses estudantes. E foram eles que me incentivaram a iniciar o projeto, que ainda está no início, mas já possui dois capítulos e busco trazer neles a participação dos estudantes por meio dos trabalhos que eles fizeram e produziram. Assim como algumas narrativas de experiência que tivemos.

O livro é também uma homenagem à cidade de Sapé aos seus 97 anos completados em 2022. No primeiro capítulo o livro traz um breve histórico da Cidade desde a origem do nome, os primeiros povos que habitaram a região onde a cidade se localiza, os movimentos sociais, personagens importantes para a cidade e os aspectos gerais como: o processo industrial, o meio ambiente, cultura, religião, economia e os espaços urbano e rural da cidade.

A proposta é dos próximos capítulos abordarem esses temas de maneira mais específica trazendo dados, produções e experiências das pessoas e dos estudantes, criando diálogos e que eles possam se reconhecer como sujeitos na História de Sapé.



Imagem 32 – Livro Infanto-juvenil – Recurso didático

A proposta da capa que faz referência ao primeiro capítulo é trazer cores e elementos que fazem parte da história da cidade como: a cana-de-açúcar, o capim e o abacaxi, além dos personagens que representam estudantes com características de figuras importantes que fizeram parte da História da cidade nos movimentos sociais, na literatura e na formação da população.

Fonte: Arquivo pessoal: LIMA, Paulo Roberto Francisco - (2022)



Imagem 33 – Livro Infanto-juvenil – Apresentação dos personagens

Fonte: Arquivo pessoal: LIMA, Paulo Roberto Francisco - (2022)

Os personagens foram pensados para representar estudantes do Ensino Fundamental II, por ser a faixa etária que trabalho e isso me ajudaria trazer as características que percebo nos estudantes para os personagens, em que alguns gostam de ler, escrever, explorar lugares, são atenciosos e prestativos.



Imagem 34 – Livro Infanto-juvenil – Contexto Histórico de Sapé

Fonte: Arquivo pessoal: LIMA, Paulo Roberto Francisco - (2022)

Ao longo da leitura os estudantes vão acompanhando o processo de desenvolvimento da cidade e por meio das imagens podem observar edificações como a da Igreja Matriz, lugares como: a feira que é muito importante na vida de pessoas que sobrevivem dela, os líderes do movimento camponês, a Literatura representada pelo poeta Augusto dos anjos e a reserva ecológica de Pacatuba.

O capítulo seguinte do livro traz os personagens Jajão e Elis contando a história do movimento das Ligas Camponesas na cidade.



Imagem 35 – Capa que inicia o II Capítulo - Livro Infanto-juvenil

Fonte: Arquivo pessoal: LIMA, Paulo Roberto Francisco - (2022)

O livro tem como base as pesquisas que fazemos em nossas atividades. Eu busquei dar sentido a ele por meio das histórias que os estudantes trazem a partir de suas experiências e memórias, visto que é o meio pelo qual conseguimos nos expressar juntos, aprender, criar, imaginar e produzir.

Aprendemos a fazer “leituras sobre o mundo, a qual nos apegamos” e a respeitar outras “leituras de mundo”, afinal os estudantes ao mesmo tempo em que conhecem e aprendem, nos ensinam. E eles têm sede de aprendizado, de estudar e conhecer sobre situações pelas quais o país está passando e os impactos que essas questões que podem estar ligadas a economia, política, a questões históricas e geográficas podem ocasionar e interferir em suas vidas. Manter a escola viva e trabalhando é proporcionar a eles essas oportunidades e a todo o momento devemos estar problematizando diante das questões e dos objetos de conhecimentos e não meramente apresentá-los.

Portanto, fortalece ainda mais a nossa percepção de que o ambiente escolar é um ambiente riquíssimo de pesquisa e aprendizados, no qual os estudantes aprendem a respeitar a cultura do outro e assim adquirir uma visão de mundo através de um olhar sensível.

No próximo capítulo vamos em busca de outras histórias, aquelas que ficaram guardadas, escondidas, muitas vezes silenciadas e encontramos nas falas de pais, responsáveis e estudantes relações com essas histórias.

CAPÍTULO 3 - A BUSCA POR OUTRAS HISTÓRIAS: POSSIBILIDADES DE CONSTRUÇÕES DE NARRATIVAS

Atualmente as sociedades contemporâneas têm buscado compreender a importância das memórias para dar sentido a suas realidades e percepções. Perceber essas realidades a partir dessas narrativas tem sido um dos objetivos daqueles que se preocupam com o tema sobre as Ligas Camponesas.

Trazer à tona outras histórias e memórias que ficaram apagadas pelas histórias oficiais que foram escritas ao longo dos anos é uma possibilidade de recuperar o sentimento de luta e de um futuro melhor que motivaram os trabalhadores do campo.

Para Benjamin (2012, pág. 16), o sujeito do conhecimento histórico é a própria classe lutadora e oprimida. Devemos romper com a ideia de uma história contada e herdada da classe dominante e a partir disso não a reproduzir. Dessa forma, precisamos buscar as histórias que são passadas de boca em boca através das gerações, ricas de conhecimentos e detalhes, experiências que aos poucos estão desaparecendo do contexto de muitas sociedades.

3.1 - As Possibilidades de uso das memórias para o ensino de História.

Quando rompemos com a ideia de histórias contadas a partir dos vencedores, temos a oportunidade de ouvir, e com isso surgem possibilidades de trabalhar com memórias na concepção do coletivo, passamos a colher experiências no mundo em que aquilo que é vivido de formas individuais se tornaram muito presentes, fato esse que nos levará a pensar em um distanciamento com passado quando não o enxergamos e não conseguimos fazer ligações com ele em nosso presente.

A troca de experiências nos dias atuais nos parece cada vez mais distante entre os indivíduos, a partir do momento em que a sociedade os condiciona a viver muitas vezes isolados, trazer essas memórias e reviver um passado que nos parece morto, que foi esquecido pelas histórias oficiais, dado que “onde há experiências no sentido estrito do termo entram em conjunção a memória, certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo” (Benjamin, 1989b, p.107, apud D’Angelo, 2006, p. 34).

Quando falamos de memórias remetemos a um conhecimento conduzido pelo passado, entendemos também que a sua ligação com o presente é possível, quando esse bebe das lembranças individuais que podem partir também das relações de poder quando se destina a valorização e manutenção de valores de um grupo e de seus interesses, “o trabalho com a memória representa uma forma de resistência cultural e política” (D’Angelo, 2006, p. 36). A memória se apresenta a partir de elementos afetivos expressados por meio de narrativas, quando um sujeito passa a relatar suas experiências, ele as constrói a partir de seu próprio passado.

A memória também pode estar associada ao que não foi vivido pelo indivíduo, mas o mesmo se identifica porque a memória quando compartilhada por um grupo ao qual se faz parte se torna coletiva, os sujeitos passam a se apropriar dessas experiências coletivas.

Quando pensamos a memória a partir do conceito de experiência em Walter Benjamin, entendemos por aquilo que é assimilado pelas pessoas mais velhas ao longo de suas vidas e são transmitidas aos mais jovens.

Sabe-se muito bem o que era a experiência: as pessoas mais velhas passavam-na sempre aos mais novos. De forma concisa, com a autoridade da idade, nos provérbios; em termos mais prolixos e com maior loquacidade, nos contos; por vezes através de histórias de países distantes, a lareira, para filhos e netos. (Benjamin, 2013, p.85).

Os mais velhos a partir de um dito popular podem ensinar questões de valores e direcionamentos aos mais novos. Mas atualmente será que isso faz sentido para os mais jovens? Será que eles conseguem perceber a mensagem que se quer passar? Muitas vezes sim, porém o que acontece é que atualmente os jovens estão ligados ao agora, ao presente, ao que suas concepções indicam sobre o que precisa ser feito. Histórias do passado, narrativas sobre memórias dos mais velhos nem sempre terão seu valor na visão dos jovens assim como no passado nem sempre lhes interessam.

Partimos do pressuposto de que memória é uma construção, embora não seja uma construção do passado, a elaboração da memória se dá no presente, construída no

momento, respondendo e atendendo às solicitações do presente, a todo o momento a memória precisa estar sendo atuante no agora, tornando possível o diálogo entre as relações de passado e presente, é um processo contínuo de construção e reconstrução, que vai mudando com o passar do tempo.

“A memória torna as experiências inteligíveis, conferindo-lhes significados. Ao trazer o passado até o presente, recria o passado, ao mesmo tempo em que o projeta no futuro; graças a essa capacidade da memória de transitar livremente entre os diversos tempos, é que o passado se torna verdadeiramente passado, e o futuro, futuro.” (Amado, 1995, p.132)

É um exercício de narrar memórias e conferir-lhes significados no qual recorreremos às nossas experiências e às experiências de outros. Ao utilizarmos a memória, as narrativas de um indivíduo obtidas por meio de entrevistas ou rodas de conversas como fontes, possivelmente iremos perceber que em determinados momentos essas memórias irão mudar.

As memórias coletadas hoje não serão as mesmas daqui a alguns anos, os resultados dessas “entrevistas” poderão ser diferentes, porquanto com o passar do tempo elas irão se alterar, as memórias são frutos do presente que estão o tempo todo se construindo. Inclusive a partir de suas imperfeições, ela pode ser distorcida e imperfeita, não parte de uma memória cristalina ou irretocável daquilo que se passou. E nessa sua imperfeição irá sofrer sim com a passagem do tempo, tanto na sua identidade quanto na sua deterioração física marcada pela idade por exemplo.

São deformações que não podemos vê-las como pontos negativos, pois estamos trabalhando com a subjetividade das pessoas e essas subjetividades nos faz pensar nas representações, construção do social, dos valores culturais pautados em uma experiência social coletiva, a partir de operações ideológicas, narrativas que são contadas e recontadas, para nós e para os outros, fazendo-nos pensar no que fomos, o que somos e no que gostaríamos de ser, nos apresenta como algo que nos fortalece, libertador.

“A experiência é um termo médio necessário entre o ser social e a consciência social: é a experiência (muitas vezes a experiência de classe) que dá cor à cultura, aos valores e ao pensamento: é por meio da experiência que o modo de produção exerce uma pressão determinante sobre outras atividades: e é pela prática que a produção é mantida.” (Thompson, 1981, p. 112).

As experiências percebidas diante dessas narrativas partem dessa consciência social, de como os sujeitos se percebem e enxergam o outro diante do ser social, dos valores culturais, da vida material e a forma como percebem o mundo e isso é determinante para a construção dessa consciência social.

A História por sua vez nos traz uma abordagem cognitiva, uma produção racional do conhecimento, uma dissociação mais clara entre passado e presente, mesmo se comunicando com o presente a História não se apresenta de uma forma tão interligada assim como nos possibilita a memória.

Não trataremos do “resgate” das memórias, pois memórias não são depósitos de informações que estão ali no fundo precisando ser resgatadas, não é algo concreto produzido no passado e que permanece ali preso, escondido esperando alguém para resgatá-lo. Trabalharemos para construir, preservar as memórias ou até mesmo restaurá-las.

Não podemos perder a capacidade de narrar, porque isso levará a um esvaziamento de experiências para outras gerações. Experiências essas que podem ser rememoradas, compartilhadas e refletidas. Capazes de permanecer para além do vivido. Essa prática pode ser vista como um processo de aprendizagem em que os sujeitos vão traduzindo os elementos que se relacionam com o conhecimento que foi adquirido ao longo do tempo.

Quando trazemos essas memórias para as salas de aula, em especial para as aulas de História, passamos a analisar o que foi vivenciado, as experiências de cada um que serão compartilhadas chegando de forma coletiva aos estudantes, com isso teremos a junção desses conhecimentos, e essas junções poderão significar mudanças que vão dando sentido à construção da aprendizagem e consciência de identidade e de pertencimento diante do ensino de História. “Recordar a própria vida é fundamental para nosso sentimento de identidade” (Thompson, 2002, p. 208).

Quando falamos em uma memória identitária a partir do indivíduo estamos nos referindo a sua capacidade de conexão com a memória de um grupo, o que chamamos de memória coletiva, pois o indivíduo diante de suas relações e reflexões não parte do seu próprio referencial, existe toda uma aproximação dialógica com outros sujeitos e realidades. Para Maurice Halbwachs a memória:

“[...] não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem freqüentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. (Halbwachs, 1990, p.36).”

Esse coletivismo é entendido pelos estudantes quando começam a compreender o papel da memória dentro da sala de aula por meio das interações entre os grupos ao realizarem o exercício de rememorar, seja entre colegas de sala ou com pessoas mais velhas, com isso, esses estudantes passam a compreender fatos e acontecimentos, o que passa a ser imaginado por outros indivíduos, mesmo que tenham ouvido a narrativa de uma experiência individual, mas que foi compartilhada e por isso torna-se de caráter coletivo na sociedade.

No tópico seguinte conheceremos um pouco mais sobre as histórias contadas pelos pais ou responsáveis dos estudantes no tocante a formação do local em que vivem, dos aspectos físicos, culturais, povoamento e a ligação deles com o movimento camponês.



Imagem 36 – Roda de Conversas

Fonte: Arquivo pessoal: LIMA, Paulo Roberto Francisco - (2023)

O caminho pensado para trazer essas histórias foi a partir de uma roda de conversa, que se apresentam nesta pesquisa como uma possibilidade de produção e coleta de dados, porque ao ouvir as narrativas é possível perceber o quanto são importantes às trocas entre os indivíduos, quando contam sobre suas experiências e o que lhes dão sentido à vida. Por meio da conversa abrimos espaço para a escuta e a fala, ao interagirmos de forma coletiva. Passamos a ouvir outro e dar atenção às suas colocações, a partir do momento em que há essa interação criamos um laço de respeito ao ouvirmos sobre suas alegrias, tristezas, medos e o conhecimento individual que passa a ser compartilhado com o grupo.

3.2 - A memória dos trabalhadores, rememorações das Ligas Camponesas com os pais, responsáveis e estudantes.

Não é a toda hora e em todo lugar que percebemos a presença das ligas camponesas entre as pessoas na cidade, uma vez que a vida mudou bastante depois de alguns anos. Muitas pessoas da zona rural passaram a viver e trabalhar na zona urbana, na qual a modernidade passou a vigorar e a cada dia tem chegado mais próximo daqueles que ainda vivem no campo. As memórias passam por um processo de apagamento provocado por essas mudanças e esse novo modo de lidar com as situações do cotidiano dentro da cidade tem promovido esse esquecimento.

A correria do dia não permite que algumas pessoas possam sentar em um final de tarde para conversar em suas calçadas. Além disso, o ambiente mudou muito, próximo as casas foram construídas grandes avenidas por onde passam pedestres e carros a todo o momento o que tornou as calçadas um lugar apenas de passagem, distanciando as pessoas de poderem bater um bom papo, de contar suas histórias de trancoso³⁷, avivar uma lembrança, às vezes tirando delas a possibilidade de rememorar histórias e narrá-las. O ritmo em que a modernidade chegou acelerou o tempo e a vida das pessoas, até a quantidade de informações que recebemos tem feito com que as gerações se distanciem.

Mesmo que essas histórias tenham passado por um processo de apagamento, ainda encontramos histórias que são narradas sobre as Ligas Camponesas e que estão presentes na vida das pessoas, em partes da cidade, no sítio, nas escolas, não como antes e nem

³⁷ Trancoso vem de Troncoso, lugar de troncos, no texto refere-se às histórias irreais, histórias lendárias, fábulas.

sempre fazem sentido para aqueles que ouvem. E essa historicidade precisa ser preservada para que mais na frente possam ser recontadas.

Porém, isso está se tornando cada vez mais raro entre elas, as histórias nem sempre estão sendo conservadas, e por mais que não tenhamos trabalhadores do campo como os trabalhadores que viveram durante o período efetivo das Ligas Camponesas, nós temos pessoas que ainda vivem da terra, esses sujeitos juntos a seus filhos e netos precisam sempre estar se relacionando com essas narrativas, afinal nossos jovens possuem uma memória curta, e essas experiências passadas de pai para filhos vem diminuindo de forma significativa, que vem tornando ainda mais difícil compartilhar essas experiências, o que faz da vida das pessoas mais solitária, individual.

Partimos da ideia, da importância de ouvir as experiências vividas por aqueles que estiveram mais próximos do movimento ou de grandes figuras que fizeram parte da luta camponesa, isso faz parte da educação e precisa ser recíproco. E precisamos nos preocupar com isso. Segundo D'angelo, para Benjamin,

“A educação verdadeira é a que envolve reciprocidade, mesmo, ou talvez sobretudo, quando se trata de idades e culturas diferentes. O distanciamento entre as gerações em nossa época faz parte de um processo histórico de empobrecimento da experiência humana[...].” (D'angelo, 2006, p.34)

Contar histórias sempre foi à arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas (Benjamin, 2011, p.204). Precisamos ficar atentos diante dessa luta entre memória e esse processo de esquecimento entre gerações. Quanto mais se aproximarem, mais possibilidades surgirão para darem sentido às questões do campo que ainda são percebidas e sentidas; as dificuldades, a falta de oportunidade, os motivos que levam as pessoas a irem buscá-las na cidade.

É essencial perceberem que os povos do campo não devem reproduzir uma história contada pelos vencedores, devem perceber naquilo que geralmente foi rejeitado, o que foi resto, os costumes, os detalhes, as pequenas coisas, precisam ser vistos como importantes, significar o que para as histórias oficiais foi insignificante.

Ao trabalhar a história local, em particular das pessoas do campo, as histórias contadas pelos trabalhadores e apropriadas pelos estudantes como parte integrante de sua

cultura, à medida que trata das vivências dessa população que não se imagina como parte integrante da produção do saber histórico produzido na academia, percebemos a necessidade de investir cada vez mais na história dessas pessoas que a história tratou de relegar o silêncio. Para isso nos apoiamos no conceito de decolonialidade em Alison Antonio Paim (2016) quando:

“A decolonização necessita buscar a desconstrução das metas narrativas sobre a modernização, racionalização e progresso procurando restaurar as vozes, as experiências, as identidades, as histórias dos subalternos e a importância das comunidades periféricas, as memórias coletivas, articular o sensível e o conceitual. Portanto, busca-se desfazer a cultura do silêncio, as contradições opressor-oprimido rearticulando-as para superação das marcas profundas da colonialidade inscrita na memória social dos povos colonizados.” (Paim, 2016, pag.151).

Assim, o fazer historiográfico precisa ser produzido sobre pessoas simples e que não tiveram suas vozes e direitos ouvidos e atendidos na mesma forma ao cotidiano de luta desse grupo social e que pode se tornar pauta do dia, inclusive como forma de contribuir com a construção de saberes históricos que façam sentido para os estudantes da escola básica.

A partir disso temos a oportunidade de ter uma visão mais complexa ao analisarmos a vida cotidiana em um pequeno distrito como Inhauá-Sapé, onde a escola está localizada, conseguimos identificar significados que são próprios e exclusivos do dia a dia da comunidade.

As memórias trazidas pelos pais e responsáveis dos estudantes precisam estar vivas entre a comunidade, pois elas nos darão a possibilidade de acesso ao conhecimento que eles possuem sobre a causa camponesa e estabelecer correspondências em tempos distintos, tendo em vista que muitos deles mesmo aqueles que não tiveram a oportunidade de estudar, conhecem as histórias de lutas e resistências no campo a partir do que seus pais e avós contaram ao terem vivido mais próximo do movimento. E o mesmo acontece com os discentes quando ouvem de seus familiares mais velhos.

Além disso, consideramos a fala dos pais que tiveram oportunidade de estudar, diante do que ouviram e do acesso que tiveram as informações sobre o movimento no período em que foram estudantes, afinal muitos professores passaram em sua trajetória escolar e deixaram resultados diante de sua prática de ensino, através de suas discussões e atividades e a escola é um espaço que nos oferece esse diálogo.

E assim teremos oportunidade de fazer um contraponto entre as histórias oficiais e essas que sempre estiveram presentes no cotidiano dessas pessoas por meio da oralidade e que chegam às salas de aulas nos dias de hoje a partir dos estudantes e da comunidade. Levando-nos a construir e perceber as relações existentes entre o ensino de História e prática de ensino, que a cada dia nos renova, nos possibilita construir, buscar metodologias envolventes para o ensino dos estudantes, capazes de dialogar e dar importância aos saberes que estão ao redor da escola trata-se de pensar o indivíduo de forma global capaz de se relacionar com diversos eventos.

A partir dessas lembranças buscamos as sensibilidades, assim como o sentimento de apropriação contido em suas falas, tentando perceber o que permanece o que é possível concluir sobre a vida campesina do passado, sobre a lida com a terra, as técnicas de plantação e cultivo, enfim, as transformações ocorridas ao longo do tempo, tendo em vista que muitos deles vivem da pequena agricultura, assim como, também viver a modernidade que os possibilitou a empreender acompanhando os processos de transformações, modernização e políticos que estão acessíveis ao campo, que permitem essas memórias. Ao dialogar sobre o conceito de memória com Benjamin, Galzerani nos diz que:

“Rememorar é um ato político, com potencialidades de produzir um “despertar” dos sonhos, das fantasmagorias, para a construção das utopias. Rememorar significa trazer o passado vivido como opção de questionamento das relações e sensibilidades sociais, existentes também no presente, uma busca atenciosa relativa aos rumos a serem construídos no futuro.” (2008, p.21).

Quando ouvi pela primeira vez a palavra lembrança, inicialmente não consegui perceber o quanto ela fazia sentido para essa pesquisa, mas busquei conhecê-la a partir dos textos de Walter Benjamin indicados pelo professor João. Ao longo dessas leituras,

percebi que o ato de rememorar vai além das lembranças, de memórias que são simplesmente narradas, como eu pensava logo de início.

Fui percebendo a sua conexão com os meus objetivos na pesquisa, quando ela passou a ser entendida por mim como um ato de resistência e coletividade, afinal, ela está fundamentada em como o ensino de História nos faz valorizar o conhecimento dos estudantes trazido para a sala de aula sobre um passado próximo a eles, por meio de narrativas que muitas vezes foram silenciadas.

Ao ouvir e compartilhá-las os estudantes poderão construir significados, questioná-las, fazer conexões com o que é vivido e de que forma estão ligadas ao seu futuro. É uma forma dos estudantes coletarem informações sobre essas narrativas através dos mais velhos, a exemplo dos seus pais, avós e responsáveis.

Partimos da ideia de que os saberes e histórias contadas pelos pais possuem seu valor e não devem ser descartados, excluídos, assim como propõe o pensamento eurocêntrico que vive uma luta incessante para continuar silenciando os saberes dos subalternos. Saberes esses que possibilitam o cruzamento entre o tradicional e o moderno, proporcionando relações sociais entre os sujeitos, deixando de lado aquela ideia de que o oprimido que diante das relações de poder está sendo inferiorizado, precisa pensar do lugar de onde está, o de subalterno, isso precisa ser superado.

A partir dessas memórias pretendemos ouvir e confrontar versões, perceber que os pais possuem visões diferentes sobre as lutas campesinas, e que também foram influenciados por histórias contadas por outras pessoas, fazer um contraponto entre as histórias oficiais e essas que sempre estiveram presentes no cotidiano dessas pessoas por meio da oralidade e que chegam às salas de aulas a partir dos estudantes e comunidade.

Tendo a possibilidade de identificar até que ponto esses estudantes são influenciados pelas versões que ouvem, se as reproduzem ou não, e quais olhares e concepções sobre o mundo que os cercam eles possam vir a ter, e se até mesmo discordam de motivações e ações que caracterizaram a luta campesina em seu momento de maior fervor, além de inquietações que possam surgir.

Ao longo de nossa conversa, sem dúvidas, iremos nos deparar com cenários e visões distintas, afinal nessas histórias existem lados e como nos propomos analisá-las não podemos desprezar o que será rememorado e dito. Até porque nosso objetivo é proporcionar o diálogo entre essas gerações, em que os estudantes poderão estar na condição de filhos ou netos.

Ao dar início a roda de conversas acredito que seja importante percebermos o ambiente em que essas pessoas (colaboradores)³⁸ estão inseridas, muitas vezes marcadas pelo baixo poder aquisitivo, pela dificuldade, o trabalho árduo que é exercido no campo e até mesmo pelas dificuldades para a entrada e saída da comunidade, diante dos difíceis acessos que caracterizam um pouco a vida dura no campo.

Com isso passamos a construir uma relação de conhecimento sobre essas pessoas, e assim ao realizar as interpretações possíveis diante de suas falas, as narrativas de suas memórias, lembranças e até mesmo esquecimentos, me coloco não apenas como leitor e sim um pesquisador tomado pela capacidade de ouvir, sentir e se emocionar com suas histórias.

Essa relação que é construída colabora para uma relação que vai além dos processos que fomentam uma pesquisa, há uma confiança entre colaborador e pesquisador. Os que participam passam a ver no pesquisador alguém que valoriza suas narrativas, preocupado em transformar em texto suas histórias, que na maioria das vezes não são valorizadas.

Ao narrar às histórias os colaboradores buscam que essas sejam vistas como verdades, e esse é um ponto ao qual temos que ter um olhar especial, pois essas narrativas são frutos de uma construção individual, que podem ser caracterizadas por subjetividades e intencionalidades por parte de quem as narram a partir do que se lembram ou do que foi vivido, incluindo aí uma forte representação do imaginário presente em suas falas. Tais questões nos fazem ficar atentos, mas não anulam a importância da História Oral para esta pesquisa, pelo contrário, só fortalece a necessidade e a importância de ouvir o outro a partir de suas histórias.

Vemos no conhecimento histórico uma oportunidade de falar também do presente, das suas construções e a forma como os colaboradores veem o seu cotidiano, atuam e o problematizam. A partir disso, passei a enxergar a importância dessas falas, de pessoas que estavam presentes no meu cotidiano e da escola e que poderiam colaborar com a

³⁸ Utilizarei a nomenclatura colaborador(a) para me referir aos entrevistados, pois é possível reconhecer o trabalho de cooperação que existe na História Oral, entre o pesquisador e os sujeitos participantes, cooperação essa que vai além da relação de entrevistador e entrevistado.

pesquisa. Para tanto, busquei estudantes que estiveram ou estão matriculados na escola entre os anos de 2017 até 2022 e seus respectivos responsáveis.

O que para mim não foi difícil, os colaboradores convidados demonstraram desde o primeiro contato feito via WhatsApp por meio de mensagem de texto, envio de áudio, *card* convidativo e ligações telefônicas, interesse em participar, entusiasmo e agradecimento por terem sido convidados, os que não aceitaram foi por motivo de trabalho, pois, os horários coincidiam com os propostos para o encontro. Mesmo assim se mostraram gratos pelo convite, pois percebiam a importância do momento e da pesquisa diante do envolvimento com a comunidade.

Inicialmente o trabalho com as memórias a partir da História Oral foi pensado a partir de entrevistas com os pais ou responsáveis, em que fui coletando informações, mas sentia que faltava alguma coisa para que essas entrevistas tivessem ainda mais significado nessa pesquisa e que não parecesse apenas uma conversa entre entrevistador e colaborador, sentia que havia a necessidade de mais interação e a presença de mais indivíduos. As informações coletadas inicialmente, não foram desprezadas, pelo contrário, a partir delas buscarei complementar e dar significados aos resultados coletados durante a roda de conversas, ao realizar as análises das falas buscarei criar pontes e cruzamentos entre as narrativas em ambas as ocasiões.

Com as orientações do professor João Bueno, passamos a refletir sobre a representatividade dessas pessoas e que elas não eram desconhecidas por mim, muitas vinham até a escola deixar e buscar os seus filhos, participavam de reuniões, festividades ou até mesmo vinham para nos pedir um conselho no que se refere a educação dos discentes, ou seja, eram pessoas que faziam parte do meu cotidiano e da rotina escolar.

Então, não se travava de entrevistá-las apenas, e sim de ouvi-las, até porque elas depositaram em mim uma confiança quando aceitaram falar sobre suas vidas, além de tudo partimos da necessidade e importância de proporcionar aos estudantes um momento de trocas, em que as experiências narradas seriam a via pela qual eles estariam se aproximando das histórias que são contadas sobre a formação do local onde moram, o processo de povoamento, as atividades que eram exercidas, assim como a ligação com o movimento camponês.

Pensando sobre essas questões, fui formulando perguntas que partiam das minhas curiosidades como professor de História e pesquisador, o que me remeteu a algumas falas apresentadas pelos estudantes durante as aulas e atividades que realizamos ao longo desses anos. Pois em algumas aulas quando trabalhamos com a História Local, uma parte dos estudantes não conhecia muito sobre a formação de Inhauá e demonstravam dificuldades ao falar sobre a História de onde vivem e, por exemplo, a ligação com as Ligas Camponesas. Por isso vimos na roda de conversas uma possibilidade de trazer essas narrativas e proporcionar diálogos entre estudantes, pais e pesquisador.

Essas perguntas deram origem a um roteiro semiestruturado para ser utilizado durante as rodas de conversas, tendo como objetivo ser um instrumento orientador durante o processo, até porque se tratando de uma pesquisa que envolve História Oral, é necessário que tenhamos alguns cuidados quando utilizamos essa metodologia, e os roteiros e até mesmo os questionários são comuns serem utilizados por pesquisadores.

Mas devo dizer que o roteiro proposto em muitos momentos foi deixado de lado à medida que as narrativas foram nos possibilitando dialogar de maneira mais livre, criando um momento de relação ainda mais significativo, quando passamos a ouvir as narrativas que muitas vezes contavam sobre a história de vida dos colaboradores por meio de suas lembranças e as contribuições de uns com os outros no momento de suas falas.

Como dito anteriormente, para a essa roda de conversas, foram convidados estudantes, pais ou seus respectivos responsáveis. No quadro abaixo trarei algumas informações que julgo importantes sobre os participantes e a ligação familiar existente entre eles.

Quadros 02 – Participantes da Roda de Conversas em 12/04/2023

Estudante	Idade	Ano/Série	Responsável	Parentes co	Idade	Profissão	Mora em Inhauá há quanto tempo?
Emily	14	9º	Dona Maria	Avó	63	Agricultora	51 anos
João Emanuel	13	8º	Edite	Mãe	41	Atualmente Confeiteira.	Desde que nasceu.
José Benício	13	8º	*Josineide	Mãe	42	Agricultora	18 anos
Kauã José	13	8º	Maria do Socorro	Mãe	33	Dona de casa.	05 anos.
Wellington	12	7º	Suzana	Mãe	38	Agricultora	14 anos
Otávio	18	Ensino Médio Concluído	Jandira	Tia	55	Professora - Educação Básica.	Desde que nasceu.

*Não pôde participar no dia da roda de conversas.

Fonte: Elaborado pelo Pesquisador, 2022.

Ao iniciar busquei no primeiro momento contar um pouco sobre mim, falando da trajetória que percorri na minha vida pessoal junto a minha família e minha formação até chegar à escola e conhecê-los. Para os que trabalham com a História Oral esse é um momento importante, um momento conhecido por muitos como minutos de ouro, no qual o entrevistador/pesquisador poderá fortalecer o vínculo com os colaboradores.

Nesse momento busquei também demonstrar a importância que eu como pesquisador via na presença de cada e no que por eles fossem dito. Ter esse olhar sensível faz parte do processo para os que se dedicam a coletar informações por meio das narrativas que a História Oral nos possibilita, criar esse vínculo, possivelmente irá gerar confiança e segurança, pois os colaboradores percebem que estão sendo valorizados e que as histórias narradas por eles contribuirão para a pesquisa e para o conhecimento coletivo a partir do momento em que estas estão sendo compartilhadas.

Foi importante também explicar a dinâmica pensada para a roda de conversas, mesmo que em muitos momentos nos afastássemos de algum cronograma ou roteiro pré-estabelecidos e assim foi pensado em três blocos com perguntas do roteiro semiestruturado e perguntas que fossem surgindo no decorrer da conversa entre os participantes.

A princípio buscou-se no 1º bloco a partir da fala dos pais ou responsáveis, conhecermos um pouco mais sobre a História de Inhauá e a ligação com o movimento camponês a partir de suas memórias. Os estudantes poderiam intervir com perguntas se assim acharem pertinentes. No 2º bloco teríamos perguntas voltadas aos estudantes, em que eles deveriam falar sobre os primeiros contatos que tiveram com a história local de inhauá, o movimento camponês e a forma como a escola trabalha essas temáticas nas aulas. No 3º bloco pais e estudantes deveriam falar sobre a relevância de se estudar o movimento camponês e sua relação com os dias atuais. Nos quadros abaixo estão as perguntas do roteiro semiestruturado dividido por blocos.

Quadro 03 – Roteiro Semiestruturado 1º Bloco.

1º Bloco de Perguntas	
Sobre o Local onde vivem e a ligação com o Movimento Camponês	
Obs.: Direcionado aos pais ou responsáveis.	
I-	Como era Inhauá na sua época de criança e adolescência?
II-	Como era a vida das pessoas e no que elas trabalhavam?
III-	Nessa época ouvia-se falar sobre as Ligas Camponesas?
IV-	Inhauá tinha alguma ligação com o movimento?

Fonte: Elaborado pelo Pesquisador, 2022.

Quadro 04 – Roteiro Semiestruturado 2º Bloco

2º Bloco de Perguntas	
Primeiros contatos, como a escola trabalha e dificuldades na coleta de informações	
Obs.: Direcionado aos estudantes, pais ou responsáveis.	
I-	Você tem recordações de quando foi seu primeiro contato sobre o movimento?
II-	Como você se sente ao estudar sobre essa temática?
III-	Quando a escola trabalha essa temática o que lhe chama mais atenção?
IV-	Como a escola aborda as figuras de João Pedro Teixeira e Elizabeth Teixeira?

- V- Além deles vocês conhecem outros personagens do movimento?
- VI- Vocês sentem dificuldades na coleta de informações?
- VII- Na sua época de escola, como o tema era trabalhado? *

*Direcionada aos pais ou responsáveis

Fonte: Elaborado pelo Pesquisador, 2022.

Quadro 05 – Roteiro Semiestruturado 2º Bloco

3º Bloco de Perguntas	
Relevância de estudar sobre o tema na escola e relações existentes com as lutas atuais pela terra	
Obs.: Direcionado aos estudantes, pais ou responsáveis.	
I-	Vocês como pais/responsáveis e estudantes, acham importante trabalhar o tema Ligas Camponesas em sala de aula?
II-	De que forma podemos relacionar e criar pontes entre o movimento camponês que ocorreu e os dias atuais?
III-	Considerações finais.

Fonte: Elaborado pelo Pesquisador, 2022.

Optei por trazer perguntas que estivessem relacionadas ao movimento camponês, em especial trazer um pouco sobre a história dos sujeitos que participaram do movimento das Ligas Camponesas, visto que muitos deles desconhecidos pelas histórias oficiais estiveram no processo de formação e permanência da população de Inhauá. O que para os estudantes torna-se um conhecimento importante no que diz respeito à história dessa localidade e é o que veremos no item a seguir.

3.2.1 Inhauá narrativas de memórias.

No início de 2022 quando participei de um planejamento pedagógico no Centro de Vivência de Inhauá, me deparei com esse quadro, pintado pelo professor Romualdo que reside sem Sapé, como conheço os espaços e um pouco da história de origem do lugar, tentei entendê-lo a partir do que sabia.

Antes de se chamar Inhauá, o local era chamado de Logradouro pelas pessoas mais antigas, nessa localidade habitavam indígenas de uma tribo a qual as pessoas não souberam dizer a origem, mas na região de Sapé nos primórdios foram os povos Potiguaras que se fixaram em suas terras. Então acreditamos que os indígenas da tribo em Inhauá eram também pertencentes a esse grupo. Nessa tribo vivia uma indígena chamada Inhauá e após sua morte o nome Logradouro foi substituído por Inhauá, algumas pessoas me relataram que o verdadeiro nome da indígena era Inhaúma³⁹. Portanto, a história da tribo e da indígena explica a sua presença na obra do professor Romualdo.



Imagem 37 – Quadro sobre a História de Inhauá.

Fonte: Arquivo pessoal: LIMA, Paulo Roberto Francisco - (2022)

Autor da obra: Professor Romualdo

Na composição da imagem percebemos a presença dos canaviais que cortam a principal entrada de acesso ao Distrito e durante boa parte do ano nos remete a um labirinto pela altura que os pés de cana atingem. Os Pássaros também são representados na imagem e o autor dá destaque ao Carcará⁴⁰ que nas minhas idas e vindas por essa

³⁹ Palavra de origem indígena que significa ave.

⁴⁰ Tipo de ave de rapina como na América do Sul, medindo entre 50 e 60 cm.

estrada até a escola os vejo sobre as estacas de madeira que cercam alguns terrenos como se estivesse nos observando ou nos dando boas-vindas.

Ao conversar com o autor do quadro, perguntei sobre quais inspirações foram motivadas em sua criação, em resposta ele me disse que um morador da comunidade fez um relato sobre essas Histórias a partir de narrativas de pessoas mais velhas e através desse relato e das observações feitas por ele ao lugar, o mesmo compôs a obra com essas imagens e cores.

Em Inhauá temos a presença de igrejas católica e evangélica (Assembleia de Deus), mas na imagem só observamos a igreja católica e o cruzeiro, acredito que pelo fato de aproximadamente 97%⁴¹ da população ser de religião católica, o que pode nos explicar a representação dela no quadro.

Quando observamos a imagem e não conhecemos sobre a História da localidade, nossa capacidade de interpretação fica limitada e passamos a vê-la como uma obra inspirada em outros quadros que traz uma visão romantizada sobre religião, a forma como o corpo da indígena foi representado na imagem, à liberdade que a figura dos pássaros nos transmite. Mas precisamos ir além e perceber que o quadro traz imagens que falam de momentos distintos, mas que juntos contam uma História de mudanças e permanências e é diante disso que iniciamos nossa roda de conversa com a seguinte pergunta:

Como era Inhauá na sua época de criança e adolescência?

“Falar de Inhauá é falar da história da nossa comunidade, é falar da história através do tempo. Como você ainda disse é memorizar algumas coisas e rememorar outras coisas. Inhauá era uma comunidade campesina onde as casas eram bem distanciadas umas das outras, as escolas eram apenas uma só para toda comunidade, era o campo em si, como se diz, Inhauá era o campo em si. A história de Inhauá foi crescendo ao longo do tempo e com o tempo Inhauá foi crescendo, foi se desenvolvendo, foi surgindo novas escolas, foi surgindo novas... novos vilarejos, como o lugar onde eu moro que só tinha 4

⁴¹ Dados com base no TCC de Osvaldo Coelho da Silva (morador), informações obtidas a partir da coleta de dados com os agentes de saúde (Censo 2019).

casas, hoje a gente tem um vilarejo como você também já conhece.” (Jandira, entrevista concedida ao autor em: 12 de abril de 2023).

A fala de Jandira com relação a como ela via a comunidade no tempo em que era criança e durante sua adolescência, nos faz imaginar como se desenhava os espaços na da comunidade, onde as casas eram poucas e longe umas das outras, o que é bem comum em comunidades do campo que estão iniciando sua formação.

Em um trecho de sua fala ela diz que havia apenas uma escola para dar conta de toda a comunidade, “era o campo em si” (Jandira, 2023), entendemos que durante muito tempo e até mesmo atualmente as comunidades camponesas sempre tiveram dificuldades no acesso à educação, o que tem mudado ao longo dos anos, sabemos que muito ainda precisa ser feito, mas diante das lutas e resistências dessas populações o campo tem ganhado cada vez mais espaço e se destaca no campo educacional.



Imagem 38 – Roda de Conversa – Memórias da infância

Nessa imagem Jandira conta um pouco de suas memórias de infância, a forma com ela articula e se movimenta ao falar, prende a atenção dos espectadores.

Fonte: Arquivo pessoal: LIMA, Paulo Roberto Francisco - (2023)

Isso se dá porque muitos passaram a buscar o conhecimento, se dedicaram aos estudos, mesmo com todas as dificuldades que ainda estão presentes na vida do povo

campesino. E isso tem feito com que o campo possa se desenvolver a cada dia, em que vão surgindo novas tecnologias, modos de produção e o crescimento de espaços que proporcionam aos moradores dessas comunidades mais acessibilidade à educação.

“Esse Carrasco aqui era só um matagal de uma planta chamada jurubeba⁴² onde as pessoas tiravam para fazer o vinho, era um vinho muito forte o pessoal vinha catar aqui. Depois outros pequenos loteamentos de algumas famílias que precisam daquele dinheiro para construir [...] e hoje temos um Carrasco que parece até que é uma comunidade separada de Inhauá né... uma divisão. Hoje nós temos esse Carrasco que se tornou um pequeno vilarejo onde tem essa escola que do suporte a toda a comunidade daqui [...] Só tinha três professores na época, dona Lourdes, Lula e Bernadete, esses três professores era para dar suporte a toda comunidade. Do Mobral que hoje chama EJA, então, o pessoal que trabalhava no campo durante o dia estudava de noite no Mobral, eu estudava de noite no Mobral... eu ia com meus irmãos estudar de noite. E durante o dia era os multisseriados, as outras professoras, aí era do 1º ano, porque antigamente não tinha maternal, não tinha o infantil, já começava da alfabetização, se chamava alfabetização até a 4ª série. Então, era sala de multisseriado, era aquela mistura.” (Jandira, entrevista concedida ao autor em: 12 de abril de 2023).

Podemos até pensar que na fala de Jandira é seguida uma linearidade, mas quando analisamos é possível perceber que são fragmentos narrados que nos contam sobre os aromas, sabores do campo, sensações e as experiências vividas por ela, que no nosso imaginário vão dando forma a uma colcha de retalhos que representa a história daquela localidade a qual ela sempre fez parte.

Ela nos mostra como os espaços iam sendo construídos, pessoas que detinham possessões maiores de terras iam loteando esses terrenos para serem vendidos, espaços esses que um dia foram repletos de jurubeba e que aos poucos iam dando lugar para a construção de algumas casas. Esse lugar recebeu o nome de Carrasco, trata-se de uma área que fica em uma parte mais alta de Inhauá e como ela mesma cita é uma área da

⁴² Planta medicinal de gosto amargo, que possui folhas lisas e alguns espinhos em seu tronco, seus frutos são utilizados na fabricação de chás, bebidas alcoólicas e conservas. Essa planta possui benefícios a saúde agindo como anti-inflamatório, diurético, digestivo, agi contra febre e proteção ao fígado.

comunidade que se destaca das outras como se não fizesse parte de Inhauá, como se houvesse uma divisão.

Em Inhauá temos três escolas públicas, uma que fica na Parte baixa a Escola Joaquim Ignácio da Silva e a Escola João Calixto dos Santos na conhecida rua da Mangueira, ambas administradas pelo município de Cuité de Mamanguape e na parte mais alta a Escola Luiz José Gonçalo administrada pelo Município de Sapé, tanto na parte alta quanto na parte baixa podemos perceber a existência de pequenos comércios, praças, locais para atividades físicas, saúde e lazer, o que nos leva a entender um pouco mais quando ela fala dessa divisão que parece existir, e de fato percebemos essa autonomia.

Quando falamos sobre o trabalho das pessoas, as atividades que exerciam, dona Maria e Jandira começaram um diálogo em que uma completava ou reforçava a fala da outra, foi um momento muito bom na roda de conversa, pois estávamos de frente a duas pessoas que viviam a um bom tempo ali e compartilhavam juntas as suas memórias.

Início da fala de Dona Maria;

“Só na roça, trabalhava de agricultor e Inhauá era muito pra baixo né... (risos) e agora subiu muito. O Desenvolvimento é muito grande a vista o que era pra trás viu, era só mato. Quando eu vim morar aqui, que eu vim do Belo Horizonte aqui pro Inhauá, pro Carrasco, era só mato.” (Dona Maria, entrevista concedida ao autor em: 12 de abril de 2023).

Dando continuidade Jandira nos fala que;

“O carrasco só tinha três famílias, era três famílias, era a família do “Donizo” era onde tinha as primeiras casas de farinha lá em cima, a família de Luiz que veio da Miriri depois das Ligas Camponesas.” (Jandira, entrevista concedida ao autor em: 12 de abril de 2023).

Completo Dona Maria;

“João Rafael de João Honório.” (Dona Maria, entrevista concedida ao autor em: 12 de abril de 2023).

Jandira classifica a família de João Rafael;

“João Rafael, esse pessoal foram chegando aos poucos, era a família principal.” (Jandira, entrevista concedida ao autor em: 12 de abril de 2023).

Em Seguida Dona Maria fala;

“A gente não sabia de nada só via mato aqui...” (Dona Maria, entrevista concedida ao autor em: 12 de abril de 2023).

Por fim Jandira traz algumas lembranças e se direciona a Dona Maria;

“Era uma casa aqui outra lá fora, agora jurubeba nera Maria tinha muito, jurubeba.” (Jandira, entrevista concedida ao autor em: 12 de abril de 2023).

A lida com a terra sempre foi uma forte característica do trabalho em Inhauá. Muitos ainda continuam com suas plantações em seus quintais ou em terrenos particulares maiores. Em suas falas Jandira e Dona Maria nos contam sobre as principais famílias proprietárias de terras da época, algumas delas foram chegando de localidades próximas como a fazenda Miriri.

Situada entre Sapé e Mamanguape, ficou bastante conhecida pela ocorrência de conflitos entre fazendeiros e camponeses, que sempre resultaram em muitas pessoas feridas e mortas. Veremos mais à frente que a Miriri será muito citada por elas, pois muitas pessoas que viviam, trabalhavam ou invadiram pedaços de terras nessa fazenda migraram para Inhauá durante os conflitos e aqui foram construindo suas moradias.

Muitos passaram a viver da agricultura, além do cultivo de batata doce, macaxeira e outros tubérculos, havia casas de farinhas, cultivo do coco e uma fruta chamada araçá semelhante a uma goiaba com formato mais arredondado em um tamanho bem menor.

“E uma outra coisa também, o araçá que tinha nas terras de dona Biu de Luiz tinha muito araçá. Aqui era tudo matagal só tinha casa de seu Zé Paulo, que não era nem aqui, mas a casa de seu Zé Paulo era lááá em baixo... onde é a casa de Hellen, era ali embaixo onde era a casa de seu Zé Paulo, do pai dele que era ali rodeada de coqueiral. Então, se contava as quantidades de casas que existia, lá onde eu moro, por exemplo, Paulo, só tinha a casa do meu avô Severino Correia, que era uma pequena casa que tinha ali de frente a Elivania, o resto ali era tudo várzea plantada de batata e só... e gramado.” (Jandira, entrevista concedida ao autor em: 12 de abril de 2023).

Percebemos a riqueza nos detalhes que são narrados por Jandira quando ela nos fala sobre os nomes das pessoas que fizeram parte da formação de Inhauá, e os locais aproximados de onde estavam suas casas, citando nomes de pessoas que moram atualmente, é comum nos sítios e zonas rurais as pessoas utilizarem essa forma de orientação para indicar um lugar ou mostrar onde determinada pessoa mora, afinal em comunidades rurais quase todos se conhecem.

Dona Maria nos conta que antes não era assim muitos não se conheciam pelo fato das casas serem bem afastadas, e boa parte do lugar ser coberta por mato. Ela nos relata que o local onde ela morava só tinha a casa que o pai dela construiu quando eles vieram de Belo Horizonte na época.

“[...] porque ninguém via ninguém a casa era só a do meu pai quando fez, a gente ficou no meio das jurubeba como diz ela, e meu pai construiu a casa, nós não via ninguém. [...] era quatro morador, pode dizer que era quatro e a gente não via ninguém. Não tinha amizade com ninguém, porque ninguém conhecia, depois quando a gente foi tomando conhecimento foi que o povo foi comprando as terras e foram construindo as casas [...]” (Dona Maria, entrevista concedida ao autor em: 12 de abril de 2023).

Nesse momento aproveitei para perguntar a Dona Maria se nessa época mesmo não havendo muito contato entre os moradores se ela ouvia falar sobre o movimento das Ligas Camponesas e se em algum momento esse movimento ou até mesmo algum conflito ocorreu em Inhauá e ela nos respondeu dizendo:

“Por aqui não! Eu não sei, porque aqui eu só sabia que era pro lado da Miriri, praquelas bandas ali de Miriri, mas pra cá não viu... Pra cá ninguém tinha... essas pessoas vieram praqui pra o Carrasco já foi que saíram já com medo dessas coisas. Mas aqui a gente não tinha essas coisas.” (Dona Maria, entrevista concedida ao autor em: 12 de abril de 2023).

Em sua fala dona Maria nos traz a palavra “medo”, uma forma de nos atentar em percebermos que a luta pela terra foi algo que gerou medo nas pessoas, em razão de que muitas delas foram feridas até mesmo mortas, e uma forma encontrada para não terem suas vidas ceifadas era fugir para outros lugares. Não só dona Maria, mas muitas pessoas que conhecem um pouco sobre o movimento das Ligas Camponesas dizem o quanto violentos foram os conflitos ocorridos.

“Eu escutei dessas Ligas, tudo dessas brigas pelos meus avós, pela minha mãe e meu pai que contava essas histórias e dizia que as pessoas sofriam muito, batiam muito, maltratava muito, então, toda vida minha mãe falou isso pra mim, meu pai, meus avós que quando povo vieram de lá era muita coisa, era muita coisa, era muito sangue, era muita morte que teve, eu escutei não foi pelas escolas porque eu nunca estudei em grupo⁴³, nunca! Estudei assim as pessoas que ensinava, mas eu nunca... meus filhos tudo estudaram, meus netos estuda, mas eu nunca estudei, nunca fui numa escola assim que nem eles vêm agora, então eu escutava pelos meus avós, pela minha mãe e meu pai que contava. Então os moradores que vieram praqui, que a gente sempre escutava eles falar nessas coisas.” (Dona Maria, entrevista concedida ao autor em: 12 de abril de 2023).

O que dona Maria sabia sobre o movimento camponês era aquilo que seus pais e avós diziam ou por meio das pessoas que começaram a chegar fugidas da região de Miriri. Sua fala é bem incisiva quando nos diz que seu conhecimento sobre o movimento vem dos pais e avós, porque ela não estudou em escola assim como seus filhos estudaram e seus netos estudam.

Ao mesmo tempo em que percebemos a importância desse diálogo que existia entre dona Maria e seus familiares em que ela ouvia esses relatos sobre essas histórias, vemos em sua fala o reconhecimento com relação ao papel da escola na educação de seus filhos e netos, quando eles passam a adquirir conhecimento sobre o movimento através das aulas.

⁴³ O nome que dona Maria se refere às escolas de sua época de criança e adolescência. Trata-se de um modelo escolar que teve seu início no Estado de São Paulo durante a República, sendo implantado em outros estados no caso da Paraíba em 1916.

Durante sua fala é possível perceber a satisfação dela, pela forma com ela se movimenta ao falar, articula e nos olha, como se estivesse nos agradecendo por não deixarmos com que as histórias sobre as lutas do povo camponês sejam esquecidas, até porque essas histórias representam a família dela na condição de pessoas que vivem no campo e é por meio da escola que essa geração tem a oportunidade de ouvir e construir uma identidade campesina de resistência.

Sabemos que a escola não poderá substituir esse diálogo, essas trocas de experiências narradas pelos pais e avós, mas a escola é um lugar capaz de proporcionar e mediar esses encontros entre gerações, em que os estudantes terão a oportunidade de ouvir e falar, mantendo vivas essas memórias, assim como fizemos durante as rodas de conversas em sala. Nós buscamos dar valor e não desprezar o conhecimento proveniente das experiências que os mais velhos possuem. E os estudantes mais jovens por terem menos experiências devido a pouca idade, precisam perceber a riqueza existente nessas narrativas.

Diante disso almejamos que esses estudantes possam se reconhecer e que busquem refletir sobre o rumo de sua própria história, por meio dos ensinamentos dos mais velhos e de como eles podem construir uma história baseada em princípios, nos quais sejam capazes de ajudar ao próximo, proporcionar melhorias para o local onde vivem e não percam a capacidade de contar sobre suas memórias, mantendo sempre vivo o hábito de narrá-las.

A palavra “medo” dita por dona Maria chamou muito minha atenção e a dos estudantes presentes e nós pedimos aos responsáveis presentes que falassem um pouco mais. Jandira nos pediu a fala narrando uma pouco sobre a migração dessas pessoas da Miriri até Inhauá que nos fez entender um pouco sobre o que passou a gerar esse medo em algumas pessoas;

“Vou te explicar agorinha, a minha mãe conta, contava né, que Deus agora tenha ela lá onde ela precisa estar. A minha mãe contava... a minha mãe tinha roçado, a gente chamava roçado... o que é roçado é um pequeno pedaço de terra que as pessoas plantavam ali o que queria, roça, macaxeira, fava, feijão, algodão. E minha mãe tinha um pequeno roçado lá perto onde aconteceu as Ligas Camponesas de algodão e fava que era lá num lugar chamado Miriri.

[...] tudo começou na Miriri, onde eles começaram ali a tomar posse de pequenas terras pras pessoas que não tinham onde plantar e tinha muita terra que não era produtiva pra quem tinha posse, até hoje ainda tem ali do outro lado da pista indo para Mamanguape... indo pra Mamanguape tem a pista aí tem um montão de terra pra subida da Miriri que é só matagal até hoje tá sem ninguém trabalhando.

Então começou as invasões de pequenos pedaços de terras pras construções dos pequenos agricultores querendo trabalhar e a partir dali os donos, os fazendeiros, as pessoas que tinham aqueles capataz, não deixavam que as pessoas tomassem conta daquelas terras. Aí começava os confrontos. Aí teve um determinado dia... nesse dia quando começou esse primeiro confronto, minha mãe tava lá, minha irmã tava lá trabalhando.

Disse que começaram uma confusão muito grande que começou o desenvolvimento que se chamou das ligas, com o tempo as pessoas foram dando os nomes, mas as pessoas falavam as “brigas por terra”. E a partir dali começou... né os desentendimentos de donos de terra com as pessoas que não tinham aí veio aquelas pessoas que lutavam como João Pedro Teixeira que hoje é um dos maiores líderes né que a gente tem como herói da resistência, uma pessoa que resistiu até o fim para ajudar aos pequenos agricultores.

[...] e tem muitas pessoas que até hoje moram ali no Jordão perto de Capim de Mamanguape, tem essas pessoas que moram ali, mas eles não falam, até hoje tem muita gente que sabe de tudo que aconteceu na Miriri e a partir dali eles não falam, eles têm medo de falar de alguma coisa né[...]

Porque você não conhece o Campo do Jordão lá embaixo na descida de Capim, assim, são terras onde tudo começou, são poucas as pessoas que vão lá. Só conhece a história de João Pedro Teixeira com muita força, mas conhece lá de Antas, de Barra de Anta onde tem o Memorial, onde as pessoas passam.

Só que essas histórias que aconteceram na Miriri deveriam ser estudadas, foi uma História que ficou muito calada por conta do medo. Essas pessoas que vieram todos da Miriri morar em Inhaúá, ele vieram por medo, mas não era com medo de falar era com medo do que aconteceu ali, deles serem surpreendidos da mesma forma que outras pessoas foram.”

Ao ouvir esses trechos da fala de Jandira passei a refletir e fazer conexões sobre as leituras que fiz aos escritos de Walter Benjamin, quando ele fala da pobreza de experiências, sabemos que a pobreza volta-se para a ausência de recursos, não exatamente

recursos materiais e sim questões mais singulares como a ausência de respeito ao próximo, o reconhecimento de seus costumes e sua preservação, assim como o medo que é capaz provocar traumas e esquecimentos, fazendo com que as memórias não sejam mais narradas.

Em seu ensaio “Experiência e Pobreza” o autor diz que essa propriedade de passar as experiências adiante, se perdeu, entrou em crise devido a uma série de questões que estão ligadas a um dos maiores traumas já vividos pela humanidade, a guerra. Ele faz referência a Primeira Guerra Mundial a qual ele pôde partir de sua própria vivência legítima da experiência humana. Ele nos afirma isso quando diz “Uma coisa é clara: a cotação da experiência baixou, e isso aconteceu com uma geração que fez, em 1914-1918, uma das experiências mais monstruosas da história universal”. (Benjamin, 2013, p.86).

Percebemos que ele destaca o fato dos combatentes que iam para os campos de batalha durante a guerra, que vivenciavam muitas experiências, voltavam pobres de experiências, passíveis de serem transmitidas, em decorrência também do trauma provocado pela guerra. O que me fez pensar nesse medo citado pelas duas colaboradoras durante a roda de conversas, que fez e ainda faz as pessoas não falarem sobre o movimento camponês em algumas localidades onde os conflitos ocorreram de uma forma mais intensa.

O medo fez com que muitas pessoas fossem privadas de viver experiências do cotidiano, que são essenciais para o ser humano, viver os relacionamentos as decepções, alegrias e quando as pessoas perdem essas experiências sobram muito pouco, os sujeitos passam a não se comunicarem, o que os tornam cada vez mais vazios diante do silêncio que é provocado.

“Seu Teié conhece toda a História das Ligas Camponesas, que ele mora ali embaixo, mas se você perguntar algo pra ele, ele conta assim por alto, porque ele morou dentro do foco [...]. Meu sogro sabe tudo de Ligas Camponesas, se você perguntar a ele, ele conta tudo, ele é daqueles que fala muito.” (Jandira, entrevista concedida ao autor em: 12 de abril de 2023).

Muitas pessoas foram feridas e outras foram mortas, isso provocou na vida de muitos um sentimento de medo, até mesmo naqueles que viviam um pouco mais distantes da região dos conflitos, pois muitos desses que fugiram, relataram sobre o que ocorria, já outros passaram a silenciar qualquer que seja a narrativa que os lembrassem ou os fizessem reviver aqueles momentos traumáticos.

Em Inhauá existia a fazenda do seu Joaquim Tomaz onde essas pessoas que vieram das terras da Miriri passaram a se esconder. Ainda sobre a representação dessa fazenda a partir da fala de Jandira conhecemos Dona Vicência a esposa de seu Joaquim, uma personagem da história da comunidade que atuava como médica segundo o que ela nos diz, uma personagem que nos chamou muito a atenção.

“Porque essa fazenda que tinha ali em cima de seu Joaquim Tomaz, segundo a minha mãe contava, muitas pessoas que participaram das Ligas, da briga pela terra vieram se esconder na fazenda de seu João Tomaz. Dona Vicência na época era considerada enfermeira, a médica da comunidade, por causa do conhecimento de dar remédio pra um, pra outro, pra dar um remédio pra passar uma dor de cabeça, uma febre. Então, a partir daí Dona Vicência se tornou como se ela fosse uma médica. E muitas pessoas que vieram feridas das Ligas Camponesas ficaram escondidas lá na fazenda, a gente morava lá perto, só que eu era muito pequena, eu não tinha entendimento, mas minha mãe era quem contava essa história pra gente. Então, houve esses acontecimentos, Dona Vicência cuidada daquele pessoal e quando eles estavam bem melhor, aí seu Joaquim levava pra algum lugar e deixava ninguém sabe por onde. Então existia o medo da fala, o medo de saber quem era. Quantas pessoas hoje moram no Inhauá que veio da Miriri, muita gente, principalmente aqui no Carrasco né?” (Jandira, entrevista concedida ao autor em: 12 de abril de 2023).

A figura de Dona Vicência descrita por Jandira era de grande importância na comunidade, ela não tratou apenas dos feridos que vieram da Miriri, mas tinha seu respeito por cuidar e ensinar através da medicina caseira, como as pessoas poderiam tratar de seus problemas de saúde e muitos a consideravam como a médica da comunidade.

O que nos chama a atenção é saber qual ligação com a medicina Dona Vicência tinha, ou se ela aprendeu tudo o que sabia por meio de seus pais e avós, um dos estudantes

até comentou “está aí à importância de aprender com os mais velhos” (João Emanuel, entrevista concedida ao autor em: 12 de abril 2023). Se referindo ao conhecimento de Dona Vicência.

Não podemos deixar de evidenciar a figura de seu Joaquim, ele, pelo que conseguimos entender, foi responsável por acolher algumas pessoas em sua fazenda, durante os conflitos. São histórias que merecem atenção, pois trata da construção e formação de uma comunidade, do cotidiano, da forma como as pessoas se relacionavam e se ajudavam. Os estudantes precisam na atualidade dar continuidade a essa construção, preservando memórias e as histórias narradas.

A cada memória narrada por Jandira e Dona Maria, pude perceber o quanto as gerações foram perdendo em experiências. Antes as famílias em Inhauá se sentavam em noites de lua para contar histórias, atualmente isso tem se tornado cada vez mais raro, pois as gerações passaram a se afastar de sua própria experiência.

“[...] Aí pronto, só que as Ligas Camponesas em si, ela nunca foi falada em lugar nenhum pra gente, não como história, a gente escutava porque antigamente de noite a gente não tinha uma televisão, a gente não tinha é[...] não tinha pra onde ir, as famílias se reuniam assim na frente de casa, juntava os filhos tudinho com a gente tá aqui agora, e os mais velhos começavam a contar pequenas histórias, aí contava histórias cotidianas e contava histórias lendárias, tá entendendo? E ali ia surgindo todas as famílias, era assim de noite, nera Maria? Todas as famílias fazia isso, pra ficar conversando, observando a lua, noite de lua era que dava gente, pra conversar. Os vizinhos vinham tudinho, nera assim minha gente? Os vizinho vinha tudinho pra ouvir.” (Jandira, entrevista concedida ao autor em: 12 de abril de 2023).

Perder o contato com as histórias e os ensinamentos passados pelos mais velhos faz com que essas gerações percam a capacidade de se enxergarem, de perceberem que elas são capazes de refletir e reconstruir a história. Em “Experiência e Pobreza” Walter Benjamin faz várias indagações;

Para onde foi tudo isso? Onde é que se encontram ainda pessoas capazes de contar uma história como deve ser? Haverá ainda moribundos que digam palavras tão perduráveis, que passe como um anel de geração em geração? Um provérbio serve hoje para alguma coisa? Quem é que ainda acha que pode lidar com a juventude invocando a sua experiência? (BENJAMIN, 2013, p.86).

Buscar uma resposta para cada um desses questionamentos seria me colocar em uma situação bem difícil, quando eles estão baseados a partir de experiências vivenciadas pelo autor em um período distinto ao que vivemos atualmente. Mas, entendemos que nada aconteceu de uma hora para, as experiências foram se perdendo ao longo do tempo e o hoje só nos faz confirmar isso. O que antes era tradição parece não estar em uma conexão constante com o presente.

O que não se pode deixar é que isso se perca de vez, entre as famílias ainda existem idosos, pessoas mais velhas capazes de manter viva a tradição de contar e recontar histórias, e sempre teremos pessoas mais novas para ouvi-las, o que precisamos é ressignificá-las, orientar os mais jovens para a importância dessas memórias, na construção de suas identidades. No próximo item veremos o importante papel que a escola exerce na construção do conhecimento.

3.2.2 O papel fundamental da escola na construção de conhecimentos sobre os povos do campo e o movimento das Ligas Camponesas.

Ao continuarmos a conversa os demais responsáveis falaram um pouco de como tiveram conhecimento sobre as Ligas Camponesas, e nós vamos perceber que a escola terá um papel importante na fala delas, a mãe do estudante João Emanuel quando lhe perguntei sobre os primeiros contatos que ela teve como o tema e ela nos disse que;

“Olhe sinceramente, eu vim conhecer essa parte de Ligas Camponesas quando eu comecei a trabalhar aqui na escola. Eu sou formada como professora, eu sou educadora, porém não quis mais, eu preferi ir por outros caminhos, aí eu

trabalhei na coordenação, com “Mais Educação”, com “Mais Cultura”, “Atleta na escola” e a gente trabalhou muito a respeito das Ligas Camponesas. Fomos para o Memorial, eu que levava os adolescentes até lá. Eu vim conhecer essa parte dessa História de Ligas Camponesas quando eu comecei a trabalhar aqui porque antes não se falava tanto em Ligas Camponesas, não se falava tanto em Augusto dos Anjos. A gente não conhecia essa parte né... Aí quando eu passei a trabalhar aqui, aí sim eu vi como enfatizavam essa parte das Ligas Camponesas e como ela tem uma ligação forte com a comunidade né[...] porque é muito parecido entre aspas as situações.” (Edite, entrevista concedida ao autor em: 12 de abril de 2023).

Em seguida Suzana a Mãe do estudante Wellington nos fala que;

“[...] ouvi falar através dele (Wellington), estudando aqui, aí ele chegou em casa falando, foi que eu vim saber, mas antes não.” (Suzana, entrevista concedida ao autor em: 12 de abril de 2023).

Contribuindo a mãe do estudante Kauã José diz:

“Eu do mesmo jeito, vim saber através dele (Kauã José) que ama história. então, ele sempre foca em contar pra gente tudo, que a gente fica assim de boca aberta, ele vai lá no passado que nem eu sabia e conta pra mim e pro meu marido.” (Maria do Socorro, entrevista concedida ao autor em: 12 de abril de 2023).

Ao ouvi-las é possível perceber que, por mais que já tivessem ouvido falar de brigas pela terra ou qualquer outra nomenclatura que fosse dada as Ligas Camponesas, foi por meio dos seus filhos que elas tiveram os primeiros contatos com a história do movimento camponês em Sapé. Isso reforça o poder que a escola tem de proporcionar conhecimento aos estudantes e esses por sua vez transmitem aquilo que aprendem. A Escola Luiz José Gonçalo é um exemplo de escola do campo que cumpre um papel

importante na vida desses estudantes, quando se compromete em trabalhar a História Local.

Esse é um trabalho que muitos pais reconhecem, o que é gratificante para mim como professor de História poder ver em suas falas esse reconhecimento, que muitas vezes vem acompanhado da colaboração e ajuda desses responsáveis, quando entendem que o trabalho da escola se torna melhor quando há essa parceria entre ambos. E minha gratidão é ainda maior quando os estudantes demonstram gostar de História e começam a entender a importância dela em sua vida.

Para entendermos melhor como a escola passou a ter um olhar diferenciado para as Ligas Camponesas e o estudo da História local, utilizarei um trecho da fala de Jandira quando ela diz:

“Então, nas escolas os professores não tinham esse conhecimento [...] eu trabalhei dez anos como professora no município de Mamanguape e a gente nunca ouviu falar nessa História, e a História das Ligas Camponesas ela surgiu nessa escola, no ano que Ana Maria veio trabalhar aqui, Ana como professora, Selma como Supervisora da época, Rosalinda também era supervisora, elas tinham esses contatos sobre Ligas Camponesas, que elas já vinham de Antas do Sono né, da vivência de Antas, da vivência do que aconteceu no Gentil Lins, são histórias das Ligas Camponesas que aconteceu naquela área dali. A partir dali elas trouxeram, resgataram essas histórias e trouxeram para aqui e houve até uma certa resistência de se trabalhar a temática.” (Jandira, entrevista concedida ao autor em 12 de abril de 2023).

Quando fizemos a leitura da fala de Jandira, percebemos que não era um hábito “das escolas” trabalharem a temática, e na Escola Luiz José Gonçalo o tema partiu de iniciativas de professoras e supervisoras que passam por sua trajetória.

As professoras Ana Maria, Selma e Rosalinda, buscam preservar as memórias das Ligas Camponesas em Sapé, elas são referências durante todo o ano letivo nas ações propostas que promovem diálogo e discussões sobre o movimento camponês e sua História com o município.

Essas discussões não eram novas para algumas pessoas, mas, trabalhar em sala de aula traria novas experiências, então, isso causou inicialmente certa resistência em parte dos discentes, pois a forma como alguns interpretam a luta camponesa pela terra e os conflitos que existiram para garantir o direito sobre ela se distanciam em alguns momentos.

Ainda sobre o que ela fala, as motivações partem de experiências vividas em outros locais em que o movimento teve suas origens e onde os conflitos aconteceram de maneira mais intensificada, o que me leva a pensar que a população de Inhauá não se identificava logo de início com o movimento, pelo fato do mesmo não ter acontecido ali.

Acredito que durante esse tempo em que foram sendo introduzidas essas discussões na escola e na comunidade, o tema passou a ser ressignificado, as pessoas passaram a conhecer novos personagens sem aquele estereótipo do herói, figuras que se aproximam mais de cada uma delas. Muitos começam a perceber que o movimento está mais próximo deles, quando enxergam em seu cotidiano situações que se aproximam das lutas pela terra e sua permanência.

Isso foi acontecendo aos poucos, gradualmente a comunidade passou a construir o conhecimento a partir de suas percepções e o pouco do que sabiam foi sendo reconstruído, recebendo um olhar especial.

“Então, é um trabalho minucioso onde todo mundo tem que construir para se reconstruir uma História. Então as Ligas Camponesas é isso, é vivência como Edite disse “passei a vida inteira em uma comunidade mas que eu não conhecia as Ligas, eu vim conhecer a partir do momento em que eu vim para essa escola”. Quando o aluno dessa escola começou a trabalhar foi assim degrau a degrau, aí o aluno foi se desenvolvendo, hoje os alunos apresentam peças, na época desse daqui mesmo (Otávio), teve várias peças, [...]. Então, hoje as Ligas camponesas aqui na escola é um tema normal, comum, onde o aluno sabe como lidar, sabe o que vai trabalhar, o que eu vou construir, já foram visitar o Memorial muitos deles aqui já foram. Eu ainda não fui, eu ainda não fui no Memorial “digaí”, eu já passei perto, mas eu tenho vontade de ir.” (Jandira, entrevista concedida ao autor em 12 de abril de 2023).

Nesse trecho ela expressa bem o que consigo perceber quando trabalho nas aulas de História a temática. Os estudantes não trabalham de maneira passiva, eles aprenderam a dar sentido ao tema do movimento camponês, passam a coletar informações para complementar aquilo que aprenderam em experiências de anos anteriores. Percebemos esse desenvolvimento e o empenho que eles colocam sobre as atividades propostas durante as aulas, as encenações são um grande exemplo de atividades em que presenciamos o trabalho coletivo, o diálogo entre os estudantes, eles gostam desses momentos.

Nós perdemos a conta de quantas peças teatrais foram representadas por eles e o mais interessante é que elas não foram repetições de outras já encenadas. Mesmo tendo como objetivo principal representar a vida do homem no campo e as Ligas Camponesas de Sapé, cada uma delas trazia consigo algo novo seja um personagem que não é tão conhecido, ou uma roupagem mais poética e até a abordagem de questões atuais ligadas ao campo a exemplo do trabalho infantil.

Acompanhar isso é bastante gratificante, pois sabemos que o trabalho da escola está obtendo resultados, porquanto em algumas escolas o tema nem sempre é desenvolvido com frequência, seguindo apenas o que é sugerido pelo Calendário Sócio Cultural. “[...] as Ligas Camponesas é como se fosse um tabu para determinadas escolas”. (Jandira, 2023). Essa temática precisa ser vista por todas as escolas, não pode existir, por exemplo, uma maior valorização vinda apenas das escolas do campo, da zona rural, as escolas urbanas precisam se empenhar também, pois trata da História do Município vai além da grande repercussão que o movimento causou.

A maioria dos estudantes já tinha ouvido falar sobre o movimento camponês, mas consideram que foi através da escola que passaram a estudar sobre o tema, foi na sala de aula que eles foram estimulados a buscar informações sobre as lutas camponesas e as Ligas Camponesas. Alguns falaram da importância de conhecer a História do movimento. O estudante Kauã José disse:

“Na minha opinião tem muita importância, porque também foi algo que aconteceu aqui perto né de Inhaúá, é bom ver que Sapé teve uma história que marcou o estado e Sapé teve essa história. [...] os trabalhos que os professores mandam pra fazer, o trabalho em cartolina, folhas, são importantes para o

nosso aprendizado sobre uma coisa do nosso próprio estado, porque a história ela além de trabalhar coisas do Brasil, ela trabalha mais coisas de fora e uma coisa já do nosso estado, uma coisa que vem da nossa cidade, para nós que moramos aqui no município de Sapé é bem importante mesmo as Ligas Camponesas para nosso aprendizado.” (Estudante Kauã José, entrevista concedida ao autor em: 12 de abril de 2023).

Logo de início podemos perceber na fala do estudante que ele relaciona a importância de estudar sobre essa temática a sua aproximação com o local onde mora, ele também demonstra satisfação em ver que a História de Sapé quando está relacionada ao movimento camponês marca a História do Estado da Paraíba. Percebemos que ele consegue mensurar a proporção que o movimento teve na História do Estado e que não foi um acontecimento que ficou restrito a Sapé.

Ao continuar ele nos diz que os trabalhos que os professores passam são importantes, já que se tornam um meio dele adquirir conhecimentos e por mais que a História trabalhe com conteúdos que abrangem outros temas que não estão ligadas a História do estado e do Brasil, ela também se dedica a estudar a História Local, que para ele é muito importante.

Essa observação que Kauã faz possivelmente está relacionada à quantidade de conteúdos trazida nos livros didáticos que abordam a História Geral, conteúdos que tratam da história de outros países. Ele não os considera menos importantes, mas evidencia que se faz necessário estudar a História a partir de sua localidade.

Quando perguntei sobre a existência de alguma dificuldade na busca por informações sobre a História de Sapé e o movimento camponês, os estudantes demonstraram muita desenvoltura em suas falas.

“Não, nesse caso a gente também passa a procurar pessoas que vivenciaram, como os nossos avós, as pessoas mais velhas que moram aqui no município, aí eu acho mais informações que nem tem na internet.” (Estudante José Benício, entrevista concedida ao autor em: 12 de abril de 2023).

Na fala do estudante José Benício é possível perceber que ao coletar informações para cumprir com alguma atividade solicitada por seus professores, o estudante vê nas narrativas de familiares e pessoas mais velhas uma possibilidade para obtê-las. Sabe que a internet é uma via pela qual ele também pode adquirir informações, mas tem consciência que as fontes orais são mais enriquecedoras e proporcionará conhecimentos que a internet nem sempre irá mostrá-lo.

“Normalmente a internet ela pode ser bem útil, pode ter algumas informações que podem não ser reais, algumas controvérsias, coisa e tal, por isso eu busco procurar em sites totalmente diferentes cada um, porque o que o professor fala na sala é uma coisa, o que você encontra na internet é outra, então é bom você lembrar o que o professor fala na sala, pra você ir procurar mais a fundo sobre isso na internet.” (Estudante Kauã José, entrevista concedida ao autor em: 12 de abril de 2023).

O estudante Kauã acrescenta dizendo que a internet quando associada ao que os professores orientam em sala de aula, pode ser uma grande aliada na busca e coleta de informações que contribuirão para o seu aprendizado e cumprimento das tarefas solicitadas. Mas, é preciso ter cuidado, dado que muitos sites podem possuir conteúdo de caráter duvidoso e que é preciso fazer uma busca mais aprofundada e em sites distintos.

É interessante essa parceria de colaboração construída entre os professores e os estudantes, pois quando esses planejam suas aulas, pretendem orientá-los para que eles possam buscar o conhecimento. Quando as informações sobre os conteúdos são trazidas para a sala de aula, o estudante começa a entender que não pode ficar só no que foi dito pelos professores, mas que é necessário buscar ainda mais, ir além e assim construir conhecimentos e não apenas adquiri-los, para que esses possam fazer sentido.

Quando proponho nas aulas de História atividades sobre as Ligas Camponesas tenho como objetivo conscientizar os estudantes sobre a valorização da terra, estabelecer uma identidade baseada em valores, respeito ao ser humano e ao meio ambiente. E os estudantes passam a entender isso, então buscar informações, coletar dados, nem sempre é uma tarefa difícil para eles. Mas temos a consciência de que ainda precisamos trabalhar

bastante para produzir material que esteja mais acessível aos estudantes, de fácil leitura e compreensão.

Ao continuarmos nossa conversa perguntei aos estudantes quais personagens ligados ao Movimento Camponês eles conheciam e o que eles acham de termos uma semana destinada aos estudos sobre as Ligas Camponesas.

O estudante José Benício começou nos dizendo;

“Eu conheço Elizabeth Teixeira, porque depois que ele morreu ela continuou. Ele lutou muito para conseguir seus direitos e ela também foi muito importante para as Ligas Camponesas. Eu acho que é importante, porque como já vem lá de trás evoluiu muito, então isso é muito importante para o futuro da gente mais jovem, e aí a gente entende mais sobre o assunto e acho que não deve ter uma semana só, tem que aprender todos os dias.” (Estudante José Benício, entrevista concedida ao autor em: 12 de abril de 2023).

Em seguida o estudante Kauã José diz;

“Bom, teve alguns trabalhos a maioria feitos, tanto pelo senhor mesmo ou também com outros professores, Jéssika (professora de ciências) mesmo, ano passado ela propôs também alguns trabalhos como desenhos, falar um pouco sobre tanto João Pedro como Elizabeth. E o bom é que não só História trabalha sobre as Ligas Camponesas, mas quando chega à semana certa né... pra falar sobre essa temática, todos os professores de todas as disciplinas falam um pouco sobre as Ligas.” (Estudante Kauã José, entrevista concedida ao autor em: 12 de abril de 2023).

Os estudantes sabem da existência de outros personagens da História das Ligas Camponesas, mas o que tenho percebido durante esses anos é que há uma dedicação maior sobre as figuras de João Pedro Teixeira e Elizabeth Teixeira. E algumas questões me levam a entender o porquê: ambos estão ligadas a História do Município de Sapé de forma mais direta e por isso seus nomes estão sempre entre os primeiros nessa lista de pessoas

que fizeram parte do movimento, a morte de João Pedro teve grande repercussão e a sua sucessão foi presidida por sua esposa Elizabeth, além disso temos uma quantidade maior de materiais que trazem a trajetórias deles e incluo também as ações propostas pelo município e o Memorial sobre a temática das Ligas.

“[...] minha irmã dizia que tinha um chamado Mala velha, era um homem que ele dava suporte, ele pegava transporte, ele não tem um nome tão conhecido como os outros tem né [...] tem o Capa de aço também.” (Jandira, entrevista concedida ao autor em: 12 de abril de 2023).

Por intermédio das aulas os estudantes são orientados a buscar e conhecer outros personagens, essa não tem sido uma função apenas da Disciplina de História, os demais componentes curriculares se unem principalmente na semana que se dedica aos estudos sobre as Ligas Camponesas e trabalham de forma interdisciplinar. Mas temos a consciência de que a História tem um papel social e fundamental na abordagem do tema durante todo o ano letivo.

E os estudantes reconhecem isso quando falam que uma semana não é suficiente e que, se durante o ano o tema for abordado de diversas formas, eles conseguem assimilar melhor e vão aprendendo aos poucos, pois às vezes se torna algo repetitivo quando todos os professores em uma semana se debruçam sobre essa temática.

Por isso, nós da escola Luiz José Gonçalo temos essa preocupação e buscamos trazer sempre atividades diversificadas que realmente possam estimulá-los para que sejam capazes de construir um ambiente agradável e de trocas, na qual os estudantes possam adquirir uma visão ampliada que os façam pensar no seu futuro, como bem disse o estudante José Benício.

No decorrer da conversa perguntei aos pais e responsáveis se eles acham importante que o tema Ligas Camponesas seja trabalhado em sala de aula.

Edite mãe de João Emanuel disse:

“Eu acho importante sim, porque como ele falou, [...] muitos não conheciam, a partir do momento que começou a estudar aqui passa a conhecer, então, é uma história do município, é uma história do estado, onde eu que estudei em Sapé, estudei no Stella⁴⁴, fiz o magistério, estudei no EMOAP⁴⁵ Estagiei em Sapé, e não ouvi falar nada, nada das Ligas Camponesas e quando eu cheguei aqui eu escutei, foi como eu disse, eu ouvia falar dessas brigas dessas coisas, ninguém nunca falou Ligas Camponesas. Então é muito importante falar sim da História, ser enfatizado sim o ano inteiro, porque muitos alunos que vem para a escola que são novatos e não conhecem. Então quem já estuda já tem uma bagagem já conhece e os novatos não. Então só uma semana... o certo seria falar o ano inteiro daí todo mundo vai pegando vai conseguindo entender o que aconteceu, eu acho muito importante.” (Edite, entrevista concedida ao autor em: 12 de abril de 2023).

Suzana mãe de Wellington complementa:

“Eu também e cada vez é um negócio novo que eles vão aprendendo né [...]” (Suzana, entrevista concedida ao autor em: 12 de abril de 2023).

Maria do Socorro mãe de Kauã José conclui dizendo;

“E eles ensinam pra gente que não conhecia, ele chega em casa né [...] Ele que também não conhecia, porque ele também é novato aqui em Inhauá e ele quando começou a estudar aqui não sabia nada sobre isso, e hoje ele já sabe de tudo né... Aí ele chega e conta pra gente [...] e vai passar para o irmãozinho dele.” (Maria do Socorro, entrevista concedida ao autor em: 12 de abril de 2023).

Os estudantes que estão matriculados há algum tempo e aqueles que iniciaram sua trajetória escolar desde a educação infantil na Escola Luiz José Gonçalo, possuem certa

⁴⁴ Escola Estadual de Ensino Fundamental Stella da Cunha Santos – Sapé/PB

⁴⁵ ECITMOAP – Escola Cidadã Integral Técnica Monsenhor Odilon Alves Pedrosa – Sapé/PB

bagagem sobre o tema Ligas Camponesas, como foi dito por Edite, e os que estão chegando agora, como no caso de alguns que vieram de outra cidade ou de outro estado, passam a conhecer, por isso ela acredita que seja importante trabalhar durante todo o ano. Vemos isso nas falas das outras mães, quando dizem que seus filhos chegaram sem saber nada sobre o tema e agora já possuem um conhecimento considerável.

Desde a educação infantil os pequenos começam vendo a temática a partir da observação do meio em que vivem, do conhecimento sobre a terra, o trabalho exercido por seus avós na roça, o corte da cana e tantas outras possibilidades que estejam dentro do que eles consigam compreender e assim até o 9º, em que buscamos sempre diversificar e trazer algo novo que enriqueça ainda mais o conhecimento deles. Quando Edite fala que nas escolas, pelas quais ela passou o tema não era abordado, Jandira nos diz que:

“[...] quanto à sala de aula, quando Edite disse que estudou no estado, estudou no Stella. Naquela época que você estudou alguns anos atrás o tema não fazia parte do currículo [...] Veio fazer agora, recentemente que foi colocado no calendário socioeducativo da rede municipal, no estado eu não sei se foi colocado ainda não, porque existe ainda todo um debate dentro disso tudo, quem participa do grupo de estudo sobre a educação no campo né Paulo, quem estuda, existe ali que você vê na fala de alguns professores, na fala de algumas pessoas, que existe uma resistência de falar ainda, poucas pessoas vão ainda visitar, vão a romaria da terra, muita gente tem medo de ir pra romaria da terra... Se falar de ir pra romaria da terra diz “vou nada”. Tem pessoas que tem medo até de passar no assentamento que tem ali em Mari quando vai pra Guarabira, “ave Maria onde tá os sem-terra” é como se eles fossem bichos é como se as pessoas que lutam pela terra, fossem baderneiros, que fossem chegar matando, então existia isso no passado e existe isso ainda hoje, as pessoas têm medo.” (Jandira, entrevista concedida ao autor em: 12 de abril de 2023).

As histórias que se contam sobre as Ligas sempre estiveram entre as pessoas em Sapé, mas nas escolas percebemos que foi algo recente e que vem acontecendo discussões de forma gradativa, a partir da inserção ao Currículo e ações promovidas pela Secretaria de Educação. Durante a fala de Jandira, ela traz um ponto que considero importante e que merece uma atenção especial, ela fala sobre a resistência que ainda existe em falar

sobre a temática e o fato de muitas pessoas não manterem relações com os assentamentos existentes atualmente.

Ela abre espaço para falarmos um pouco sobre nosso próximo ponto da roda de conversas, no qual perguntei aos pais e estudantes como eles veem o movimento camponês atualmente e se é possível fazer uma ponte das lutas e resistências do passado com as do presente é o que veremos através das falas dos participantes no próximo item.

3.2.3 O movimento camponês: relações com o presente.

Muitos estudantes que moram no campo desconhecem a realidade dos assentamentos existentes. Nas próximas falas veremos que além das lutas cotidianas que estão presentes na vida de quem mora em uma zona rural, vamos perceber que os assentamentos possuem uma ligação com o que um dia se comprometeram as Ligas Camponesas e a partir disso é possível construir relações com o agora.

Jandira inicia sua fala com alguns questionamentos:

“Quem foi o professor que pegou uma equipe de alunos e levou num assentamento? Quem vai? Mas posso pegar um bocado de aluno, botar numa van e levar pra praia. Agora levar lá pra tu ver a realidade dos sem-terra, dos que não tem um teto para morar, as casas onde eles estão vivendo, à beira de estrada, o perigo que vivem, não! São realidades que muitos alunos aqui desconhecem, mesmo morando no campo, mas desconhece, ele mora no campo, mas desconhece os assentamentos. São realidades que existe e poucos procuram conhecer.” (Jandira, entrevista concedida ao autor em: 12 de abril de 2023).

Maria do Socorro mãe de Kauã José justifica o fato de muitos estudantes desconhecerem a realidade dos assentamentos e não procuram saber, não se importam, nos dizendo que:

“[...] muitos pais falam que eles são marginais, por isso que os filhos agem desse jeito, se eu falar pro meu filho que “Sem-terra” é um monte de bandido, ele vai achar que é, ele vai ter medo de passar lá, ele vai ter medo de ir lá, porque eu que falei isso pra ele, entendeu? [...] Se eles estão lá é porque eles precisam, eles não estão invadindo uma terra por beleza. Eles estão invadindo porque precisam daquela terra pra plantar. Moram numa cabaninha lá, levando chuva, levando sol com as crianças pequeninha, será que eles estão ali porque eles querem? Aí os pais ensinam isso, eu já vi vários pais, porque minha mãe mora ali em Mari e lá tem sem-terra né..., mas, a gente não tem medo não, a gente vai lá, mas a gente conhece gente que nem manga vai pegar lá, porque diz que se for eles vão matar! Mentira gente, eles não vão fazer isso não. Lá tem uma comunidade que trabalha com mandioca que a gente já foi lá ver, tem um monte de coisa, tem horta, faz aquelas garrafadas pra doentes, eles trabalham com isso. Hoje é casa, mas quando eles foram morar lá era tudo lona, aí muitos pais de Mari e de outras cidades também tratam eles como marginais. Ah não vai ali não que é um monte de bandido, aí os filhos crescem e vai ensinar pros filhos a mesma coisa.”

Ao ouvi-las passei a refletir e pensar um pouco sobre minha prática, pois, todos os anos trabalhamos em sala de aula temas que abordam as lutas e resistências a partir do movimento camponês, é notório pelos menos nas aulas de História que os assentamentos estejam em nossas discussões ou em atividades que realizo com os estudantes.

Busco junto a eles criar pontes por meio de pesquisas que tratem sobre as crianças e adolescentes que vivem nos assentamentos, se há a existência de exploração de menores através do trabalho infantil, violência e abuso contra crianças e adolescentes, sempre na busca de dados e informações que possam nos ajudar a enxergar que essas realidades existem e que precisamos conhecê-las.

O que buscamos não é conhecer as figuras que fizeram parte do movimento no passado e sim perceber que muitas lutas continuam e que de alguma forma fazem parte da nossa vida, da nossa realidade e conhecendo teremos a oportunidade de minimizar situações que ainda fazem com que as pessoas do campo, dos assentamentos sejam inferiorizadas, esquecidas e marginalizadas. Para Jandira nós precisamos “falar da História, conhecer a História, e precisamos tirar esses conceitos negativos que passamos para nossos filhos”. (Jandira, 2023).

Nem sempre é possível proporcionar aos estudantes um contato mais aproximado com os assentamentos, existe uma logística para isso, que não depende da intenção que muitos professores têm. Às vezes o acesso aos locais é difícil, o deslocamento só é possível por meio de ônibus que possa levar os estudantes, o próprio local onde os estudantes moram já possui um difícil acesso em determinados períodos, como é o caso da Escola Luiz José Gonçalves.

Tais questões não podem ser vistas como empecilhos que vão nos fazer desistir de um dia levar os estudantes para visitar um assentamento e conhecer um pouco da rotina deles de plantar, colher, conhecer a horta, produzir garrafadas como Maria do Socorro nos disse, fazer perguntas, saber a rotina de estudos das pessoas que moram nesses assentamentos, entender como funciona, como é um assentamento em seus aspectos físicos e sociais. Dentro das escolas precisa haver essas discussões, os professores podem e devem sugerir em seus planejamentos, essa é uma forma de trabalharmos olhando para a realidade do outro.

Esse momento da roda de conversa foi muito importante, pois conseguimos construir um diálogo capaz de nos fazer refletir sobre as lutas que ainda existem quando pensamos nas pessoas que vivem da terra, e que nem sempre nos damos conta por não estarmos na mesma condição. Mas quando trabalhamos com comunidades que são remanescentes das lutas camponesas, precisamos ter um olhar sensível, respeitoso e que provoque em nós a vontade de conhecer e fazer valer toda essa luta que busca uma vida digna para todos.

As pessoas que passaram pelo movimento camponês e deixaram suas histórias de vida marcadas diante do que fizeram, serão lembradas. Para muitos seguem como exemplos de determinação, de trabalho e esperança, serão sempre importantes. Mas o que nos parece ainda mais interessantes para as aulas de História é aprender a nos reconhecermos como sujeitos capazes de alcançar e conseguir o que desejamos.

Ao final da roda de conversa sentimos aquela sensação boa de quando falamos sobre um assunto que entendemos e nos reconhecemos nele de alguma forma, aquela sensação de propriedade sabe? Nós fomos capazes de ouvir o outro de maneira respeitosa, e fazer com que o outro se sentisse bem em nos contar a partir de suas narrativas um pouco da sua história de vida e do que sabem sobre a formação de uma comunidade e sua identidade.

Quantos gestos e sentimentos foram expressos na fala de cada um, até mesmo nas expressões de quem é mais calado e participou da roda de conversa como ouvinte, mas que chega ao final quando todos já tinham ido embora, nos chama no canto e diz: “eu adquiri mais conhecimento do que eu esperava, desculpe não ter contribuído com alguma fala, mas adquiri mais conhecimento sobre esse assunto hoje e me lembrei de algumas coisas que estudei na escola, porque naquele tempo tinha muita coisa”. (Otávio, 2023). Os estudantes passam por fases, e nessas fases algumas questões e assuntos nem sempre chamam a sua atenção, ou até mesmo existem outras situações que preocupam e tomam um pouco do tempo deles.

Aos poucos eles vão amadurecendo e percebendo que muito do que foi dito lá atrás tem um significado importante, mas que naquele momento por serem crianças ou adolescentes não possuíam uma mentalidade madura o suficiente que os fizessem perceber tal importância e isso a gente só consegue com o passar do tempo que partem de experiências, sejam elas por meio das nossas vivências ou do conhecimento adquirido por meio das relações coletivas.

A fala do estudante foi essencial e reforça o quanto se faz necessário o trabalho a partir das memórias e o papel da escola na construção do conhecimento. Por mais que o estudante tenha visto nas aulas o tema sobre as Ligas Camponesas durante os anos que estudou na escola, esse momento em que as narrativas aconteciam na roda de conversas foi para ele uma oportunidade de rememorar os momentos vividos em sala, ter contato com outras experiências como as de Jandira e Dona Maria que naquele momento suas memórias foram narradas para nós por tanto coletivas e nos apropriamos à medida que passamos a nos reconhecer em suas falas. Esse momento de conversa mais informal com o estudante para mim foi muito significativo e recebeu de minha parte uma atenção especial, por isso achei pertinente trazê-la.

Ao longo da nossa roda de conversas, pude perceber algo que tenho proposto nas aulas de História ou quando estou com os estudantes desenvolvendo alguma atividade no âmbito escolar junto à comunidade, que é perceber a existência da construção de uma consciência que valorize a História local, e que vai além quando passa a reconhecer que outras pessoas fazem parte da comunidade e cada uma dessas pessoas traz consigo uma bagagem, como o caso dos que vieram de lugares próximos de Inhauá e passaram a fazer parte desse território. O trabalho que fazemos é sobre respeitar o outro e valorizar a sua

cultura, e posso dizer que ao longo desses anos aprendi muito com as pessoas da comunidade e passei a valorizar ainda mais a cultura campesina e em especial a cultura dos discentes. Contudo percebemos nas experiências a possibilidade de transformação em nossas vidas, e as minhas experiências precisam se cruzar com as dos estudantes, com as das comunidades para que assim a experiência no significado estrito da palavra aconteça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 2014 quando concluí a graduação eu não me sentia preparado para assumir uma sala de aula de História, achava que tudo o que aprendi durante quase cinco anos de Licenciatura não era suficiente. Mas me enganei, por mais que algumas disciplinas não tivessem ensinado como eu iria trabalhar os conteúdos em sala de aula com os estudantes, naquele momento em que eu saía da Universidade cheio de sonhos e ideias, eu ainda não conseguia perceber o quanto de bagagem eu estava levando comigo, e não se tratava de ensinar conteúdos.

Acredito que essa era a sensação que alguns colegas da turma 2009.2 tinham. Mas com o passar do tempo fui percebendo que o curso de licenciatura me fez buscar conhecimento e uma didática que venho aprimorando a cada ano. Eu não saí da graduação vazio como eu achava, pelo contrário, fui descobrindo em mim qualidades, fui percebendo que tive professores que me ensinaram a lidar com as situações que eu estava encontrando nas escolas pelas quais eu estava passando.

Claro, eu tinha medo e insegurança, mas tudo foi fluindo, porque sempre segui os conselhos de alguns professores que me disseram para valorizar o meu diploma e uma forma de fazer isso era dando o melhor de mim em sala de aula. Um professor até chegou a dizer que eu era o estudante das ideias mirabolantes, ao mesmo tempo que eu via sua fala como uma crítica, pois entendi em suas colocações que, quando eu chegasse na escola pública ou qualquer outra a realidade não me permitiria realizar as aulas da forma como eu planejava.

E na prática as realidades de algumas escolas não me permitiram, mas como eu não sou de desistir e até nas dificuldades eu vejo uma forma de contornar as situações, houve momentos que eu fui além do que planejei. Então, o que parecia crítica sem dúvidas me motivou a ser o profissional que sou e se as ideias parecem mirabolantes, a minha intenção foi dar o melhor de mim e a partir disso proporcionar aos estudantes a construção de conhecimentos capazes de fazer a diferença no sentido positivo em suas vidas no futuro.

Bem, iniciei minhas considerações a partir dessa narrativa, porque sei que mesmo me dedicando a essa pesquisa como fiz, percebo que ela não será concluída. Quero que

ela abra espaços para outras histórias, que seja inspiração. Muitos estudantes passarão pela escola e cada um deles trará suas experiências. O que sempre desejei foi dar início a um trabalho que fosse inspirador, que ajudasse outros professores que assim como eu vê nas memórias trazidas pelos estudantes à oportunidade de ensinar História.

Aprendi que as minhas experiências como professor não estão apenas na minha trajetória da graduação até aqui, elas estão na forma com que a minha família me educou e no que eu tenho aprendido na relação com os estudantes. Por meio das experiências deles cheguei a conhecer as experiências dos seus familiares, e essas foram trocas que não conseguimos calcular o tamanho de sua importância, se as experiências são aquilo que nos toca, sempre me senti afetado por elas como propõe (LARROSA, 2016).

Ao parar para ouvir as memórias narradas não deixamos que elas se percam ou passe por um processo de silenciamento. Combatemos a pobreza de experiências, que para Benjamin (2013) ela acontece quando deixamos de narrá-las.

Com base nessa proposta, passei a pensar e desenvolver essa pesquisa, que me proporcionou conhecer sobre a vida das pessoas no campo a partir da leitura de trabalhos acadêmicos, livros e do Memorial, tão importante na preservação da memória das Ligas Camponesas. Mas eu pretendia a partir do ensino de História contemplar essas narrativas. Contudo precisei entender quais documentos poderiam me nortear para a forma que eu poderia trabalhar temáticas sobre o campo em sala.

Foi quando me deparei com a Proposta Curricular da Paraíba na qual eu não percebia uma orientação que fizesse sentido ao que eu pretendia, e o mais próximo do que eu desejava estava a Proposta Curricular de Sapé, mas que não foi desenvolvida para os estudantes do ensino fundamental anos finais e sim para o fundamental anos iniciais e que precisa de atualização. Por outro lado, encontrei nas Diretrizes para Organização do Currículo das Escolas do Campo do Município de Sapé um suporte maior, que nos orienta sobre a valorização da cultura camponesa.

E foi no “chão” das salas de aulas de uma escola do campo junto aos estudantes, onde encontrei o que precisava para tornar essa pesquisa tão significativa para o ensino de História, por meio do material didático que passamos a produzir, das narrativas trazidas pelos estudantes e familiares, pude refletir e perceber como a história daquela localidade

fazia sentido para eles, mas precisávamos ressignificar, ter uma visão mais ampliada, buscar o conhecimento que estavam nas memórias das pessoas e nas relações entre elas.

Proporcionar aos estudantes momentos de reflexão e crítica nos fez ao longo desses anos alcançarmos resultados que fizeram deles estudantes participativos e capazes de dialogar entre as diversas realidades existentes. Visto que os objetivos sempre foram os de provocar estímulos que os fizessem sair da passividade, muitas vezes impostas pelos documentos que norteiam a educação e as políticas públicas que não atendem as especificidades e a diversas culturas.

Chego ao final dessa dissertação com um forte sentimento de gratidão, pois aqui eu pude expressar o que sinto sobre o fazer histórico e um pouco de como eu venho colaborando para o Ensino de História, porquanto percebo o seu poder transformador que agrega a todos que participam do processo educativo.

Desejo que esse trabalho possa colaborar com outras pesquisas, que possa ser inspiração para pessoas que desejam narrar suas memórias ou contar sobre a sua História Local.

E principalmente aos meus companheiros historiadores e professores de outros campos do conhecimento, que assim como eu estão sempre na busca de melhorar suas práticas educativas diante do ensino, essa dissertação possa ser inspiradora, de modo que o nosso trabalho em sala de aula com os estudante possa romper os muros das escolas pelas quais passamos em nossas trajetórias e possam contribuir ainda mais com as pesquisas acadêmicas, tornando-as ainda mais ricas ao compartilharmos nossas experiências.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Janicleide Martins de Moraes. *Memorial das Ligas Camponesas: preservação da memória e promoção dos direitos humanos*. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos). Centro de Ciências Jurídicas, Universidade Federal da Paraíba, 2014.
- ALMEIDA, Simone Garcia e AMADOR, Kassandra Thamyris Maciel. *A interdisciplinaridade no ensino de História: relações possíveis entre a história e a literatura* (Artigo - Periódicos UNIFAP) Macapá, v. 6, n. 2, jul./dez. 2019.
- AMADO, Janaína. O Grande Mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. *História*. São Paulo, n.14, 1995, p. 125-136.
- BARBOSA, Vilma de Lurdes. *Ensino de História Local: redescobrimos sentidos*. *Saeculum – Revista de História*: João Pessoa, 2006.
- BARROS, José D'Assunção. *O projeto de pesquisa em História*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BENJAMIN, Walter. *O Narrador*. In: _____ *Magia e Técnica, Arte e Política - ensaios sobre literatura e história da cultura*, 2ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. *O Anjo da História*; org. e tradução de João Barrento, - 2ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- BENJAMIN, Walter. *Rua de Mão única. Obras Escolhidas*. Vol. II. Trad. Rubens Rodrigues Torres e José Carlos M. Barbosa. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1987.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História*. Fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2009.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. 2ª ed. Difusão Editorial, 2002.
- CITTADINO, Monique. *Populismo e golpe de estado na Paraíba*. João Pessoa: UFPB, 1998.

D'ANGELO, Martha. *Arte, política e educação em Walter Benjamin*. São Paulo: Ed. Loyola, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *Aprendendo História: reflexões e ensino* / Marieta de Moraes Ferreira, Renato Franco. – São Paulo: Editora do Brasil, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

GALZERANI, M. C. B. *Memória Tempo e História: perspectivas teórico-metodológicas para pesquisa em ensino de história*. Cadernos do CEOM (UNOESC), v. 28, p. 15-30, 2008.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin*. São Paulo, Editora 34, 2014.

GRUZINSKI, Serge. Por uma história das sensibilidades. PESANVENTO, Sandra Jatahy; LANGUAGE, Frédérique. *Sensibilidade na história: memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: UFRGS, 2007, p. 7-8.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

JUCHEM, Henry e PEREIRA, Nilton Mullet. *Sobre o uso de jogos no ensino de História*. (Artigo - Revista Brasileira de Educação Básica). Vol. 3. Número 7. Janeiro – Março, 2018.

LARROSA, Jorge. *Tremores*. Escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MUNIZ, Roberto. *A fabricação de João Pedro Teixeira: como o herói camponês*. Dissertação (Mestrado em História). Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Campina Grande, 2010.

NEFFA, Elza e ROBLEDO, Felipe Marangoni. *Ensino de História e Território: em busca de um diálogo interdisciplinar*. (Artigo - VIII EPEA - Encontro Pesquisa em Educação Ambiental). UFRRJ e UFRJ, 2015.

PAIM, Elison Antonio. *Para além da Leis: o ensino de culturas e histórias africanas, afrodescendentes e indígenas como decolonização do ensino da história*. In: MOLINA,

Ana Heloisa; FERREIRA, Carlos Augusto Lima. (Orgs.). *Entre textos e contextos: caminhos do ensino de História*. Curitiba: Ed. CRV, 2016.

PARAÍBA. *Proposta Curricular do Estado da Paraíba*. Disponível em: <https://pbeduca.see.pb.gov.br/p%C3%A1gina-inicial/propostas-curriculares-da-para%C3%ADba>. Acesso em: 05.11.2021.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique. *Sensibilidade na história: memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: UFRGS, 2007, p. 9-22.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SANTANA, Maria Selma Santos de. *A relação entre educação escolar e ação cultural e política em Sapé/PB através de um olhar para a história do líder camponês João Pedro Teixeira*. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação, Universidade federal da Paraíba, 2020.

SAPÉ. *Proposta Curricular do Município*, SEDCET – Secretaria de Educação Cultura Esporte e Turismo, 2017. Reimpressão da primeira versão (2007).

SAPÉ. *Diretrizes Pedagógicas para Organização do Currículo das Escolas do Campo do Município de Sapé*. UFPB – Universidade federal da Paraíba e SEDCET – Secretaria de Educação Cultura Esporte e Turismo, 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. *Identidade e diferença*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 73-102.

SIMAN, Lana Mara de Castro. Aprender a pensar historicamente: entre cognição e sensibilidade. In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca (Org.). *O ensino de história em questão*. Cultura histórica, uso do passado. Rio de Janeiro: 2015, p. 201-222.

SOARES JÚNIOR, Azemar dos Santos. “Ensino de história e sensibilidades: o ver, o ouvir e o imaginar nas aulas de história”. *História & Ensino*, v. 25, n. 02, p. 167-190, Londrina, jul./dez. 2019.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, P. *A voz do passado: História oral 3*. Ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2002.

XAVIER, Wilson José Felix. *As práticas educativas da Liga Camponesa de Sapé: Memórias de Luta no interior da Paraíba (1958-1964)*. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, 2010.

ANEXOS

ANEXO 01: Parecer Consubstanciado do Comitê de ética e Pesquisa

CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EXPERIÊNCIAS, SENSIBILIDADES E PRÁTICAS DOCENTES: ENSINO DE HISTÓRIA E A MEMÓRIA DAS LIGAS CAMPONESAS, SAPÉ (2017-2022)

Pesquisador: PAULO ROBERTO FRANCISCO DE LIMA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 63190322.5.0000.5188

Instituição Proponente: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.659.416

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um protocolo de pesquisa egresso do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA CAMPUS JOÃO PESSOA, do CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES, da UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, do aluno PAULO ROBERTO FRANCISCO DE LIMA, sob orientação do Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar o ensino de história local na Escola Municipal Luiz José Gonçalo, localizada na zona rural da cidade de Sapé a partir dos saberes históricos trazidos pelos alunos para sala de aula sobre as lutas camponesas vivenciadas historicamente na cidade. A proposta inicial é nos debruçarmos sobre os conteúdos de

história local incorporados ao currículo escolar pela legislação municipal, a saber: as Ligas Camponesas e a História de Sapé. Esses dois conteúdos ganharam visibilidade nas aulas de história do Ensino Fundamental por permitir que os alunos contem em sala de aula as histórias ouvidas em casa e vividas por seus pais e avós. Por se tratar de uma comunidade rural, ainda é muito forte o sentimento de luta e resistência trazido na memória dos trabalhadores do campo que cristalizaram a imagem de seus líderes sindicais como defensores de seus direitos. Esses saberes foram trazidos para sala de aula, fazendo com que os

Endereço: Prédio da Reitoria da UFPB, 1º Andar

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOÃO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 5.659.416

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

TENDO EM VISTA A NÃO OBSERVÂNCIA DE NENHUM IMPEDIMENTO ÉTICO, SOMOS DE PARECER FAVORÁVEL A EXECUÇÃO DO PRESENTE PROJETO, DA FORMA COMO SE APRESENTA, SALVO MELHOR JUÍZO.

Considerações Finais a critério do CEP:

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa. Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio Comitê.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1985039.pdf	12/09/2022 11:42:51		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_paulo.pdf	12/09/2022 11:39:58	PAULO ROBERTO FRANCISCO DE LIMA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao_certidao_ufpb_ppgh.pdf	12/09/2022 11:38:11	PAULO ROBERTO FRANCISCO DE LIMA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_pais_reponsaveis.pdf	12/09/2022 11:37:09	PAULO ROBERTO FRANCISCO DE LIMA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_assentimento.pdf	12/09/2022 11:36:32	PAULO ROBERTO FRANCISCO DE LIMA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_anuencia.pdf	12/09/2022 11:35:18	PAULO ROBERTO FRANCISCO DE LIMA	Aceito
Orçamento	orcamento.pdf	12/09/2022 11:34:10	PAULO ROBERTO FRANCISCO DE LIMA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	tcle.pdf	12/09/2022 11:32:42	PAULO ROBERTO FRANCISCO DE LIMA	Aceito

Endereço: Prédio da Reitoria da UFPB - 1º Andar

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UEPB**



Continuação do Parecer: 5.659.416

Ausência	tcie.pdf	12/09/2022 11:32:42	PAULO ROBERTO FRANCISCO DE LIMA	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	12/09/2022 11:31:16	PAULO ROBERTO FRANCISCO DE LIMA	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	12/09/2022 11:26:13	PAULO ROBERTO FRANCISCO DE LIMA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JOAO PESSOA, 22 de Setembro de 2022

Assinado por:
Eliane Marques Duarte de Sousa
(Coordenador(a))

Endereço: Prédio da Reitoria da UFPB 2 1º Andar
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900
UF: PB **Município:** JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

ANEXO 02: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado por Otávio, Maria, Edite, Maria do Socorro, Suzana e Jandira.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



**MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO (TCLE)**

Prezado (a), _____.

Os pesquisadores Paulo Roberto Francisco de Lima e o orientador Professor Doutor João Batista Gonçalves Bueno, convidam você a participar da pesquisa intitulada **“EXPERIÊNCIAS, SENSIBILIDADES E PRÁTICAS DOCENTES: ENSINO DE HISTÓRIA E A MEMÓRIA DAS LIGAS CAMPONESAS, SAPÉ (2017-2022)”**. Para tanto você precisará assinar o TCLE que visa assegurar a proteção, a autonomia e o respeito aos participantes de pesquisa em todas as suas dimensões: física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural e/ou espiritual – e que a estruturação, o conteúdo e forma de obtenção dele observam as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos preconizadas pela **Resolução 466/2012 e/ou Resolução 510/2016**, do Conselho Nacional de Saúde e Ministério da Saúde.

Sua decisão de participar neste estudo deve ser voluntária e que ela não resultará em nenhum custo ou ônus financeiro para você (ou para o seu empregador, quando for este o caso) e que você não sofrerá nenhum tipo de prejuízo ou punição caso decida não participar desta pesquisa. Todos os dados e informações fornecidos por você serão tratados de forma anônima/sigilosa, não permitindo a sua identificação.

OBJETIVOS:

O objetivo desse estudo é analisar o ensino de história local na Escola Municipal Luiz José Gonçalo, localizada na zona rural da cidade de Sapé a partir dos saberes históricos trazidos pelos alunos para sala de aula sobre as lutas camponesas vivenciadas historicamente na cidade.

METODOLOGIA DE ANÁLISE DE DADOS

As entrevistas serão gravadas e depois transcritas para construção de *corpus* a ser analisado seguindo regras da História Oral. A análise e interpretação serão feitas a partir dos resultados colhidos nas entrevistas, em diálogo com o professor/a orientador/a, faremos a seleção das respostas/diálogos, que revelem as emoções boas e ruins que interessem a esta pesquisa.

RISCOS

Percebemos que a pesquisa apresenta riscos mínimos, mesmo assim existe sempre a possibilidade do entrevistado se sentir desconfortável com alguma pergunta ou situação, logo, conforme o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) que será entregue os participantes, eles poderão interromper a entrevista a qualquer momento se assim desejado, tudo será de acordo a garantir o máximo possível de sigilo.

BENEFÍCIOS

Dado o caráter voluntário da pesquisa, os participantes não terão qualquer benefício direto, no entanto, poderá haver benefícios indiretos, pois quando discutirmos sobre as lutas e resistências vivenciadas no município, contribuimos para a não perda das experiências contadas através da história oral.

INFORMAÇÕES DE CONTATO

Nos casos de dúvida e esclarecimentos, o(a) entrevistado(a) deve procurar a pesquisador Paulo Roberto Francisco de Lima e seu orientador professor Doutor João Batista Gonçalves Bueno no Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), *campus* João Pessoa, endereço Campus I – Loteamento Cidade Universitária, Castelo Branco João Pessoa PB, cep 58051-900, telefone (83) 3216-7136 PPGH – CCHLA – UFPB.

Paulo Roberto Francisco de Lima

Telefone: +55 (83) 9 9918-7068

E-mail: pauloieg@yahoo.com

João Batista Gonçalves Bueno

Telefone: +55 (83) 9 9103-3333

E-mail: joaobgbueno@hotmail.com

Endereço e Informações de Contato do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)/CCS/UFPB

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

Centro de Ciências da Saúde (1º andar) da Universidade Federal da Paraíba

Campus I – Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 – João Pessoa-PB

Telefone: +55 (83) 3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

Horário de Funcionamento: de 07h às 12h e de 13h às 16h.

Homepage: <http://www.ccs.ufpb.br/eticaccsufpb>

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Ao colocar sua assinatura ao final deste documento, VOCÊ, de forma voluntária, na qualidade de PARTICIPANTE da pesquisa, expressa o seu consentimento livre e esclarecido para participar deste estudo e declara que está suficientemente informado(a), de maneira clara e objetiva, acerca da presente investigação. E receberá uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinada pelo(a) Pesquisador(a) Responsável.

Sapé-PB, _____ de _____ de _____.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

João Batista Gonçalves Bueno

Telefone: +55 (83) 9 9103-3333

E-mail: joaobgbueno@hotmail.com

**Endereço e Informações de Contato do Comitê de Ética em Pesquisa
(CEP)/CCS/UFPB**

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

Centro de Ciências da Saúde (1º andar) da Universidade Federal da Paraíba

Campus I – Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 – João Pessoa-PB

Telefone: +55 (83) 3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

Horário de Funcionamento: de 07h às 12h e de 13h às 16h.

Homepage: <http://www.ccs.ufpb.br/eticaccsufpb>

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Ao colocar sua assinatura ao final deste documento, VOCÊ, de forma voluntária, na qualidade de PARTICIPANTE da pesquisa, expressa o seu consentimento livre e esclarecido para participar deste estudo e declara que está suficientemente informado(a), de maneira clara e objetiva, acerca da presente investigação. E receberá uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinada pelo(a) Pesquisador(a) Responsável.

Sapé-PB, 12 de 04 de 2023.

Wagner de Oliveira

Assinatura do Participante

Paulo Roberto F. de Lima

Assinatura do Pesquisador



João Batista Gonçalves Bueno

Telefone: +55 (83) 9 9103-3333

E-mail: joaobgbueno@hotmail.com

**Endereço e Informações de Contato do Comitê de Ética em Pesquisa
(CEP)/CCS/UFPB**

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

Centro de Ciências da Saúde (1º andar) da Universidade Federal da Paraíba

Campus I – Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 – João Pessoa-PB

Telefone: +55 (83) 3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

Horário de Funcionamento: de 07h às 12h e de 13h às 16h.

Homepage: <http://www.ccs.ufpb.br/eticaccsufpb>

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Ao colocar sua assinatura ao final deste documento, VOCÊ, de forma voluntária, na qualidade de PARTICIPANTE da pesquisa, expressa o seu consentimento livre e esclarecido para participar deste estudo e declara que está suficientemente informado(a), de maneira clara e objetiva, acerca da presente investigação. E receberá uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinada pelo(a) Pesquisador(a) Responsável.

Sapé-PB, 12 de 04 de 2023.

Assinatura do Participante

Paulo Roberto F. de Lima

Assinatura do Pesquisador

João Batista Gonçalves Bueno

Telefone: +55 (83) 9 9103-3333

E-mail: joaobgbueno@hotmail.com

**Endereço e Informações de Contato do Comitê de Ética em Pesquisa
(CEP)/CCS/UFPB**

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

Centro de Ciências da Saúde (1º andar) da Universidade Federal da Paraíba

Campus I – Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 – João Pessoa-PB

Telefone: +55 (83) 3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

Horário de Funcionamento: de 07h às 12h e de 13h às 16h.

Homepage: <http://www.ccs.ufpb.br/eticaccsufpb>

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Ao colocar sua assinatura ao final deste documento, VOCÊ, de forma voluntária, na qualidade de PARTICIPANTE da pesquisa, expressa o seu consentimento livre e esclarecido para participar deste estudo e declara que está suficientemente informado(a), de maneira clara e objetiva, acerca da presente investigação. E receberá uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinada pelo(a) Pesquisador(a) Responsável.

Sapé-PB, 12 de 04 de 2023.

Edite Valentin de Lima Silva

Assinatura do Participante

Paulo Roberto F. de Lima

Assinatura do Pesquisador

João Batista Gonçalves Bueno

Telefone: +55 (83) 9 9103-3333

E-mail: joaobgbueno@hotmail.com

Endereço e Informações de Contato do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)/CCS/UFPB

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

Centro de Ciências da Saúde (1º andar) da Universidade Federal da Paraíba

Campus I – Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 – João Pessoa-PB

Telefone: +55 (83) 3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

Horário de Funcionamento: de 07h às 12h e de 13h às 16h.

Homepage: <http://www.ccs.ufpb.br/eticaccsufpb>

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Ao colocar sua assinatura ao final deste documento, VOCÊ, de forma voluntária, na qualidade de PARTICIPANTE da pesquisa, expressa o seu consentimento livre e esclarecido para participar deste estudo e declara que está suficientemente informado(a), de maneira clara e objetiva, acerca da presente investigação. E receberá uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinada pelo(a) Pesquisador(a) Responsável.

Sapé-PB, 12 de 04 de 2023.

Maria do Socorro Silva dos Santos

Assinatura do Participante

Paulo Roberto F. de Lima

Assinatura do Pesquisador



João Batista Gonçalves Bueno

Telefone: +55 (83) 9 9103-3333

E-mail: joaobgbueno@hotmail.com

Endereço e Informações de Contato do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)/CCS/UFPB

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

Centro de Ciências da Saúde (1º andar) da Universidade Federal da Paraíba

Campus I – Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 – João Pessoa-PB

Telefone: +55 (83) 3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

Horário de Funcionamento: de 07h às 12h e de 13h às 16h.

Homepage: <http://www.ccs.ufpb.br/eticaccsufpb>

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Ao colocar sua assinatura ao final deste documento, VOCÊ, de forma voluntária, na qualidade de PARTICIPANTE da pesquisa, expressa o seu consentimento livre e esclarecido para participar deste estudo e declara que está suficientemente informado(a), de maneira clara e objetiva, acerca da presente investigação. E receberá uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinada pelo(a) Pesquisador(a) Responsável.

Sapé-PB, 12 de 04 de 2023.

Suzana maria da Silva

Assinatura do Participante

Paulo Roberto F. de Lima

Assinatura do Pesquisador



João Batista Gonçalves Bueno
Telefone: +55 (83) 9 9103-3333
E-mail: joaobgbueno@hotmail.com

**Endereço e Informações de Contato do Comitê de Ética em Pesquisa
(CEP)/CCS/UFPB**

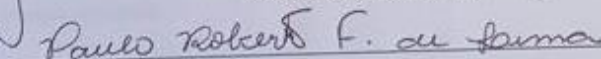
Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)
Centro de Ciências da Saúde (1º andar) da Universidade Federal da Paraíba
Campus I – Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 – João Pessoa-PB
Telefone: +55 (83) 3216-7791
E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br
Horário de Funcionamento: de 07h às 12h e de 13h às 16h.
Homepage: <http://www.ccs.ufpb.br/eticaccsufpb>

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Ao colocar sua assinatura ao final deste documento, VOCÊ, de forma voluntária, na qualidade de PARTICIPANTE da pesquisa, expressa o seu consentimento livre e esclarecido para participar deste estudo e declara que está suficientemente informado(a), de maneira clara e objetiva, acerca da presente investigação. E receberá uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinada pelo(a) Pesquisador(a) Responsável.

Sapé-PB, 12 de 04 de 2023.


Assinatura do Participante


Assinatura do Pesquisador

Anexo 03: Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – (TALE) assinado por João Emanuel, Emilly, Kauã José, Wellington e José Benício

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE

(Elaborado de acordo com a Resolução N° 510/2016 do CNS)

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa intitulada **“EXPERIÊNCIAS, SENSIBILIDADES E PRÁTICAS DOCENTES: ENSINO DE HISTÓRIA E A MEMÓRIA DAS LIGAS CAMPONESAS, SAPÉ (2017-2022)”**, desenvolvida por **PAULO ROBERTO FRANCISCO DE LIMA**, aluno regularmente matriculado no Curso de Mestrado em História do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Paraíba (PPGH/UFPB), sob a orientação do Prof. Drº. **JOÃO BATISTA GONÇALVES BUENO**.

Os objetivos da pesquisa são: Analisar o ensino de história local na Escola Municipal Luiz José Gonçalo, localizada na zona rural da cidade de Sapé a partir dos saberes históricos trazidos pelos alunos para sala de aula sobre as lutas camponesas vivenciadas historicamente na cidade; Problematicar a documentação que normaliza o ensino de História Local na cidade de Sapé, bem como, os projetos de ensino construídos nos planejamentos docentes para as vivências educativas; Perceber a apropriação da história local por parte dos alunos que contribuem com a construção do conhecimento em sala de aula trazendo as histórias ouvidas e vividas por seus familiares no campo; Discutir o material didático produzido em parceria por docentes e discentes sobre os conteúdos de história local, a exemplo das Ligas Camponesas e das lutas por direito do homem e da mulher do campo, utilizados em sala de aula; Avaliar as atividades imagético-discursivas produzidas pelos alunos após debate temático em sala de aula, responsável por revelar as afetividades manifestadas nos discentes ao produzir

as respostas às questões levantadas em sala de aula; Rememorar junto aos pais histórias sobre as ligas camponesas.

Justifica-se o presente estudo por se tratar de uma pesquisa que irá contribuir com as discussões a respeito da história oral a partir das memórias e sensibilidades no ensino-aprendizagem. Acreditamos que ao resgatar suas vivências, suas relações com o tema Ligas camponesas e com a sociedade, a História torna-se mais próxima, pois pode ultrapassar a teoria trazida nos livros e a escassez de informações sobre a temática, uma vez que pode ser associada ao convívio social e alargar as possibilidades de ensino. Aproveitar a fala e as experiências dos alunos é considerá-lo sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem, não mais como um receptor de informações prontas, mas como um sujeito que pode contribuir para a construção do conhecimento.

Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): o uso de questionário, de entrevista semiestruturada, a partir de roda de conversa.

Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pela pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo apresenta risco mínimo, limitado à possibilidade de eventual desconforto psicológico ao responder o questionário, para que isso não venha a ocorrer, será escolhido um local privado sem a presença de pessoas alheias ao estudo, enquanto que, em contrapartida, os benefícios obtidos com este trabalho serão importantíssimos e traduzidos em esclarecimentos para a população estudada. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisadora responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos.

Este Termo de Assentimento Livre e Esclarecido encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável, e a outra será fornecida a você.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Vale ressaltar que durante todas as etapas da presente pesquisa serão cumpridas todas as determinações constantes das Resoluções 466/12 e 510/16 ambas do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que disciplina as pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil.

Eu, _____, fui informado(a) dos objetivos, justificativa, risco e benefício do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo assentimento assinado por mim e pelo pesquisador responsável, e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Sapé-PB, ____ de _____ de 2023.

Assinatura do (a) menor

Assinatura do Pesquisador Responsável

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Pesquisador Responsável: Prof. Paulo Roberto Francisco de Lima

Endereço do Pesquisador Responsável: Rua Carmelita Pereira de Almeida, 181, apto 102, João Paulo II – João Pessoa-PB - CEP: 58.076-633 - Fones: 9 9918-7068 - E-mail: pauloieg@yahoo.com

E-mail do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba: eticaccs@ccs.ufpb.br – fone: (83) 3216-7791 – Fax: (83) 3216-7791

Endereço: Cidade Universitária – Campus I – Conj. Castelo Branco – CCS/UFPB – João Pessoa-PB - CEP 58.051-900

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Vale ressaltar que durante todas as etapas da presente pesquisa serão cumpridas todas as determinações constantes das Resoluções 466/12 e 510/16 ambas do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que disciplina as pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil.

Eu, João Emanuel de Lima fui informado(a) dos objetivos, justificativa, risco e benefício do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo assentimento assinado por mim e pelo pesquisador responsável, e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Sapé-PB, 12 de 04 de 2023.

João Emanuel de Lima Silva
Assinatura do (a) menor

Paulo Roberto F. de Lima
Assinatura do Pesquisador Responsável

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Pesquisador Responsável: Prof. Paulo Roberto Francisco de Lima

Endereço do Pesquisador Responsável: Rua Carmelita Pereira de Almeida, 181, apto 102, João Paulo II – João Pessoa-PB - CEP: 58.076-433 - Fones: 9 9918-7068 - E-mail: pauloieg@yahoo.com

E-mail do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba: eticaces@ccs.ufpb.br – fone: (83) 3216-7791 – Fax: (83) 3216-7791

Endereço: Cidade Universitária – Campus I – Conj. Castelo Branco – CCSA/FPB – João Pessoa-PB - CEP 58.051-900

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Vale ressaltar que durante todas as etapas da presente pesquisa serão cumpridas todas as determinações constantes das Resoluções 466/12 e 510/16 ambas do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que disciplina as pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil.

Eu, Emilly Mikaeli dos Santos fui informado(a) dos objetivos, justificativa, risco e benefício do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo assentimento assinado por mim e pelo pesquisador responsável, e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Sapé-PB, 12 de 04 de 2023.

Emilly Mikaeli dos Santos Silva
Assinatura do (a) menor

Paulo Roberto F. de Lima
Assinatura do Pesquisador Responsável

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Pesquisador Responsável: Prof. Paulo Roberto Francisco de Lima

Endereço do Pesquisador Responsável: Rua Carmelita Pereira de Almeida, 181, apto 102, João Paulo II – João Pessoa-PB - CEP: 58.076-633 - Fones: 9 9918-7068 - E-mail: pauloieg@yahoo.com

E-mail do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba: eticaccs@ccs.ufpb.br – fone: (83) 3216-7791 – Fax: (83) 3216-7791

Endereço: Cidade Universitária – Campus I – Conj. Castelo Branco – CCS/UFPA – João Pessoa-PB - CEP 58.051-900

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Vale ressaltar que durante todas as etapas da presente pesquisa serão cumpridas todas as determinações constantes das Resoluções 466/12 e 510/16 ambas do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que disciplina as pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil.

Eu, Kauã, fui informado(a) dos objetivos, justificativa, risco e benefício do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo assentimento assinado por mim e pelo pesquisador responsável, e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Sapé-PB, 12 de 04 de 2023.

Kauã José dos Santos Silva
Assinatura do (a) menor

Paulo Roberto F. de Lima
Assinatura do Pesquisador Responsável

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Pesquisador Responsável: Prof. Paulo Roberto Francisco de Lima

Endereço do Pesquisador Responsável: Rua Carmelita Pereira de Almeida, 181, apto 102, João Paulo II – João Pessoa-PB - CEP: 58.076-633 - Fones: 9 9918-7068 - E-mail: pauloieg@yahoo.com

E-mail do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba: eticaces@ccs.ufpb.br – fone: (83) 3216-7791 – Fax: (83) 3216-7791

Endereço: Cidade Universitária – Campus I – Conj. Castelo Branco – CCS/UFPB – João Pessoa-PB - CEP 58.051-900



Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Vale ressaltar que durante todas as etapas da presente pesquisa serão cumpridas todas as determinações constantes das Resoluções 466/12 e 510/16 ambas do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que disciplina as pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil.

Eu, Wellington, fui informado(a) dos objetivos, justificativa, risco e benefício do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo assentimento assinado por mim e pelo pesquisador responsável, e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Sapé-PB, 12 de 04 de 2023.

Wellington F. Silva
Assinatura do (a) menor

Paulo Roberto S. de Lima
Assinatura do Pesquisador Responsável

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Pesquisador Responsável: Prof. Paulo Roberto Francisco de Lima

Endereço do Pesquisador Responsável: Rua Carmelita Pereira de Almeida, 181, apto. 102, João Paulo II – João Pessoa-PB - CEP: 58.076-633 - Fones: 9 9918-7068 - E-mail: pauloieg@yahoo.com

E-mail do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba: eticaeccs@ccs.ufpb.br – fone: (83) 3216-7791 – Fax: (83) 3216-7791

Endereço: Cidade Universitária – Campus I – Conj. Castelo Branco – CCS/UFPB – João Pessoa-PB - CEP 58.051-900



ANEXO 04: Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento (Para Pais/Responsáveis dos Estudantes) assinado por Maria, Edite, Maria do Socorro, Joineide e Suzana

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



**TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO
(PARA PAIS/RESPONSÁVEIS DOS ESTUDANTES)**

O(A) seu(ua) filho(a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada: **“EXPERIÊNCIAS, SENSIBILIDADES E PRÁTICAS DOCENTES: ENSINO DE HISTÓRIA E A MEMÓRIA DAS LIGAS CAMPONESAS, SAPÉ (2017-2022)”**, desenvolvida por **PAULO ROBERTO FRANCISCO DE LIMA**, aluno regularmente matriculado no Curso de Mestrado em História do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Paraíba (PPGH-UFPB), sob a orientação do Prof. Dr.^o **JOÃO BATISTA GONÇALVES BUENO**.

Os objetivos da pesquisa são: Analisar o ensino de história local na Escola Municipal Luiz José Gonçalves, localizada na zona rural da cidade de Sapé a partir dos saberes históricos trazidos pelos alunos para sala de aula sobre as lutas camponesas vivenciadas historicamente na cidade; Problematicar a documentação que normaliza o ensino de História Local na cidade de Sapé, bem como, os projetos de ensino construídos nos planejamentos docentes para as vivências educativas; Perceber a apropriação da história local por parte dos alunos que contribuem com a construção do conhecimento em sala de aula trazendo as histórias ouvidas e vividas por seus familiares no campo; Discutir o material didático produzido em parceria por docentes e discentes sobre os conteúdos de história local, a exemplo das Ligas Camponesas e das lutas por direito do homem e da mulher do campo, utilizados em sala de aula; Avaliar as atividades imagético-discursivas produzidas pelos alunos após debate temático em sala de aula, responsável por revelar as afetividades manifestadas nos discentes ao produzir as respostas às

questões levantadas em sala de aula; Rememorar junto aos pais histórias sobre as ligas camponesas.

Justifica-se o presente estudo por se tratar de uma pesquisa que irá contribuir com as discussões a respeito da história oral a partir das memórias e sensibilidades no ensino-aprendizagem. Acreditamos que ao resgatar suas vivências, suas relações com o tema Ligas camponesas e com a sociedade, a História torna-se mais próxima, pois pode ultrapassar a teoria trazida nos livros e a escassez de informações sobre a temática, uma vez que pode ser associada ao convívio social e alargar as possibilidades de ensino. Aproveitar a fala e as experiências dos alunos é considerá-lo sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem, não mais como um receptor de informações prontas, mas como um sujeito que pode contribuir para a construção do conhecimento.

A participação do seu(ua) filho(a) na presente pesquisa é de fundamental importância, mas será voluntária, não lhe cabendo qualquer obrigação de fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelos pesquisadores se não concordar com isso, bem como, participando ou não, nenhum valor lhe será cobrado, como também não lhe será devido qualquer valor.

Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): o uso de questionário, de entrevista semiestruturada, a partir de roda de conversa.

Caso o seu(ua) filho(a) decida não participar do estudo ou resolver a qualquer momento dele desistir, nenhum prejuízo lhe será atribuído, sendo importante o esclarecimento de que os riscos da participação do(a) seu(ua) filho(a) são considerados mínimos, limitado à possibilidade de eventual desconforto psicológico ao responder o questionário, para que isso não venha a ocorrer, será escolhido um local privado sem a presença de pessoas alheias ao estudo, enquanto que, em contrapartida, os benefícios obtidos com este trabalho serão importantíssimos e traduzidos em esclarecimentos para a população estudada. Apesar disso, seu(ua) filho(a) terá assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados deste estudo estarão à sua disposição quando finalizado. O nome do(a) seu(ua) filho(a) ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisadora responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos.

Em todas as etapas da pesquisa serão fielmente obedecidos os Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme Resoluções nº. 466/2012 e 510/16 ambas do Conselho Nacional de Saúde, que disciplina as pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil.

Solicita-se, ainda, a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos científicos ou divulgá-los em revistas científicas, assegurando-se que o nome do(a) seu(ua) filho(a) será mantido no mais absoluto sigilo por ocasião da publicação dos resultados.

Caso a participação de seu(ua) filho(a) implique em algum tipo de despesa, a mesma será ressarcida pelo pesquisadora responsável, o mesmo ocorrendo caso ocorra algum dano.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Eu, _____, declaro que fui devidamente esclarecido (a) quanto aos objetivos, justificativa, riscos e benefícios da pesquisa, e dou o meu consentimento para que meu(inha) filho(a) possa dela participar e para a publicação dos resultados, assim como o uso de minha imagem dos mesmos nos slides destinados à apresentação do trabalho final. Estou ciente de que receberei uma cópia deste documento, assinada por mim e pelo pesquisadora responsável, como se trata de um documento em duas páginas, a primeira deverá ser rubricada tanto pela pesquisadora responsável quanto por mim.

Sapé-PB, ____ de _____ de 2023.

Pesquisador Responsável

Responsável pelo(a) Participante da Pesquisa

Testemunha

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Pesquisador Responsável: Prof. Paulo Roberto Francisco de Lima

Endereço do Pesquisador Responsável: Rua Carmelita Pereira de Almeida, 181, apto 102, João Paulo II – João Pessoa-PB - CEP: 58.076-633 - Fones: 9 9918-7068 - E-mail: pauloieg@yahoo.com

E-mail do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba: eticaccs@ccs.ufpb.br – fone: (83) 3216-7791 – Fax: (83) 3216-7791

Endereço: Cidade Universitária – Campus I – Conj. Castelo Branco – CCS/UFPB – João Pessoa-PB - CEP 58.051-900

Solicita-se, ainda, a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos científicos ou divulgá-los em revistas científicas, assegurando-se que o nome do(a) seu(ua) filho(a) será mantido no mais absoluto sigilo por ocasião da publicação dos resultados.

Caso a participação de seu(ua) filho(a) implique em algum tipo de despesa, a mesma será ressarcida pelo pesquisadora responsável, o mesmo ocorrendo caso ocorra algum dano.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Eu, Josineide de Sales Braga, declaro que fui devidamente esclarecido (a) quanto aos objetivos, justificativa, riscos e benefícios da pesquisa, e dou o meu consentimento para que meu(inha) filho(a) possa dela participar e para a publicação dos resultados, assim como o uso de minha imagem dos mesmos nos slides destinados à apresentação do trabalho final. Estou ciente de que receberei uma cópia deste documento, assinada por mim e pelo pesquisador responsável, como se trata de um documento em duas páginas, a primeira deverá ser rubricada tanto pelo pesquisador responsável quanto por mim.

Sapé-PB, 12 de 04 de 2023.

Paulo Roberto F. de Kemp

Pesquisador Responsável

Josineide de Sales Braga

Responsável pelo(a) Participante da Pesquisa

Edmilson Vieira do Nascimento

Testemunha

Solicita-se, ainda, a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos científicos ou divulgá-los em revistas científicas, assegurando-se que o nome do(a) seu(ua) filho(a) será mantido no mais absoluto sigilo por ocasião da publicação dos resultados.

Caso a participação de seu(ua) filho(a) implique em algum tipo de despesa, a mesma será ressarcida pelo pesquisadora responsável, o mesmo ocorrendo caso ocorra algum dano.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Eu, _____, declaro que fui devidamente esclarecido (a) quanto aos objetivos, justificativa, riscos e benefícios da pesquisa, e dou o meu consentimento para que meu(inha) filho(a) possa dela participar e para a publicação dos resultados, assim como o uso de minha imagem dos mesmos nos slides destinados à apresentação do trabalho final. Estou ciente de que receberei uma cópia deste documento, assinada por mim e pelo pesquisador responsável, como se trata de um documento em duas páginas, a primeira deverá ser rubricada tanto pelo pesquisador responsável quanto por mim.

Sapé-PB, 12 de 04 de 2023.

Paulo Roberto F. de Kemp
Pesquisador Responsável

Responsável pelo(a) Participante da Pesquisa

Edmilson Gusmano do Nascimento
Testemunha

Solicita-se, ainda, a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos científicos ou divulgá-los em revistas científicas, assegurando-se que o nome do(a) seu(u) filho(a) será mantido no mais absoluto sigilo por ocasião da publicação dos resultados.

Caso a participação de seu(u) filho(a) implique em algum tipo de despesa, a mesma será ressarcida pelo pesquisadora responsável, o mesmo ocorrendo caso ocorra algum dano.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Eu, Suzana Maria da Silva, declaro que fui devidamente esclarecido (a) quanto aos objetivos, justificativa, riscos e benefícios da pesquisa, e dou o meu consentimento para que meu(inha) filho(a) possa dela participar e para a publicação dos resultados, assim como o uso de minha imagem dos mesmos nos slides destinados à apresentação do trabalho final. Estou ciente de que receberei uma cópia deste documento, assinada por mim e pelo pesquisador responsável, como se trata de um documento em duas páginas, a primeira deverá ser rubricada tanto pelo pesquisador responsável quanto por mim.

Sapé-PB, 12 de 04 de 2023.

Paulo Roberto F. de Lima

Pesquisador Responsável

Suzana Maria da Silva

Responsável pelo(a) Participante da Pesquisa

Edmilson Vasconcelos do Nascimento

Testemunha

Solicita-se, ainda, a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos científicos ou divulgá-los em revistas científicas, assegurando-se que o nome do(a) seu(ua) filho(a) será mantido no mais absoluto sigilo por ocasião da publicação dos resultados.

Caso a participação de seu(ua) filho(a) implique em algum tipo de despesa, a mesma será ressarcida pelo pesquisadora responsável, o mesmo ocorrendo caso ocorra algum dano.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Eu, Maria do Socorro Silva dos Santos declaro que fui devidamente esclarecido (a) quanto aos objetivos, justificativa, riscos e benefícios da pesquisa, e dou o meu consentimento para que meu(inha) filho(a) possa dela participar e para a publicação dos resultados, assim como o uso de minha imagem dos mesmos nos slides destinados à apresentação do trabalho final. Estou ciente de que receberei uma cópia deste documento, assinada por mim e pelo pesquisador responsável, como se trata de um documento em duas páginas, a primeira deverá ser rubricada tanto pelo pesquisador responsável quanto por mim.

Sapé-PB, 12 de 04 de 2023.

Paulo Roberto F. de Lima
Pesquisador Responsável

Maria do Socorro Silva dos Santos
Responsável pelo(a) Participante da Pesquisa

Edmundo Severino do Nascimento
Testemunha

Solicita-se, ainda, a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos científicos ou divulgá-los em revistas científicas, assegurando-se que o nome do(a) seu(ua) filho(a) será mantido no mais absoluto sigilo por ocasião da publicação dos resultados.

Caso a participação de seu(ua) filho(a) implique em algum tipo de despesa, a mesma será ressarcida pelo pesquisadora responsável, o mesmo ocorrendo caso ocorra algum dano.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Eu, Edite Valentin de Lima Silva, declaro que fui devidamente esclarecido (a) quanto aos objetivos, justificativa, riscos e benefícios da pesquisa, e dou o meu consentimento para que meu(inha) filho(a) possa dela participar e para a publicação dos resultados, assim como o uso de minha imagem dos mesmos nos slides destinados à apresentação do trabalho final. Estou ciente de que receberei uma cópia deste documento, assinada por mim e pelo pesquisador responsável, como se trata de um documento em duas páginas, a primeira deverá ser rubricada tanto pelo pesquisador responsável quanto por mim.

Sapé-PB, 12 de 04 de 2023.

Paulo Roberto F. de Brito
Pesquisador Responsável

Edite Valentin de Lima Silva
Responsável pelo(a) Participante da Pesquisa

Juliano César F. dos Santos
Testemunha

ANEXO 05: Lei nº 1.401/2021



Lei nº 1.401/2021

Sapé, 27 de setembro de 2021.

Autor: Vereador Davyd Matias de Souza

**DECLARA DE UTILIDADE PÚBLICA O
"MEMORIAL DAS LIGAS CAMPONESAS DO
MUNICÍPIO DE SAPÉ".**

O PREFEITO CONSTITUCIONAL DO MUNICÍPIO DE SAPÉ, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo artigo 68, da Lei Orgânica do Município de Sapé, faz saber que o Poder Legislativo aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - Fica declarado de Utilidade Pública, nos termos da Lei Municipal o Memorial das Ligas Camponesas do Município de Sapé.

Art. 2º - A entidade referida no art. 1º deverá apresentar ao Chefe do Poder Executivo Municipal, até 30(trinta) de abril no ano precedente.

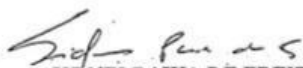
Art. 3º - Será objeto de Lei revogando os efeitos da declaração de Utilidade Pública.

I - deixar de cumprir a exigência art 2º desta Lei;

II - substituir os fins estatutários ou negar-se a prestar serviços nestes compreendidos ou quando solicitados pela municipalidade, salvo este último por justo motivo;

Art. 4º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Prefeitura Municipal de Sapé, em 27 de setembro de 2021.


SIDNEI PAIVA DE FREITAS

Prefeito

ANEXO 06: Lei nº 1.402/2021


**PREFEITURA DE
SAPÉ**
TEMPO DE DESENVOLVIMENTO
ESTADO DA PARAÍBA
PREFEITURA MUNICIPAL DE SAPÉ
GABINETE DO PREFEITO
SAPÉ-PB

Lei nº 1.402/2021
Autor: Vereador Davyd Matias de Souza

Sapé, 27 de setembro de 2021.

DISPÕE SOBRE A INCLUSÃO, NA GRADE CURRICULAR DAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE ENSINO FUNDAMENTAL 1, A DISCIPLINA DE HISTÓRIA E CULTURA DE SAPÉ.

O PREFEITO CONSTITUCIONAL DO MUNICÍPIO DE SAPÉ, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo artigo 68, da Lei Orgânica do Município de Sapé, faz saber que o Poder Legislativo aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - A disciplina "História e Cultura de Sapé" deverá ser incluída na grade curricular das Escolas de Ensino Fundamental 1 da Rede Municipal de Sapé.

Art. 2º - Caberá ao Órgão competente desta Administração estabelecer o conteúdo, incluindo a história, as artes, a poesia, a música, o folclore, os hábitos e costumes, noções sobre turismo rural, personalidades como Augusto dos Anjos, Ligas Camponesas e as pessoas de João Pedro Teixeira e Elizabeth Teixeira, João Alfredo Dias (Nego Fuba) e demais lideranças das Ligas Camponesas, Aparecida Melo, entre outros.

Art. 3º - Cabe a Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Turismo, oferecer formações continuadas referente a disciplina para professores e professoras do Município no Centro de Formação em Educação Popular e Agroecológica Elizabeth Teixeira localizado no Município de Sapé.

Art. 4º - A Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Turismo, deverá apresentar essa grade curricular elaborada para todo o Conselho Municipal de Educação e assim discutir com o órgão a importância de tal disciplina e a abrangência da História de Sapé, para que assim seja replicada para toda a rede.


**PREFEITURA DE
SAPÉ**
TEMPO DE DESENVOLVIMENTO
ESTADO DA PARAÍBA
PREFEITURA MUNICIPAL DE SAPÉ
GABINETE DO PREFEITO
SAPÉ-PB

Art. 5º - A construção da grade curricular da disciplina deve ser feita mediante o calendário Municipal que em sua estrutura já contempla datas comemorativas da história do Município e por isso a necessidade dessa adaptação.

Art. 6º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Prefeitura Municipal de Sapé, em 27 de setembro de 2021.


SIDNEI PAIVA DE FREITAS
Prefeito